

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS I.

Chefe Osvaldo.



Prefacio.

Histórias Maravilhosas I tem uma explicação lógica. Quando com a colaboração do amigo Fernando Robleno, pois ele foi o mentor de Histórias Escoteiras II enviei a ele a de numero I para que ele pudesse montar o livro. Ficou fantástico e como a de número I deixou de existir e logo em seguida veio a III e a IV ficou uma lacuna de sequencia. Porque não refazer e escrever a I? Aqui está ela. Contos e lendas inéditas em publicações. Sejam bem vindos e espero que seja como esperavam.
Chefe Osvaldo.

Apenas uma lenda.

Conta à lenda que uma Baronesa praticava muitas maldades contra seus escravos. Os escravos cansados de tanta crueldade resolveram tomar uma atitude. Um feiticeiro negro revoltado com suas injustiças lançou um feitiço na Baronesa, ela foi transformada em porca, e seus sete filhos foram transformados em porquinhos. Segundo dizem, a sina deles é andar fuçando com o focinho no chão a procura de um anel enterrado, quando encontrarem esse anel, quebrarão o feitiço e voltarão a ser o que eram.

Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho!

O Filho Único deitou-se outra vez e sonhou que estava tendo um sonho.
Com estalo de fagulha a última cinza no fogo se apagou,
E o Filho Único levantou-se outra vez e na escuridão clamou:
- Ora, nasci de mulher e ouvi da mãe acalanto?
Pois sonhei repousar em sombrio recanto.
E nasci de mulher e encontrei no pai defesas?
Pois sonhei achar refúgio em longas presas.
Ah, nasci de mulher e tive solitários brinquedos?
Pois sonhei com amigos mordendo-me em seus folguedos.
E mergulhei no leite o pão de cevada?
Pois sonhei com currais e carne crua estraçalhada.
Falta uma hora e falta uma hora para o anoitecer
Mas, como dia claro, pontos negros no chão posso ver!
É uma légua e uma légua até as Quedas do Lena
onde o *sambhur* em tropel se vai reunir,
Mas a corça nova atrás da mãe balindo posso ouvir!
É uma légua e uma légua até as Quedas do Lena
onde a seara e o planalto se vão encontrar,
Mas o vento quente e úmido que sopra no trigal posso cheirar!
Kipling.

A Arara azul da Princesa Lorena.

Rio da Prata nunca esqueceu aquela tarde que uma revoada de pássaros voou sobre a cidade fazendo acrobacias e com seus chilros e cantos assustando todos os habitantes que se refugiaram em suas casas. Foi realmente algum fantástico. Muitos tiraram fotos e outros gravaram os sons. Havia cinco meses que uma seca infernal não dava trégua à cidade. Vivendo somente de plantações e grande exportadora de tomate o prejuízo aumentava dia a dia. Quase todos os oito mil habitantes dependiam da cooperativa para sobreviver. Romarias, procissões e até os que faziam magia negra corriam em todas as esquinas da cidade. Nada adiantava. Na Tropa Escoteira feminina Kalapalo havia três meses que não saiam para atividades fora da sede. Os pais achavam que não deviam, pois uma queimada poderia produzir acidentes que seriam impossíveis de prever os resultados.

A Princesa Lorena, apelido carinhoso dado pela sua patrulha tentava entender o porquê não podiam acampar. O programa anual já tinha várias datas canceladas. Quando a noite ia dormir, ajoelhava ao pé de sua cama e pedia a Deus as chuvas que não estavam caindo. Um dia ela leu que se você rezar por chuva por bastante tempo, ela fatalmente cai. Se você rezar para que enxurradas se acalmem, elas fatalmente o farão. O mesmo acontece na ausência de preces. Assim A Princesa Lorena todas as noites rezava de joelhos ao pé de sua cama. Ela rezava a oração de um cantor já falecido (Luiz Gonzaga) e dizia: Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho, eu peço pra chover, mas chover de mansinho. Pra ver se nascia uma planta no chão. Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe, Eu acho que a culpa foi desse pobre que nem sabe fazer oração Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água e ter-lhe pedido cheinho de mágoa pro sol inclemente se arretirar.

A Princesa Lorena acreditava nas suas orações. Ela conversava muito Kika, uma arara azul que a tropa acolheu em um acampamento na Serra do Pintassilgo. Encontraram-na desfalecida as margens do Riacho Florido. Lorena levou-a para seu campo de patrulha, enrolou-a em um pano maior e viu que a Arara piscou os olhos várias vezes. Durante os três dias de acampamento a Princesa Lorena cuidou da Arara e a chamou de Kika. Foi amor à primeira vista. Quando após o cerimonial de bandeira e o debandar, ela foi conversar com sua Chefe se podia levar Kika para a cidade. – Tudo bem Princesa – disse ela. Mas você vai levar para sua casa? – A princesa Lorena pensou que a Arara não era só sua. Todos cuidaram. Conversou com a patrulha. As Escoteiras assumiram a responsabilidade de cada dia uma delas iria até a sede e alimentá-la. Assim foi feito. Kika passou a ser mais uma da tropa Kalapalo. Kika adorava. Aprendeu a gritar Sempre Alerta, aprendeu a gritar Melhor possível e chamar os lobos para o grande uivo.

A Princesa Lorena aprendera com sua Chefe Nádia que se você fala com os animais eles falarão com você e vocês conhecerão um ao outro. Se não falar com eles você não os conhecerá, e o que você não conhece você temerá. E aquilo que tememos, destruímos. A vida de Lorena mudou muito depois de Kika. Ela tinha três amores na vida, sua família, sua Chefe e sua patrulha. Um dia sem ninguém esperar um homem adentrou no pátio da sede Escoteira a procura do Chefe do Grupo. Apresentou a ele um papel onde estava escrito: O IBAMA recolhe a Arara por não ter registro de um criador autorizado. Foi um susto enorme. Tentaram explicar que a Kika foi achada quase morta. Não adiantou. Ninguém acreditava no que estava vendo. A Princesa chorava a mais não poder. Os lobos as Escoteiras e os Escoteiros fizeram um círculo em volta de Kika. - Não vamos deixara gritaram. Os seniores e

os pioneiros ameaçaram o Fiscal do IBAMA. A Chefe Nádia acalmou todos. Kika foi levada em um carro e desapareceu na esquina da Rua Mercedes.

Foi então que a seca tomou conta do sertão. A cidade de Rio da Prata sofria com a falta de chuva. Um mês se passou desde que levaram Kika. Havia uma revolta no ar e foi então que uma revoada de pássaros apareceu sobre a cidade. Não era milhares eram milhões ou mais. O céu ficou escuro. Foi Gualberto da Patrulha Onça Parda quem disse que eles atacavam onde Kika e outros pássaros estavam presos. Arrebentaram tudo. Gaviões enormes, Araras gigantescas, Águias formosas, urubus-reis eram tantos que nem dava para imaginar porque faziam aquilo. Trovões ribombaram no céu. A chuva chegou forte e não deu trégua. O que restava do Centro de Triagem dos animais foi destruído pela enchente do Rio da Prata. Os pássaros presos desapareceram com a revoada dos pássaros. Duas horas depois o céu clareou apesar da chuva fina e intermitente. A patrulha Javali da Princesa Lorena fez uma busca onde Kika vivia prisioneira. Não encontram nenhum pássaro.

Dois meses depois, mesmo sabendo que Kika agora vivia solta e junto a outros pássaros como ela, a tropa ainda se mantinha tristonha. Quando o Chefe pediu a Patrulha de serviço para hastear a bandeira ouviram uma voz estridente - “A bandeira, em saudação!”. Olharam para o alto do mastro e lá estava nada mais nada menos que Kika. Uma algazarra geral. Palmas gritos e então notaram que ao lado da Arara Azul estava um lindo Papagaio Verde e Amarelo. Foi ele quem gritou - “Sempre Alerta”! Escoteirada. Foi à conta, o festival de vivas, sorrisos, bem vindos partiam de todas as sessões presentes naquele grupo. Não demorou muito os pais souberam do retorno de Kika e seu namorado. A sede ficou cheia de gente. Kika desceu até o ombro da Princesa Lorena - Bicou-a de leve em seu nariz. Mexendo com a cabeça Kika falou - Adeus Escoteira, diga adeus a todos. Estou partindo para a Floresta Encantada onde moram os pássaros amigos. Não chore com minha partida, pois irei sempre vir aqui visitar você e esta turma maravilhosa. Logo Kika e o Papagaio Verde e Amarelo subiram aos céus e em um mergulho enorme sobrevoaram a sede do grupo e sumiram com o sol que estava se ponto na Montanha do Quati.

Dizem amigos que passam pela cidade de Rio da Prata que todo ano uma revoada de pássaros se faz presente. Tornou-se um atrativo turístico. Dizem que agora nesta data os Escoteiros e lobos de outras cidades sempre estão lá acampando e quando a revoada termina milhares de Araras Vermelhas, Verdes e Azuis acorrem nos acampamentos gritando alto para todos os acampadores. - Rataplã do Arrebol! Sempre Alerta! Prometo pela minha honra e muitas outras palavras. Todos sabem que foi Kika quem ensinou. Ela sempre não se esquece da Princesa Lorena, pousada em seu ombro, bica seu nariz e parte voando com seus amigos para o céu azul profundo. Quando conto esta história me lembro de que aprendi com um Velho índio que dizia - Conheça a si próprio. Saiba que ninguém faz seu caminho por você e à estrada é sua somente. Acredite que seus amigos andam ao seu lado, mas ninguém anda por você!

A odisseia de Gegê um Chefe Escoteiro.

(uma história fictícia que podia ser real)

Gegê tinha 35 anos. Viúvo vivia pelo seu filho Robertinho. Não era rico, mas o que ganhava dava para viver. Tinha uma pequena marcenaria no Bairro Vila da Saudade e mesmo com as dificuldades para criar um filho sem a mãe se sentia feliz. Um dia Robertinho disse para ele que queria ser Escoteiro. Gegê pensou no pedido. Quando menino ele fora um Escoteiro Primeira Classe e Monitor na cidade de Rio das Flores onde morava. Ainda tinha alguns livros guardados em seu baú. Para ser Escoteiro do Chefe Floriano, o Guia do Escoteiro do Velho Lobo, e os três livros de Baden Powell O Guia do Chefe Escoteiro, o Escotismo para Rapazes e o Caminho para o Sucesso. Ele tinha o que precisava. Iria fazer uma Tropa Escoteira Autônoma. Ele sabia como fazer. Não queria uma grande estrutura parecida com a da associação nacional. Seria uma tropa diferente de tudo que eles fazem hoje.

Precisava de uma sede e mesmo pequena ele não se importaria. Não iriam viver na sede e as reuniões seriam sempre ao ar livre. Era um bairro pobre da periferia e praticamente um bairro dormitório. Mãos a obra e Gegê deu os primeiros passos. Conseguiu na Sub Prefeitura em um terreno vazio um regime comodato para trinta anos. Construir uma sede era fácil ele sabia como fazer. Procurou Nonato da Loja de Ferragens e Materiais de Construção. Ele também tinha um filho na idade de Robertinho. Doou o que podia. Procurou o Pastor Joel e ele se prontificou a fazer uma campanha pela tropa. Conseguir os primeiros oito jovens foi fácil. Formou a Patrulha Coruja com eles. Ensinou tudo que sabia. Leu muito sobre liderança, sobre fraternidade, e colocou na mente de cada um que os Escoteiros são irmãos de todos. Fez questão de fazer amizade com os pais dos jovens iniciantes. A cada semana ia à casa de cada um tomar um cafezinho.

Quando abriu as vagas para formar as patrulhas só apareceram dezoito jovens. Tudo bem já seriam 26 com os monitores. Era exigente e fazia questão da disciplina. Dizia a todos quem sem ela nada poderia fluir na tropa. Tinha a ideia de BP e sua tropa teria Escoteiros de onze a dezessete anos. Não procurou ninguém da Associação. Dizia para si que seriam autônomos. Conseguiu na Gráfica Condor a confecção de cem distintivos de promessa na cor azul escuro com a flor de lis francesa. As mães ficaram duas semanas fazendo os distintivos de patrulha, de tropa (tipo o da Região) e cinco delas se tornaram peritas em fazer os de especialidade. Na Fábrica do Pelicano, ele fundiu duzentas fivelas para o cinto todas com o mesmo distintivo flor de lis francês. Ganhou no curtume do Italiano um rolo grande de couro tipo Vaqueta marrom. O uniforme de todos seria o caqui, pois para ele seria uma tradição que não devia ser alterada.

Com oito meses a tropa era um sucesso. Não havia mensalidades. Os pais que eram amigo da tropa se cotizavam quando precisam de alguma coisa. Vários mutirões foram feitos para adquirir barracas materiais de sapa e até um pequeno computador velho, mas que quebra o galho e muito bem. Não se apertavam para os acampamentos. Na viação Noel, um dia foram lá, Gegê e mais dois monitores. De uniforme. Custaram para ser recebidos, mas o Gerente Nantes se prontificou a ouvi-los. Não queriam muito. Duas ou três vezes ao ano, um ônibus para levar a tropa em algum acampamento, nas proximidades do bairro e da capital. Nantes sorriu e lembrou quando foi lobinho. Firmaram um documento que mesmo se Nantes saísse da empresa ele valeria por vinte

anos. A tropa de Gegê era unida. Por dois anos só saíram três escoteiros. A procura de meninas e meninos abaixo dos dez anos foi enorme. Gegê educadamente dizia que podia ajudar na formação de uma Alcateia ou tropa autônoma, mas com ele seria impossível.

Todo o bairro adorava a tropa de Gegê. Começaram a surgir os Segundas Classe, os Primeiras Classe e Gegê criou um distintivo para finalizar o crescimento que chamou de Águia de Haia. Nem tudo na vida de Gegê foi só felicidade. Um dia recebeu um ofício da outra organização. Educadamente faziam ameaças. Ou você se junta a nós ou vamos abrir um processo na justiça contra vocês. Um golpe para todos. Os pais se revoltaram. Laredo um advogado do bairro ofereceu seus serviços. Alguns queriam ir as sede da associação e outros até fazer uma passeata na principal avenida da cidade para mostrar seu descontentamento contra a associação egoísta como a chamavam. Os meninos nas reuniões sempre querendo saber o que iria acontecer com eles. Um oficial de Justiça uma tarde chegou à sede com uma papelada para ele assinar. Gegê se recusou, mas sabia que a história não iria parar por ali. Ele já tinha conhecimento de outros casos em outros estados.

O Padre José soube do caso. – Chefe, porque não ser razoável e aceitar os termos deles? – Padre, e eu, não tenho meus direitos? Padre veja os quatro primeiros artigos da Declaração dos direitos do homem e do cidadão:

Art.1º. Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.

Art. 2º. A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade a segurança e a resistência à opressão.

Art. 3º. O princípio de toda a soberania reside, essencialmente, na nação. Nenhuma operação, nenhum indivíduo pode exercer autoridade que dela não emane expressamente.

Art. 4º. A liberdade consiste em poder fazer tudo que não prejudique o próximo. Assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não tem por limites senão aqueles que asseguram aos outros membros da sociedade o gozo dos mesmos direitos. Estes limites apenas podem ser determinados pela lei.

Art. 5º. A lei não proíbe senão as ações nocivas à sociedade. Tudo que não é vedado pela lei não pode ser obstado e ninguém pode ser constrangido a fazer o que ela não ordene.

O padre foi embora. Gegê jurou a si mesmo que nunca abandonaria aqueles meninos. Se um dia a associação o obrigasse dizendo suas leis que ele não aprovou ele deixa a sede que construiu com tanto sacrifício e iria para outro lugar. Ele não queria o escotismo deles. Queria sim ser amigo e irmão de todos os Escoteiros sem distinção de associação ou classe social. Gostaria mesmo de poder apertar a mão dos chefes da associação e seu coração estava aberto para isto. Mas não iria submeter às normas e exigências dos outros. Seus pensamentos sempre diziam que o escotismo é livre, não tem dono, BP não deu ações para ninguém. Ele se sentia leve e solto para fazer o escotismo que acreditava e ninguém, ninguém mesmo iria demovê-lo de seu intento.

Contaram-me esta história. Não sei se é verdade, mas já ouvi e li muito sobre isto. Um grupo fechou há alguns meses. Eles queriam ser independentes e não puderam

ser. Acho que o quarto artigo Escoteiro não se aplica a esta associação. O nome, o método, a mão esquerda e o sinal Escoteiro não tem dono. Que o diga Prepeh o líder da tribo dos Ashantis que introduziu BP na mística. Hoje dizem que quase tudo pertence a esta associação. Ela simplesmente se acha a proprietária de tudo. Afinal onde começa o meu direito e o direito dela? Ou eu não tenho direitos?

E a vida continua...

Zepeto deu um soco no ar. Nada de anormal, pois gostava de fazer isto. Quem o conhecia sabia seu estilo fanfarrão. Era um bom sujeito, nunca fez mal a ninguém, mas dava a impressão errada. Fingia ser uma esfinge, que não se importava e por dentro a gente sabia que ele chorava. Isto mesmo. Ele perdeu seu pai num acidente bobo, um acidente que ele nunca poderia imaginar acontecer. Seu pai pisou em um prego enferrujado e nem sabia que precisava vacinar. Morreu em quinze dias dizendo que nunca entrara em um hospital e nunca entraria. Zepeto ficou uma semana fora de casa. Sua mãe morrerá de parto e ele agora estava sozinho. Ele estava com quinze anos quando a fatalidade o pegou de pronto. Quando menino entrou para os lobinhos. Ficou alguns meses e saiu. Precisava trabalhar para ajudar o pai. Deu duro com sua caixa de engraxate por muitos anos. Aos doze voltou ao grupo desta vez como Escoteiro.

O escotismo transformou a vida de Zepeto. Mesmo amando tudo que o escotismo lhe oferecia ele ainda sentia uma revolta interior. Não conversava com ninguém sobre ela. Ficou muito amigo de Juanito o escriba. A ele falou muito do que sentia, mas pediu segredo. Ele e Juanito haviam feito o juramento de sangue em um acampamento no Vale da Redenção. Saíram ao entardecer para buscar lenha e ficaram fora do campo por mais de uma hora. Zé Poliano os encontrou desmaiados sangrando. Cortaram na veia errada e quase morreram. Ninguém nunca soube do juramento e nem explicaram por que se cortaram. O tempo passou. Zepeto entrou na patrulha Itatiaia. Nunca foi subministro nem Monitor. Ele nunca pensou nisto. Como sênior achou que poderia ter o Escoteiro da Pátria. Tentou mas não conseguiu. Mesmo assim não abandonou o escotismo. Não foi pioneiro o grupo ainda não tinha um Clã. Havia interesse, mas faltou chefia.

Passou a ajudar o Chefe Besouro como assistente. Largou a caixa de engraxate e trabalhou por uns tempos como carregador de malas na estação e na rodoviária. Pouco dinheiro e mesmo sozinho ele tinha de economizar para viver. Dona Eulália mãe de Geraldinho da tropa o convidou para trabalhar no hotel das Flores. Aceitou. Um salário mínimo e meio. Para ele uma fortuna. Ela entendia e dava folga todas as vezes que a tropa ia acampar. Mãe é mãe e sempre a dizer: - Zepeto fique de olho no Geraldinho. A vida continuava para Zepeto. Ele não reclamava, pois voltou a estudar a noite. Sonhava em ser Professor. Muitos diziam que não valia a pena, mas ele agora um Chefe Escoteiro

sabia do seu destino. Queria ensinar, ajudar participar da vida dos jovens. Padre Nivaldo o convidou para ser padre: - Zepeto! Oito anos em um seminário e lá você irá aprender tudo. Zepeto pensou na possibilidade. Padre Nivaldo disse que ele teria de decidir até o fim do ano.

Duas semanas depois disse sim ao padre Nivaldo. Ficou tudo combinado para o início do próximo ano. A escoteirada da tropa brincava com ele chamado de Padre Zepeto. Ele amava aquela turma. Naquele sábado o Chefe Besouro perguntou a ele se queria fazer um curso escoteiro na capital. Seriam três dias. Ele sorriu e sabia que Dona Eulália daria a licença para ele viajar. Muitos Escoteiros foram com ele até a estação e quando o trem partiu ele sentiu um enorme vazio. Conseguiu dormir algumas vezes e quando o condutor anunciou a capital ele sentiu um tremor no corpo. Desceu na estação com a mochila quando alguém lhe bateu nas costas. Olhou e viu quatro policiais de revolver em punho. Colocaram nele uma algema e o jogaram em um camburão. Tentou explicar, mas só levou tapas na boca e no rosto. Foi jogado numa cela imunda com mais vinte bandidos. Pela primeira vez Zepeto chorou. Não sabia o que estava acontecendo.

Cinco dias depois o delegado o chamou. Tentou explicar, mas o delegado ria. Mostrou para ele uma foto – É você? Ele olhou e viu que era ele sem tirar nem por. Mas como? O delegado o chamou de tudo. Ele pensava o que estava sendo acusado. Estuprador, formação de quadrilha e oito assassinatos. Falou para o delegado que era inocente, morava em uma cidade do interior e sua identidade e CPF podiam provar. – Falso, muito falso como você é seu filho da mãe! Três anos depois foi a júri. Viu o Padre Nivaldo e o Chefe Besouro assistindo o julgamento com lágrimas nos olhos. Foi condenado a 28 anos de cadeia. Recebeu a visita de ambos e eles lhe disseram que sabiam ele ser inocente. Tentariam provar, mas estava difícil. Contrataram um advogado e ele queria muito dinheiro para colaborar. Eles ficaram de voltar, pois pretendiam fazer uma quermesse e pedir donativos para ajudar a contratar um advogado.

Passaram-se doze anos. A vida de Zepeto acabou. Comeu o pão que o diabo amassou. Apanhou, sofreu sevícias e pegou uma tuberculose que o jogou na cama. Uma tarde recebeu a visita de uma senhora. Era advogada e soube do seu caso. Não iria cobrar nada. Conferiu seus documentos. Nenhum batia com o do bandido. Um ano depois Zepeto foi solto. Dona Norma disse a ele que poderia pedir uma indenização do estado. Ele chorou. Só queria voltar para sua cidade. Ela quando ele partiu naquela noite no trem noturno, lhe deu a mão esquerda dizendo – Meu amigo, você é um Escoteiro valente. Coloque na sua cabeça que isto foi você quem pediu quando nasceu aqui na terra. Não guarde magoas de ninguém. Sei que vai ser difícil mas tente. Zepeto chorou e chorava baixinho durante toda a viagem. Chegou a sua cidade de manhã. Ninguém o esperava claro, não avisou ninguém. Pegou sua mochila e foi a pé até sua casa. Encontrou lá uma senhora com seis filhos. Ela disse que tomou conta da casa mas não tinha aonde ir. E ele? Ia morar onde?

Ela pediu se podia ficar ali, ele também podia ser mais um dos seus seis filhos. Dizer o que? Zepeto deixou a mochila e foi atrás de Juanito. Não morava mais lá. Procurou o Padre Nivaldo. Foi para outra cidade. O Chefe Besouro também não morava mais lá. No hotel de dona Eulália ela o recebeu ressabiada. Ele viu que não só ela mas todos os antigos amigos do grupo faziam o mesmo. A cidade não era mais a mesma. Seu

destino? Não sabia. Sabia sim que emprego ali nunca iria conseguir. Partiu duas semanas depois sem nada como chegou. Não sei o que aconteceu com ele mas sei que a vida não foi o que ele sonhou. Um dia li no jornal que mataram um famoso bandido na capital. Vi a foto, parecia Zepeto. Depois soube que não era ele. O vi um dia trabalhando como peão de obra em uma construção na capital. Não falei com ele. Não havia o que falar...

Hã! Vida. Como dizia Carina Machado à vida nos reserva tantas surpresas, coisas que jamais imaginamos acontecer, lugares que jamais imaginamos conhecer, sentimentos que jamais pensamos em sentir...A vida é tão maravilhosa e ao mesmo tempo tão injusta...Perguntas, inúmeras perguntas sem respostas...por enquanto...

A felicidade não se compra!

- Antonio Marcus, não insista. Já disse que não. Olhe sua posição, veja você em que colégio estuda, olhe suas roupas e pense na sua família meu filho. Somos pertencentes a uma classe social diferente. Você é um Portilho legítimo de reis franceses. A Condessa Daiana pela terceira vez dizia não para o menino Antonio Marcus seu filho. Ela não entendia como ele agora ficava atormentando com um pedido tão sem coerência. Para ela o matricular em um Grupo Escoteiro próximo a sua mansão era impossível. Ora bolas! Pensava. Uma menina de cor, um grupo em uma igreja de periferia, um padre comunista, dizem que o Chefe era ateu e eles não tinham nada e ainda achavam que iriam formar o caráter de seu filho? Nem pensar! Ele tinha professores ingleses, estudava piano com o Maestro Galliano, e quando completasse 17 anos iria matriculá-lo na Universidade de Oxford na Inglaterra. Nunca seria de bom alvitre ele se misturar com aquela gentinha. Se pelo menos fosse um Grupo Escoteiro de elite vá lá, mas aquele ali? Nunca!

Antonio Marcus tinha dez anos. Quase não tinha amigos, pois no Colégio Grand Torino onde estudava tudo era muito reservado. Eram oito horas diárias e ele recebia uma carga enorme de conhecimentos. Até que nos dias que faziam atividades recreativas ele se divertia. Nunca foi bom de bola, era péssimo no vôlei e mal corria cem metros. Sua complexão física não era boa. Vivia preso na Mansão dos Portilhos e lá não tinha amigos. Uma tarde chegou do colégio e viu o Senhor Aparício o jardineiro com um jovem da sua idade vestido de Escoteiro. Achou bonito e foi até eles perguntar o que eles faziam. O Senhor Aparício era o pai de Ronaldinho o Escoteiro. Falou para ele das aventuras que faziam dos acampamentos, das jangadas, das construções que chamavam pioneirias, das patrulhas que formavam verdadeiras equipes de fraternidade, das noites lindas em volta de um fogo, das canções, de dormir em uma barraca, de poder contar estrelas no céu.

Antonio Marcus sentiu seus olhos brilharem. Que lindo era isto pensou! A noite sonhou que estava de uniforme a desbravar as florestas, a atravessar rios enormes em jangadas, em subir nas árvores enormes, descer por um nó Escoteiro em uma corda grossa, ah! Meu Deus! Seria bom demais. Quando falou com sua mãe foi um verdadeiro estouro. Não gritado é claro, pois a Condensa tinha toda a carisma de uma senhora educada na corte e que nunca levantava a voz. – De onde você tirou isto meu filho? Antonio Marcus pensou em contar, mas se absteve. Sabia que ela iria demitir na hora o Jardineiro Aparício. Mas não desistiu. Todos os dias à noite, após o jantar solene, onde ele deveria estar presente sempre de terno e gravata, onde havia um cerimonial para ser servido pelas dezenas de empregadas, só ele e a mãe naquela enorme mesa, pois seu pai sempre viajando ele pensava. – Já pensou? Eu lá na orla da floresta, fazendo meu jantar em um fogão de barro? Comendo a comida que eu fiz? Seria delicioso, mas era um sonho impossível de se realizar.

- Olhe Antonio Marcus se você quer mesmo ser um vamos fundar um grupo só para você. Vamos convidar seus amigos do colégio e do Clube, gente do mesmo naipe que nós. Falarei com meus amigos presidentes das multinacionais, falarei com o Comendador Joubert, claro incluirei Os Manfredos do Banco Mundial. Contrataremos chefes Escoteiros formados em grandes universidades do exterior, receberão os melhores salários e você vai fazer tudo que eles fazem supervisionados por professores e chefes preparados. Contrataremos bons chefs de cozinha para fazer suas refeições e claro, onde forem terão um enorme gerador para gerar a luz elétrica. Você quer assim? Antonio Marcus olhou para ela, seus olhos estavam húmidos em saber que nunca seria um Escoteiro como deveria ser. Muitas vezes escondido ficava conversando com Ronaldinho o Escoteiro. Ele contava todas as histórias que fazia brilhar as pupilas dele.

Não desistiu. Nunca iria desistir. Se ela achava que eles eram uns Portilhos que seja. Mas ele queria era ser mais um e não um que seria dono de tudo. Queria ser um Escoteiro de coração, de corpo e alma amigo e irmão de todos sem distinção. O Doutor Professor Edmundo se dirigiu a ele naquele dia e perguntou – O que está havendo Antonio Marcus? Você hoje não prestou atenção à aula? – Ele não disse nada. O Doutor Professor Edmundo não iria entender os seus sonhos. Foi um dia fatídico. Ao sair do colégio recebeu a notícia. Sua mãe fora sequestrada e baleada. Dois bandidos mataram dois seguranças super treinados em questão de segundos. Quando iam saindo com ela dois meninos pularam dentro da limusine e tentaram tomar a arma dos bandidos. Uma idiotice sem tamanho, mas que deu tempo do terceiro segurança matar os dois bandidos e o terceiro fugir. Um dos meninos levou um tiro de raspão. Ela no braço direito.

Os jornais e as TVs não perderam tempo. Histórias foram contadas de norte a sul. Os meninos exaltados como heróis. Em uma entrevista com um famoso apresentador os dois jovens contaram que eram Escoteiros. Aprenderam a não fugir das dificuldades. Sabiam viver sozinhos em uma floresta, enfrentavam cobras e jacarés. Será que ajudar uma senhora não fazia parte da boa ação que deveriam fazer todos os dias? Os dois meninos Escoteiros da noite para o dia ficaram famosos. A Condensa Daiana ao sair do hospital disse que nunca tinha visto tal heroísmo. Falou mais ainda dizendo que agora até ela iria ser Escoteira. Seu filho Antonio Marcus seria também um deles. Uma organização que ensina a fazer o bem, a formar caráter não poderia ficar de fora na formação do seu filho. Antonio Marcus não cabia em si de contente. Sonhava esperando

o sábado feliz. Pedia a Deus para sua mãe não mudar de ideia. Disse para ela sobre o Aparício que era pai de Ronaldinho escoteiro.

O Chefe Pikard estranhou quando aquela Madame bem vestida cercada de seguranças adentrou no pátio da sede. Não era comum. Ele um Velho explorador europeu resolveu ajudar aquele Grupo Escoteiro humilde da Vila Pasqualé. Ele adorava aquela vida adorava aqueles meninos e quando soube que Piquitito e Joelhudo foram heróis ajudando em um assalto ele ficou com medo e ao mesmo tempo orgulhoso. Ensinou a todos que devem agir dentro das circunstâncias que a prudência ensina. A Condessa Daiana humildemente pediu uma vaga para seu filho. Ronaldinho da Patrulha Coruja veio correndo abraçá-lo. O Senhor Aparício que fazia limpeza na sede se sentiu importante quando ela o abraçou e o parabenizou pelo seu excelente filho. O Grupo ganhou mais um filho. A Grande Família Escoteira cresceu e o escotismo fizera as pazes com a realeza.

Se você encontrar um caminho sem obstáculos, ele provavelmente não leva a lugar nenhum. Devemos lembrar que as riquezas não vão conosco quando formos para as estrelas. A felicidade não se compra e da vida nada se leva a não ser as boas obras, os bons momentos e as coisas belas da vida que aprendemos a fazer. Lutamos pela vida como a vida luta ao nosso lado para nos dar o que lutamos para conseguir. Aos arrogantes deixemos que o destino os levem a naufragarem no próprio mar de sua insignificância.

Seu nome era Bela, fora Escoteira e queria ser Presidente do Brasil!

- Você a conheceu? - Claro, foi da minha patrulha. Os Corujas não gostaram quando o Chefe a apresentou, principalmente aquela menina magrinha, sem graça, um sorriso torto e com cara de sonolenta. - Ela era assim na época? - Bem nos primeiros dias achamos isto. Ledo engano. De uma noite para o dia se transformou. Tinha um jeitinho enfeitado que pedia humildemente e todos obedeciam. - Risos - Então ela logo se revelou? - E como! Laercio o Monitor a principio não gostou, nunca pensou em ter uma menina na patrulha. Ele era daquele tipo machão. E para dar um castigo tirou Noel da cozinha e a nomeou cozinheira. - E ela aceitou? - Não disse não. Ela era inteligente demais para nós. E sabe de uma coisa? Foi uma excelente cozinheira e sabia como agir. Todos buscavam água, todos abasteciam o lenheiro e era dar um estalar de dedo e todos corriam a sua volta. - Então ela ficou na cozinha? Que isto! Nem pensar. Era cativante de tal maneira que logo mostrou sua força em tudo. Fez cada banco, cada poltrona de campo e mesas que eu até hoje fico pensando porque não pensamos como ela.

- Pois é, mas se me lembro bem sua patrulha só tinha ela de menina. – Isto mesmo. Duas tentaram, mas logo saíram. Sabe como é receber ordens de meninos é uma coisa, mas de outra menina? Bela era fora de série. Bela no nome, pois eu a achava feia. Tinha um coração de ouro isto sim ela tinha. A gente sempre era passado para trás na inteligência e percepção. Lembro de um jogo de mais de cinco horas que fizemos na Estrada dos Afonsos. Era uma estrada carroçável. Os seniores fizeram um desafio para quem conseguisse passar sem eles verem, dariam um canivete Suíço dos mais caros. Eles também não seriam vistos. – E ela? – Ela meu amigo surpreendeu a todos. Não sei onde conseguiu um vestido de chita cheio de bolinhas azuis, um chapéu de palha na cabeça, uma sandália de dedo e fingindo ser um “carreiro” levava um carro de boi carregado de milho e todos nem desconfiaram. E o pior, quando ela passou logo depois da curva do Canta Galo devolveu tudo que pediu emprestado aos donos, vestiu seu uniforme, deu uma volta enorme no Morro do Quati e surpreendeu os valentes seniores por trás prendendo todo mundo!

- Nossa! Bela era assim mesmo? - Você não viu nada. Quando passou para os seniores se modificou. Aceitava mais as ordens de Calango o Monitor da Pico da Neblina. Calango ria a toa, pois ela agora não era mais a menininha magra, sem graça de quando entrou na tropa. Ficou bonita, cabelão enorme, usava um batom vermelho sem se mostrar muito. A Escoteirada sênior babava só de olhar para ela. – E ela? - Nossa você precisava de ver. Fingia namorar todo mundo, mas na verdade eram eles que a serviam. Aquela frase que quem não sabe servir não serve para viver não era para ela. – Olhe, sem maldade, ela não fazia isto por pirraça. Era seu dom. Se existia uma Escoteira que conhecia as bases de uma boa liderança então pense em Bela. Nem bem fez dezoito anos, ainda sem ninguém morando em seu coração, claro, apesar de todos ficarem em sua volta ela foi convidado pelo Gita para se candidatar a vereador.

- E aí? – Ai que ela aceitou, mas não no partido dele. Sempre dizia que pensava ser política, mas em um partido sério e honesto. – E ela conseguiu encontrar um? – Nunca! Ela inteligente feito à peste colocou na internet e convidou a quem quisesse participar do PEN – PEN? O que é isto? – Partido Escoteiro Nacional. Não ria, é verdade. Ela escrevia e seus vídeos eram tão perfeitos, levando a alegria e felicidade, em fazer o bem sem olhar a quem, a ser honesto, a ter honra e ética que todos acreditaram nela. Em oito meses registrou seu partido. – Verdade mesmo? – Claro que sim, tudo ali era Escoteiro. A Lei Escoteira era a lei do partido. Aqueles que se aproximavam da diretoria do partido tinham de fazer cem boas ações sem cobrar, provar honestidade e claro, fazer a promessa de fidelidade. – Promessa? Você está brincando! – Não brinco, você sabe agora como ela é. De vereadora a prefeita de prefeita a Deputada Federal, nem quis ser senadora. Agora é candidata a Presidente do Brasil.

- É mesmo, estou vendo o trabalho dela. O escotismo deu um salto de qualidade e os políticos também. Aqueles que não eram honestos foram desmascarados. Muitos foram para a cadeia. A palavra de ordem hoje é – Vote bem, pense primeiro se ele foi Escoteiro, se foi Lis de Ouro ou Escoteiro da Pátria. Procure saber o quanto ele ajudou as pessoas. Tenho certeza que seu partido nesta eleição será o maior no Congresso Nacional. E você acha que ela será eleita? – Meu amigo, acho que você não estava no Brasil nos últimos tempos. Ela vai ser a primeira Presidente eleita no primeiro turno. Não existe páreo para ela. Sua visão do Brasil é enorme. Sabe o que fazer e vai fazer. Nas

últimas pesquisas ela estava com oitenta por cento e o Lulalah nem chegava aos cinco por cento! – É se você diz eu acredito. Você ainda tem contato com ela? – Claro, ela nunca nos esqueceu. Apesar de sua fama até hoje vem visitar o grupo. Assim são aqueles Escoteiros que um dia cresceram e souberam reconhecer o valor do escotismo e o que receberam ali quando jovem.

- História? Lenda? Ilusões? Não podemos sonhar com alguém honesto, probo, que tenha honra e seja ético, que tenha uma só palavra, que seja leal, que seja cortês sempre, que não seja o dono das ideias, das palavras, que tenha amor ao próximo, e quem sabe tenha a filosofia de BP no coração. Se vocês meus amigos que vão escolher alguém nestas eleições souberem ou conhecerem alguém que foi ou é escoteiro, que luta em Grupo Escoteiro como chefe se ele tem a lei Escoteira no coração e se ele vem fazendo marketing do movimento e alardeia a todos seu ideal Badeniano me avisem. Se ele se apresenta de uniforme (eu gostaria de vê-lo com a calça curta). E se eu pudesse investigar sua vida pregressa porque não votar nele? Mas existe alguém Escoteiro e candidato que tenha tudo aquilo que esperamos? Só dizer que é Escoteiro não basta. Diga aos quatro ventos. Não se envergonhe em dizer que a ética, respeito, hombridade, palavra e tantas outras necessidades que esperamos em um bom Escoteiro ele tem.

Enquanto isto quem sabe nas próximas gerações irá aparecer uma Escoteira, chamada Bela e que ama o escotismo de todo o coração e será nossa escolhida? Viva Bela, a Presidente do Brasil!

A morte de João Liborno teve uma festa no céu.

Quer saber? Eu conheci João Liborno. Tudo bem, eu sei que muitos que o conheceram se arrependeram. Mas eu não. Disseram-me que ele era prepotente, não sabia abaixar a cabeça, se achava o dono do mundo. Nunca pensei assim, quem sabe por que entrei em sua alma, seu coração e sua vida. Não pensem que tenho premonição, conhecimentos de psicologia, que sou um adivinho ou um religioso a ponto de conhecer alguém por dentro. Mas João Liborno tinha algum especial. Seu olhar. Olhar? Podem me dizer o que quiserem, ele era mesmo alguém especial. Mal educado eu sei que era. Valente então? Sempre tinha uma resposta na ponta da língua, mas meu Deus! Que faria o que ele fez? Juro que já vi igual, mas melhor não. Quando o Prefeito Zeca do Som sabia que ele estava na prefeitura a sua procura se escondia no banheiro. Quando o delegado Jacutinga era informado que ele estava aprontando, pegava sua varinha e ia pescar no córrego do Cavalo Doido.

Tudo porque detestava um não. Achava que todos deviam ser como ele. Afinal o que João Liborno fazia? Nada que as autoridades deviam fazer e não faziam. Ele recolhia os pedintes, os enfermos jogados na rua e os levava para seu galpão. Isto mesmo ele com as próprias mãos fez um galpão. Não tão grande, mas com a nossa ajuda e dos pioneiros dava para quebrar o galho. Dizem que seu galpão era igual coração de

mãe, sempre cabe mais um. Nunca que passei por lá ele estava vazio. E sempre cheio de gente. Gente? Indigentes isto sim. Doença de chagas, doentes de pulmão, doentes de AIDS, pobres que não tinham onde dormir. João Liborno nunca foi médico e nem enfermeiro. Dizem que ele era um excelente Chefe Escoteiro até que um dia o mandaram embora do grupo que ajudava. E quer saber? Foi tudo futrica fofoca da oposição. Não tem no escotismo? Oposição? Pois sim que não tem.

João Liborno foi Escoteiro sênior e pioneiro. Assumiu a Tropa Sênior em meados de abril de 1956. Os seniores faltavam pouco carregá-lo de tão contentes. O danado nem ligava, mas pegava os seniores e ia sempre onde ninguém nunca foi. A inveja começou aí. O disse me disse das comadres no Grupo Escoteiro. – Um dia ele vai trazer nos braços alguém morto, dizia uma, não duvido dizia outra. Mas João Liborno tinha feito as pazes com Deus. Dizem que hoje em dia não tem mais comadres nos Grupos Escoteiros. Sei não! – Tônico Carçoço que o diga. Chefe da Tropa Escoteira exigiu que todos fossem tratados igualmente e ninguém iria receber nenhum distintivo se não o merecessem. O Pai de Constantino ficou uma fera. Procurou o Chefe Tibúrcio e disse – Ou ele ou eu! O que houve Natalino? Meu filho Chefe, o senhor sabe que me mato aqui no grupo, faço tudo, levo para os acampamentos em minha Kombi, pago em dia minhas mensalidades e agora ele está negando dois distintivos e cinco especialidades ao meu filho.

O caldo cresceu e entornou. A chefaiada dividida. Na reunião de chefes do grupo metade pedia sua saída, a outra metade dizia que se saísse sairia com ele. Melhor procurar o distrito. Este tinha enorme simpatia por Natalino. Afinal era Juiz de Direito da cidade e diziam que seria o futuro prefeito. Dizem que política e escotismo não se misturam, mas ali em Pau D'Alho era diferente. João Liborno foi chamado. O distrital já o tinha encravado na garganta. Quantas vezes aprontou? Quantas vezes criou caso por uma simples questão de semântica? Agora o prefeito Bafudonça lhe telefonando todo dia porque ele fez um galpão e lá esta alojando a “peste negra” da cidade. Não tinha jeito. Mandou uma carta para João Liborno avisando que um processo estava em andamento e enquanto isto ele estava suspenso de suas funções. Dois dias depois recebeu uma resposta de João Liborno. Duas palavras somente. Nada mais. – “Vá à merda”! Foi à conta. A carta foi xerografada. Deus e o mundo recebeu uma copia. A UEB não se manifestou. Disse ser problema da região e do distrito.

João Liborno todos os sábados impreterivelmente às duas da tarde lá estava na sede Escoteira. Isto sem contar a última excursão que fez com os seniores que ficou na história. Alugou dois carros de bois do Chico Landi, um fazendeiro amigo dos Escoteiros e com uma dúzia de bons Guzerá lá foi ele com seus seniores para fazerem a mais aventura de suas vidas. Japielton me contou que nunca se divertiu tanto. Adorava o lamento ou canto que as rodas faziam. Todos aprenderam a colocar a canga, o canzil, a arreia, o cabeçalho, manuseavam com perfeição a cheda, a cantadeira, o cocão, o fueiro, e quando não estavam assentados na mesa lá ia eles se revezando com a vara do ferrão a gritar: - Vamo Risoleta, vai que vai Tira Forno. Foram quinze dias inesquecíveis pelas estradas e serras do sertão. Quando voltou lá estava na sede o distrital e dois soldados. – Fora, fora, você esta exonerado. Me entregue seus distintivos e uniforme. João Liborno ficou branco. Ia falar um palavrão mas deu as costas a todos e foi embora.

Não voltou mais ao grupo. Agora se dedicava aos seus doentes e os sem sorte na vida. Não dava sossego a ninguém. Sempre pedindo para seus pobres. Claro que o galpão não acomodava mais ninguém mas João Liborno não desistia. Nas eleições de novembro ele disse a um candidato a governador: - Me ajuda com meus pobres? Doutor Pasquacio foi eleito. Não esqueceu o pedido de João Liborno. Mandou fazer um prédio enorme, com todas as condições para ser o melhor hospital da cidade. João acompanhava as obras sempre sorrindo, claro que os seniores não o abandonaram. O dia da inauguração chegou. João Liborno colocou seu uniforme caqui e seu Chapelão, e lá foi ele tomar posse do que era seu. Coitado do João. Nem o deixaram entrar. Ficou estupefato com a traição do Presidente Pasquacio. Foi para casa tão triste que resolveu fazer o ato que nunca teria feito. Afinal ele era um bom Escoteiro, um bom companheiro. Dizem que os seniores o ajudaram, eu não acredito.

Não era duas da manhã e o Hospital novo estava em chamas. Não havia ainda bombeiros naquela época. Ninguém sabe o que aconteceu. Os seniores não moveram uma palha para ajudar a apagar o fogo. Tudo foi destruído. Todos já sabiam que só podia ser João Liborno. Mas ninguém podia provar e ninguém o viu de novo na cidade. Só pode ter fugido. Ao fazer a limpeza das chamas encontraram seu corpo Em uma placa de metal ele deixou escrito. Escoteiro eu fui. Sua filosofia morou em meu coração. Mas que Deus me desculpe, não suporto a traição. Quem com ferro fere com ferro será ferido. Dizem eu não sei se foi verdade que mesmo com o hospital destruído o Prefeito Bafodonça decretou três dias de festividade. Ele mesmo fez uma festança em sua fazenda. Livre dele era ficar feliz para sempre!

No auge da festa, uma fumaceira tomou conta, sua casa sede pegava fogo. Todo mundo corria para todo lado. Não podia ser João Liborno. Ele estava mortinho da silva. Quem seria então o culpado? Decida você leitor.

“Zé Amâncio” Um violeiro Escoteiro que deixou saudades.

De vez em quando rebusco no passado fatos interessantes para lembrar. São muitos. Cada um com sua peculiaridade, seu estilo e sua história. Durante o período que fui Comissário Regional em Minas Gerais de 1967 a 1975 por sinal tempo demais, convivi com pessoas maravilhosas e não só na capital, mas nas cidades que visitei. Tive a honra de conviver com pessoas magnificas isto em uma época que o escotismo ainda não tinha florescido nas montanhosas terras mineiras. Conheci figuras representativas, figuras que posteriormente se tornaram célebres em seu ofício e em seu meio profissional. Percorri milhares de quilômetros, em automóveis simples de amigos, pois ainda não tinha um veículo meu usava muito ônibus de carreira viajando por estradas de terra, buscando aproximar o escotismo da Região Escoteira de Minas Gerais as cidades mineiras. Difícil passar um fim de semana com a família. Quando não viajava os cursos me tomavam o tempo. Eram sonhos ainda de um jovem que acreditava no escotismo e sempre achou que sua colaboração tinha valor.

Foram muitas cidades. Dezenas talvez. Ali uma conversa com um Professor, um profissional qualificado, um juiz de direito, um prefeito, palestras em Rotary e Lions, atendendo um jovem que escreveu para mim sem idade suficiente para se tornar responsável na organização de um Grupo Escoteiro. Norte, sul leste e oeste do estado lá estavam eu atendendo a todos os chamados. Enfim cheguei a Pouso Alegre. Uma linda cidade cuja prosperidade estava no seu início e convidado lá fui eu tentar ajudar na organização do Grupo Escoteiro. Desculpem, não lembro o nome, os que conheci ainda tenho a lembrança deles na mente, mas nomes não. Claro que não esqueci o Urias, uma figura interessante, com uma barbicha que lhe dava um ar de pedagogo. Com o tempo o nomeei Comissário Distrital. Lutamos para desenvolver o sul de Minas escoteiramente. Campanha, Passos, São Lourenço, Itajubá, Varginha e outras tantas cidades. Em algumas o escotismo floresceu em outras não. Hoje sei que em Poços de Caldas um escotismo forte e belo existe ali.

Até hoje dou gargalhadas com a turma do distrito de Pouso Alegre. Acho que eram uns oito ou dez chefes. Um CAB (curso de Adestramento Básico) próximo a Belo Horizonte. Lá estava eu dirigindo, o Padre João de Juiz de Fora, o Blair e o Chefe João de Belo Horizonte que mais tarde se tornaria padre e hoje falecido – “grande Escoteiro ele”. O curso se não me engano tinha 26 participantes. Três patrulhas. Em julho um frio de rachar. A região na época pobre (não sei hoje) as barracas simples, na primeira noite a temperatura desceu a cinco graus. Os alunos do curso reclamaram. Ensinamos a eles como fazer um fogo espelho. Ele é a melhor solução para o frio à noite na barraca. No segundo dia, na chamada das patrulhas vimos que faltavam oito. Fomos saber o que houve – A turma do distrito de Pouso Alegre tinha debandado sem falar nada conosco. Um motim Escoteiro? Disseram que foi o Urias. Risos. Um mês depois peguei o ônibus e fui lá. Colocamos tudo em pratos limpos. Refizemos o curso em Campanha.

No meio da década de oitenta, eu era um Chefe de um Grupo Escoteiro na capital de São Paulo, fazíamos anualmente um acampamento em uma cidade onde houvesse um Grupo Escoteiro. Não sei como me lembrei de Pouso Alegre e me surgiu a figura do “Zé Amâncio”. Oito meses de preparação, uma ida antes para formalizar o acampamento e dois ônibus nos levaram até lá. Um lindo local, bambus a rodo, um riacho de águas claras e límpidas, uma área arborizada e gramada (grama comum). Perfeito. Fomos com duas alcateias, uma Tropa Escoteira masculina e uma feminina, uma tropa sênior e uma de guia. Quinze chefes acompanhavam. Os lobinhos ficaram em uma escola a dois quilômetros dos Escoteiros. “Zé Amâncio” chegou com sua tropa e Alcateia. Foi então que conheci o amigo que até hoje guardo boas lembranças.

Já o conhecia dos anos que fui por várias vezes a Pouso Alegre. Uma figuraça, bonachão, amigo, sincero e quer saber? Um violeiro de mão cheia. Compunha canções Escoteiras de tirar o folego. Nos quatro dias que ficamos lá como cantamos. “Zé Amâncio” era bamba no violão. Dizem que cantar trás paz alegria e felicidade e acho que foi por isto que ele fez amizade com todo mundo. Uma de suas canções foi cantada pelo nosso grupo por muitos anos. O fogo do conselho foi supimpa. Ele com sua simplicidade tocava e cantava encantando a todos. Uma visita à sede do seu grupo uma surpresa. Ele colocou meu nome em uma das salas principais da sede Escoteira, por sinal grande com

dois andares. Mais de 140 membros do Grupo Águia Branca se encantou com a sede do Grupo de Pousos Alegre. “Zé Amâncio” perfeito anfitrião.

Na partida abraços, olhos molhados, uma cadeia da fraternidade de deixar saudades. Partimos e apenas uma carta de agradecimento marcou o final da atividade. Nunca esqueci o José Amâncio, o Zé que marcou o coração de muitos. Soube dele por um amigo de Poços de Caldas o Chefe Fafi. Bateu-me a lembrança de um Chefe que sempre morou em meu coração. Quem o vir e se ele um dia ler esta mensagem acredite – O considero um dos maiores compositores Escoteiros que conheci em minha vida. Pena que a UEB não deu o valor devido as suas músicas. Nem sei se a Região de Minas Gerais valorizou. Se assim o fez ele mereceu.

Meu abraço meu amigo, que seja feliz e continue assim, um amigão, um cantor, um violeiro e um Escoteiro de coração.

Há alguns dias comentando com o Chefe Fafi de Poços de Caldas, falamos de um Chefe violeiro. José Amâncio. Dos bons! Como fazia músicas Escoteiras e como sempre uma UEB que nunca se interessou em ajudá-lo. Ele não era da corte. Lembrei-me então de fatos que aconteceram no passado e em uma conversa ao pé do fogo informal escrevi este artigo. Nada de extraordinário, somente uma homenagem a ele que me parece se encontra muito doente.

A dor sofrida de Tônico Tonelada.

Foi a pior reunião de Corte de Honra da sua vida. Lawrence pela primeira vez não sabia o que fazer. Tinha orgulho dos seus monitores e sempre achou que os treinou bem. Mostrou sempre o sentido da lealdade, da fraternidade e eles sempre levaram ao pé da letra seus ensinamentos. Era uma tropa exemplar. Nos acampamentos era difícil escolher a melhor patrulha, todas fora de série. Dona Lurdinha Diretora do Colégio Dom Pedro um dia disse a ele que se não fossem os Escoteiros ela nunca teria alcançado o padrão que o Colégio foi agraciado. Para melhorar a formação da tropa ele investiu muito em si próprio. Cursos e mais cursos. Agora esperava a aprovação da Insígnia da Madeira mais uma etapa que lutou muito por ela, pois na Corte de Honra seus monitores cobraram.

- Chefe, disse o Monsanto, quer acabar com a tropa? O senhor sabe que admitir o Tônico Tonelada é acabar com tudo. Eu o conheço da escola, fico com pena, mas ele não tem amigos. Não pode correr, quase não consegue falar e andar. Quando tenta sorrir faz uma careta que dá medo. – Isto mesmo Chefe, disse o Logaritmo Monitor da Leão, se o senhor quiser tudo bem, ele pode ficar na minha patrulha, mas os demais patrulheiros não irão gostar. Garanto que muitos vão desistir. A patrulha não vai mais ganhar pontos em jogos, em acampamentos, em desafios e ninguém gosta de perder. Tônico Tonelada Chefe irá “enterrar” qualquer patrulha que entrar. – Chefe Lawrence não sabia o que dizer. Cada Monitor expôs seu ponto de vista. Estava presente na Corte de Honra os sub.

monitores. Disseram o mesmo. Ele tentou, não forçou, nunca fez isto. Para ele a Corte de Honra era sagrada. Sabia que quando começasse a ficar contra em tudo a democracia deixaria de existir na Tropa Escoteira. .

Dizem que os gordos não gostam. Odeiam ser gordos. Quantos e quantos meninos gordos estão aí querendo ser Escoteiros e tem vergonha de entrar? Sei que tem muitos que deram um passo e hoje participam ativamente. Ativamente? Bem esta é outra história. Seu nome era Laurindo Boaventura. Ninguém sabia seu nome, pois desde que conseguiu dar seus primeiros passos aos três anos puseram o apelido nele de Tônico Tonelada. Acho que foi o Chifrim, seu tio. Um “bebum” para ninguém botar defeito. Bebia o dia inteiro. Que eu saiba nunca ficou sóbrio, mas coitado dele, morreu de cirrose com 28 anos. Tônico Tonelada nunca se preocupou com o apelido. Ele sabia que era gordo mesmo e até na escola seu pai fez uma cadeira especial para ele frequentar as aulas. Aos sete anos ele pesava mais de 130 quilos. Incrível como conseguia andar. Os pais de Tônico Tonelada tentaram tudo. Oito SPA, internações em clínicas especializadas, Conseguiu ficar um mês e meio no CCA (Comedores Compulsivos Anônimos), mas logo desistiu.

O Doutor Cazuza aconselhou – Olhem precisam procurar uma organização de jovens para motivá-lo. Sem isto ele não vive muito tempo. Tem de comer menos, se não perder pelo menos 40 quilos breve ele não anda mais. – Qual doutor? Perguntou dona Matilde sua mãe. – Não sei Jiu jitsu, Luta livre, boxe ou quem sabe o Sumô? – Assim o fizeram. Não ficou duas semanas em nenhum deles. Sem saber o que fazer uma vizinha disse – Porque não procura os Escoteiros? Sei que eles recebem bem todo mundo, quem sabe ele se anima e nas excursões e acampamentos ele emagrece. Meu sobrinho é um deles e diz que nos acampamento o Escoteiro cozinheiro é mestre de colocar açúcar na comida. Piada de mau gosto, mas mesmo assim eles levaram Tônico Tonelada ao Grupo.

Chefe Marcelo ouviu tudo o que os pais diziam. Eles contaram toda a vida de Tônico Tonelada, os médicos, os conselhos e agora sabiam que a vida dele estava por um fio. Tinha de emagrecer. – Senhor Natal, disse o Chefe Marcelo, sei que é uma situação difícil, mas veja nossa situação – Durante uma hora o Chefe Marcelo narrou como era às atividades escoteiras, as excursões, os acampamentos e no final perguntou – E então? Ele não vai aguentar? Quem sabe a emenda pode ficar pior que o soneto? Muitos irão sair porque sabem que ele vai ser sempre um perdedor. Chefe Marcelo não queria dizer isto e se arrependeu. Fez então uma promessa – Olhe, vou conversar com os chefes. Eles claro irão discutir com seus monitores e o que decidirem comunico ao senhor e a senhora.

Chefe Lawrence ouviu atentamente o Chefe Marcelo. Como era um bom homem não disse nem sim e nem não. Iria analisar e discutir com a tropa e os monitores. Assim foi feito. Agora que todos foram contra ele não sabia o que fazer. Na semana foi fazer uma entrega de sua loja na Rua do Ouvidor e ao descer da Van viu Tônico Tonelada atravessando a rua. Motoristas passando e chingando – Paspalho! Cuidado. Vai sujar meu carro de merda se eu passar em cima de você seu gordo dos invernos! Ficou com pena. Pensou consigo que ele devia ter seus direitos. Era um ser humano. Conversou com Toninha sua esposa. Ela aconselhou a ele estudar tudo sobre os gordos na internet e os que conseguiram vencer sua doença, pois ele sabia que era assim. Duas semanas, pelo

menos uma hora por dia até que conseguiu o endereço de cinco deles. Foi até a casa de cada um.

Era o primeiro dia de reunião de Tónico Tonelada. A Tropa sabendo que ele queria entrar pediu para votarem. A votação foi de 15 a favor e 13 contra. Todos prometeram ajudar por seis meses e se ele não mostrasse resultados infelizmente seria dispensado. Para isto fizeram uma programação especial para ele não se sentir um pária. Dependia de ele ser um Escoteiro ou não. Ele assinou um compromisso de honra. Fez a saudação escoteira e prometeu fazer tudo que os médicos aconselharam para perder peso. Quer ser Escoteiro? Se acha que quer tem de se esforçar. Disse Pintarroxa o Monitor da Falcão onde ele iria ficar. Cada patrulha fazia questão de acompanhar. Na escola era olhado por seus amigos de classe e em casa recebia visitas uma vez por dia. Não foi fácil e ele sentia fome, sentia tremedeira e chorou muitas vezes. Mas no primeiro mês perdeu oito quilos. Em seis meses Tónico Tonelada passou dos seus 120 quilos para 85. Ainda era muito. Ele tinha de chegar nos 60 quilos. Difícil? Para Tónico Tonelada não. Quando ele conheceu os Escoteiros ele sabia que ali compromissos não eram para fugir. Escoteiros enfrentam desafios e não correm deles. Viu que tinham um código de honra e ele gostava disto. O Chefe Lawrence no primeiro dia disse a ele – Tónico é melhor ficar sabendo agora, qualquer um pode entrar como Escoteiro, mas ser Escoteiro não é para qualquer um!

A cidade aplaudiu, o colégio agradeceu e os Escoteiros do Brasil agora tinham em seu seio um verdadeiro jovem cujo Espírito Escoteiro era ponto de honra. Uma lei é para ser cumprida, uma promessa era para ser levada a sério. Tónico Tonelada conseguiu vencer. Ainda bem que os Escoteiros não fugiram na hora do apoio. É meus jovens amigos, afinal não foi Baden-Powell quem disse que só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda?

O adeus sem volta do Escoteiro.

Pingo D'água e Varetinha estavam desanimados. Já estavam cansados de dizer a mesma coisa e sabiam que não estavam sozinhos. Tudo mudou da água para o vinho. O escotismo agora era outro e eles não sabiam o que fazer. Pedir conselhos? Comentar com alguém? Eles acreditavam que nenhum adulto iria dar razão a eles. Claro fizeram tentativas no Conselho de Patrulha, mas o próprio Monitor não via nada de errado, portanto suas opiniões nunca foram levadas em consideração na Corte de Honra. Pensaram em comentar com o Diretor Técnico, mas ele e o Chefe Tavinho eram unha e carne. Eles não queriam sair do Grupo Escoteiro, mas tudo estava sendo levado para isto e o pior ninguém via nada. Ninguém enxergava que a tropa encolhia a cada mês e poucos procuravam agora se inscrever. Não dizem que o pior cego é o que não quer ver? Não iam a tanto, mas pensavam que tem gente que é cego e não por cegueira. Deve ser por falta de inteligência.

Pingo D'água e Varetinha eram amigos desde que se conheceram na tropa. Ambos eram de patrulhas diferentes. Ele da Lobo e Varetinha da Texugo, no entanto eram unidos como se fossem da mesma patrulha. Foram mais de dois anos de felicidade, fazendo acampamentos, excursões, grandes jogos, aventuras mil que agora escassearam e praticamente não existem mais. Lembravam-se do antigo Chefe Josmar com saudades. Ele sim era um Chefe que nunca deveria ter saído da tropa. Quando entrou a Lobo tinha seis patrulheiros. Ele foi o sétimo. Chefe Josmar era daqueles que dizia - Aprender é fazer. Quer aprender? Faça o nó na árvore ou no galho mais alto com uma só mão. Fazer no braço ou bastão na vai ajudar na hora do vamos ver! Ele lembrava que em vários acampamentos as patrulhas estavam completas e as atividades foram lindas. Eles não paravam. Era Morse à noite ou semáforas ou fumaça no dia, sinais de pista, seguir pista a moda índia, grandes pioneiras, dezenas de nós e amarras, barracas suspensas, artimanhas e engenhocas, nossa! Que saudades!

Tudo mudou com a mudança do Chefe Josmar para a Capital. Ele nunca teve um assistente uma pena, pois poderia ter dado continuidade à tropa. Chefe Lobão convidou o Chefe Tavinho para assumir a tropa. Chegou com ares de chefão. Sempre gritando falando com todo mundo e as patrulhas começaram a desanimar com as atividades. Jogos? Nem consultava ninguém. Muitas vezes dava uma bola e dizia - Se virem! Jogar futebol não era meu forte. Bastavam minhas atividades de educação física no colégio. Eu queria escotismo de campo, de luta, de aventuras e de desafios. Ele era cego mesmo, pois não percebia que as faltas aumentaram. Alguns desistiam e nem iam mais ao grupo para dizer que saíram e não iam mais voltar. De 32 escoteiros a tropa agora tinha 18 e muitas reuniões não passavam de 12.

Perna Fina o Monitor nem se incomodava. Ele sempre foi um bom gritador. Por ser maior e mais forte levava a patrulha no muque. Em tempo algum aprendeu que o bom líder é aquele que sabe liderar e ser liderado. Não ensinaram isto para ele. Esqueceu completamente que precisávamos ser ouvidos. Mesmo falando para ele entrava em um ouvido e saía por outro. E olhe que foi num tal Ponta de Flecha e voltou todo posado se achando o tal. Mostrou o certificado como se fosse o melhor Monitor do mundo, e só faltou dizer que agora o respeito a ele tinha de ser maior. Eu e Varetinha conversávamos muito sobre isto. A maioria dos patrulheiros que ainda frequentavam nada diziam. Eu conversei com meu pai. Ele nunca foi Escoteiro e seu conselho foi - Faça o que achar melhor e completou - Aprenda a tomar decisões. Achar melhor? Tomar decisões? Chamei Varetinha e disse a ele que ia sair. Amava o escotismo. Sempre pensei que seria Escoteiro para sempre. A minha maneira aguentei por quase um ano as mudanças na tropa. Não dava mais. Nossa patrulha não tinha mais que três ou quatro frequentando. Ouve dias que éramos três.

No último acampamento, um dos poucos que fizemos não tivemos liberdade. Ele levou pais para cozinhar para nós. Deus do céu! Pensei que isto só com lobinhos. No nosso canto de patrulha ele não saía de lá. Sempre fazendo o que deveríamos fazer. O fogo do conselho foi o pior que participei. Só ele determinava só ele falava só ele dizia o que fazer. Esperei a reunião seguinte e procurei o Chefe Josmar. Queria ser sincero e dizer por que estava saindo. Nunca devia ter feito isto. Ele me olhou e disse que ser Escoteiro não era para qualquer um. Para ficar e participar tinha de ser forte, aceitar sem reclamar. No

escotismo não tem lugar para perdedores. Meu Deus! Nunca esperei isto dele. Eu era para ele um perdedor? Será isto mesmo? Será que ele estava certo e eu errado? Varetinha me disse que não ia falar com ele e lá não pisava mais. No sábado seguinte não fui. Por dois meses não apareci no Grupo Escoteiro. Ninguém nunca me procurou para saber o que houve. Nem o Monitor. Diversos outros meninos que saíram me procuraram para reclamar. Outros que nunca foram riam e diziam que lá nunca iriam aparecer. Ser Escoteiro? Nunca meu amigo. Nunca!

De vez em quando encontro com um e outro que ainda estão lá. Dizem que quase todos saíram e entraram outros. Nada tinha mudado. A tropa tinha 15 agora, mas com as meninas. Elas foram incorporadas por falta de chefia. O Chefe Josmar continua. Não mudou nada. Labareda um Monitor da Tigre me contou em segredo – Olhe Pingo D'água, eu estive para sair. Fiquei por causa da patrulha, ou melhor, para dois deles, pois os demais saíram e entraram novos. Tudo continua como antes. É só apito, jogos repetidos, ele gritando para todos e sorrindo para as meninas. Elas agora são o xodó dele. Acampamentos? Poucos. Muito poucos. Dizem que ele vai substituir o Chefe Lobão que anda muito doente. Rezo que sim, pois quem sabe aparece um Chefe de verdade?

- Uma história fictícia. Dizem que não existe que é irreal. Nenhum Chefe vai se reconhecer nesta história. A tropa dele é diferente. Dizem que todos nós inclusive os jovens temos direitos e deveres, mas os jovens tem o que? Direitos? Você acredita mesmo que os jovens irão procurar o Chefe para explicar porque estão saindo? E onde eles podem reclamar? Com o superior no grupo? Com o Distrital? Com a região e cá prá nós, você acredita mesmo nisto? Tem gente que sim. Afinal Papai Noel nos foi enfiado goela abaixo e muitos ainda acreditam nele.

Gilbert, um Escoteiro em busca da trilha dos elefantes.

Há muito queria contar esta história. Mas porque achei meio infantil e desconexa desisti. Hoje fiquei pensando porque não? Lá vai então. – Nas minhas andanças por este enorme país eu fui parar em uma cidadezinha chamada Nova Matusalém. Isto mesmo. Este era o nome. Na pensão da Dona Esther eu fiquei sabendo de que a muitos e muitos anos existiu um Grupo escoteiro na cidade. – Porque acabou? Perguntei. – Não sei. Porque não vai até a pracinha. Olhe no banco que fica em frente à Matriz. Vai encontrar Narciso ele é um velhote gente boa. Ele gosta de conversar e foi Escoteiro naquela época. – Não me fiz de rogado. Adoro conversar com antigos chefes. Eles sempre têm histórias maravilhosas para contar. Almocei, tirei um cochilo e parti para a praça. Não havia erro, com seus 80 anos lá estava ele. Um belo sorriso, no ombro direito uma pombinha amarela, no esquerdo um Pintassilgo e um Bem-te-vi.

Parei na sua frente e alegre eu lhe disse – Sempre Alerta chefe! Ele imediatamente ficou em pé e solenemente respondeu Sempre Alerta. – Sente-se aqui ao meu lado. Há tempos que não converso com um Escoteiro. Ficamos ali conversando até sete da noite. O convidei para comermos um peixe em um restaurante que diziam maravilhas. Aceitou. Um velhote e tanto. Educado, simples e gentil. Histórias e histórias foram contadas. Mas teve uma que me chamou atenção. Do Escoteiro Gilbert e seu Elefante-africano. – Aqui? Perguntei. Aqui mesmo e começou a contar a história.

- Gilbert era Escoteiro há pouco tempo. Eu estava nos seniores e quase não tínhamos contato. Fiquei sabendo que ele insistiu com a Patrulha para atravessarem a Mata dos Macacos Cinzentos. Jurou que do outro lado iriam encontrar uma manada de elefantes. Ninguém acreditou naquela história absurda. Nem pensar disseram. Era uma mata que ficava a mais de setenta quilômetros, atrás da Serra dos Índios Tambaquis. Eu já tinha ouvido falar dela. Poucos se arriscavam a ir lá. Um nevoeiro denso cobria a mata. Disseram que muitos que entraram desapareceram. Todos sabiam que do outro lado da mata ficava a cidade de Tarumim. Havia até um projeto de cortar a mata com uma estrada, mas devido à falta de verba o projeto foi adiado. Gilbert não desistia. Procurou-nos um sábado – Será uma aventura e tanto! Disse a todos os seniores. Eu sei o caminho. O vi em meus sonhos. Depois da mata vamos encontrar o Vale do Tigre e lá uma manada de elefantes. Lá também tem leões, girafas, hipopótamos uma fauna gigantesca que hoje nem na África se encontra. É lindo lá. Campinas verdejantes, árvores com copas redondas, cascatas e cachoeiras enormes!

Achamos graça de Gilbert. Ele implorou ao Chefe Cardinho, falou com a Akelá Laurita. Nada. Era um sonho louco. Inacreditável. Quem iria pensar em ir a um local de sonhos de um Escoteiro? Em uma segunda feira Gilbert não foi à escola. Seus pais foram alertados. Procuraram em todos os lugares e nada. Ele não era gazeteiro. Nunca foi. Era sim um ótimo aluno. Dois dias a procura de Gilbert. Nada. Natalino um boiadeiro disse ter visto um jovem de bicicleta rumando para a Mata dos Macacos Cinzentos. Chefe Cardinho, Moliere o assistente e os seniores estavam na sede naquela quinta preparando para partir em busca de Gilbert. Todos tinham muita experiência. Não sabiam o que iriam encontrar na mata. Mas a vida de um Escoteiro estava em jogo e seus pais inconsoláveis.

Quando estavam saindo um belo susto. Impossível! Gilbert entrou montado em um enorme elefante branco, com duas enormes presas de marfim. Enormes orelhas mais de duas toneladas de peso. Ele ria. Batia palmas. No centro da sede o elefante com sua tromba o colocou no chão e ficou sentado em duas patas. A cidade em peso correu para ver. Os pais entre alegres e preocupados previam um castigo para ele. Fazer o que com o elefante? O delegado disse que na cidade próxima tinha um circo. Mandaria alguém lá e ver se interessariam. Gilbert gritou. - Não podem fazer isto! Pelo amor de Deus! – Seus pais o levaram para casa. Um sermão, e a proibição de sair do quarto por uma semana. Sem escoteiros por dois meses. A mãe o levaria a escola e o iria trazer. No dia seguinte o quarto vazio. Ele pulou a janela do segundo andar e sumiu. Correram na sede. O elefante também sumiu.

Natalino o boiadeiro contou que quando estava recolhendo uma vacada parida, o viu sentado em um elefante entrando na Mata dos Macacos Cinzentos. Gritaria. Onde este escoteiro estaria novamente! Um mês! Sim, um mês desaparecido. Passou todo setembro sem dar as caras. Muitos acharam que ele tinha morrido. Apareceu em um domingo de sol. Sorridente. Seus pais desistiram do castigo. Gilbert pediu que pudesse

de tempos em tempos visitar seus amigos elefantes. Tinha levado uma máquina fotográfica. Varias fotos de animais que não existiam no Brasil. Não acreditavam nem nas fotos. Seus pais concordaram. Sabiam que ele iria fugir se o prendessem. Ficou famoso na Patrulha e no grupo. Todos o reverenciavam. Pediam para contar a história do Vale do Tigre. Ele sorria e nada dizia. – Como chegar lá? Ele sempre sorrindo e calado.

Quando fez dezoito anos despediu do seu pai e de sua mãe. Foi na reunião de tropa e abraçou a todos no Grupo Escoteiro. Disse que iria partir. Ia morar no Vale do Tigre para sempre. O Chefe, um soldado dos bombeiros e dois seniores o seguiram de longe. Viram-no entrando na mata. Entraram atrás. Uma enorme cachoeira. Nem sinal de Gilbert. Sumiu nas brumas que invadia a mata e nada conseguiam ver. Sei que a cada ano aparece. Montando sempre em um elefante. Abraça seus pais fica um ou dois dias e depois desaparece.

Olhei para Narciso. Ele sorria. Pensei com meus botões – Cara danado este Chefe! Será que ele acha que eu acredito? Saímos do restaurante. Ele me acenou dizendo adeus. Na esquina vi que ele estava montado em um elefante branco. Corri até ele. Sumiu na curva da estrada. Verdade? Mentira? Não queria contar. Nunca mais voltei à Nova Matusalém. Nunca descobriram a terra maravilhosa do Vale do Tigre. Ele jurou que era verdade. Gostaria mesmo de passar uma temporada naquele vale maravilhoso. Mas a vida não é como a gente quer. A vida é feita de sonhos e só quem sonha tem o direito de fazer o que quiser de sua vida!

Segurem o tempo! Não o deixem passar!

“O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta”. Então – para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa – eu cultivo certo tédio. Degusto assim cada detestável minuto da eternidade da espécie. Quero viver muitos minutos num só minuto! Ah! Clarice Lispector. Você é formidável para aproximar nossa mente na realidade do presente. O tempo passa célere demais. Quando crianças corremos atrás dele para que cada dia fosse acontecer a cada segundo. – Mãe! Quando é meu aniversário? Que saudades. Um bolo, velas para apagar, amigos em volta da mesa e até esquecia-se dos presentes. Depois se tornou natural. Os anos não contam os bolos acesos e velas apagadas.

Dizem que em determinada época na nossa vida, passamos para a terceira idade. Até hoje não encontrei alguém da primeira e da segunda idade. De quantos em quantos?

Sei que na terceira somos mais olhados. Mais vistos. O envelhecer trás a aproximação dos amigos, dos familiares e das lembranças dos que estão distantes. Nesta hora passamos há contar o tempo. Observamos melhor aquela ampulheta que está sobre a mesa e sabendo que um dia ela vai ficar vazia. Quando só Deus sabe. Dizem também que nesta data nos sentimos mais amados, pois a idade envelhecida não nos dá mais forças para fazer o que sempre fizemos. Eu tive um grande amigo que já se foi e me dizia sempre – Aposentar é perder parte da vida! Não sei se me sinto assim. Não foi Mario Quintana quem disse que não devemos fazer de nossa vida um rascunho? Claro, pois vais ter a hora de ter que passá-la a limpo e nada melhor que a aposentadoria.

Dou graças a Deus que o tempo passa. Já imaginaram o desespero que tomaria conta de nós se tivéssemos que suportar uma segunda feira eterna? Gosto de citar Fernando Sabino que dizia: - O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis. Quem sabe viver seria um exercício de desprendimento. Uma aventura de deixar que o tempo leve o que é dele que só fique o necessário para continuarmos as novas descobertas. Dizem que em tudo existe beleza na passagem escondida do tempo. Coisas velhas que se revestem de frescor. Para nós é melhor deixar a vida seguir seu curso. Não pensar tanto no amanhã. Se alguém disse que o amanhã nunca morre porque irei pensar nele?

Coloquei em minha mente que não existem tristezas que mereçam ser eternas. Acho que nem a felicidade. O que precisamos mesmo é aprender com as tristezas e as alegrias. Alguém já disse que elas só seriam suportáveis à medida que as dividimos. Eu sou um homem feliz. Tive com quem dividir tudo na minha vida de terceira idade. Minha família faz parte do meu corpo, da minha alma e do meu coração. Ah! Não se esquecer dos amigos. “Isto nunca”. Um dia quem sabe vamos nos ver pessoalmente, não sei onde, aqui ou nas alturas e frente a frente estarei uniformizado, muito bem uniformizado de calças curtas, meiões dentro dos “padrões” escoteiros com listras retas, calçado preto bem engraxado, cinto brilhante, meu lenço bem passado, dobrado e bem postado com meu anel de Giwell brilhante e com meu chapéu de três bicos na minha mão esquerda fazendo uma reverencia e a direita se preparando para ficar em posição de sentido e dizer: Obrigado a todos vocês por serem meus amigos!

Zé Celso Pescador e o descomunal Mexilhão-Dourado.

Zé Celso era Escoteiro da Patrulha Morcego. Zé Celso era um Escoteiro comum, nada de mais como menino. Claro, altura mediana, magro e franzino para os seus doze anos. Tinha os cabelos crespos apesar de sua cor branca. Sua mãe Dona Eulália e seu pai Senhor Chaparral eram brancos, mas diziam que seu avô por parte de mãe foi escravo da

fazenda do Coronel Miltinho. Seu pai era mestre pescador. Viviam da pesca que ele retirava do Rio Tambaú. Os peixes estavam rareando. Já não eram mais como antigamente. Mesmo com a atuação dos Militares Ambientais, a pesca de rede era frequente. Zé Celso nasceu no rio. Adorava pescar. A Patrulha adorava Zé Celso, não só pela sua calma, pela sua educação, pela sua voz ponderada, mas também por que sabia que com ele comeriam uma boa moqueca de peixe. Além de pescar era exímio nos pratos de pescados. Seja em panela ou assado na brasa.

Quem me contou esta história não foi ele. Foi Wantuil seu Monitor há alguns anos atrás. Encontrei-me com ele na Barra do Jacu, onde levei um Clã Pioneiro para descer o rio até a foz do São Francisco. Os pioneiros se deliciaram com a história. No final ele foi ovacionado e até pagaram uma lauta refeição no refeitório do barco a vapor que viajamos. Quando contava a história me lembrei do conto de O VELHO E O MAR de Ernest Hemingway. A luta do "Velho" pescador pelo peixe da sua vida. Acho que todos devem ter lido. Mas vamos à história. Wantuil disse que foram acampar na barranca do Rio Tambaú bem próximo onde desaguava o Rio Colorado. Nada de novo no acampamento que significasse mudar o rumo da história a não ser no segundo dia centenas de urubus a voarem em cima do acampamento. O Chefe Mira Flores ficou cismado e tanto procurou que achou um enorme touro preso na beira do rio no meio de cipós trazidos pela cheia. Os urubus sabiam que era morte certa. Nada que o Chefe Mira Flores desse um jeito. O touro foi solto.

Como sempre Zé Celso foi liberado para sua pescaria. Sabia que ali tinha peixes de bom tamanho e pretendia presentear a todas as patrulhas neste acampamento com um bom pescado. Depois da inspeção ele foi liberado. Era mestre em armadilhas. Fazia uma que era tiro e queda. Uma vara flexível de bambu, de mais ou menos dois metros e meio, um cabo fino de mais ou menos um metro prezo com um anzol grande. Bem abaixo no pé do bambu outro de uns vinte centímetros amarrado transversalmente com uma amarra diagonal. Na ponta deste menorzinho ele cortava fatias de mandioca que se encaixavam no bocal do bambu. Esticava o cabo segurava no anzol e enfiava a ponta na mandioca. Soltava devagar, pois se não ficasse bem preso sua mão ou seu dedo seriam fisgados.

Zé Celso fez três destas armadilhas. Entrou na água por um oito metros e fincou cada bambu no fundo do rio. Ali não era fundo. Não mais que um metro e meio. Dava para ver a ponta das varas. Agora era esperar na margem que algum Piau ou então um dourado mordesse. Se desse certo e sempre dava em pouco tempo teriam um ou dois peixes fisgados. O primeiro cabo da vara se soltou. Vazia. Lambaris pensou. Eles sempre atrapalham. Meia hora, uma hora e a segunda vara entortou toda. Um peixe havia fisgado. Zé Celso correu para dentro d'água. Sabia que o peixe com sua força arrancaria em pouco tempo a vara da areia no fundo do rio. Quando foi segurar a vara levou o maior susto. O maior Dourado que ele já vira. Sem mentiras, pois o Escoteiro não mente tinha mais de doze quilos. Enorme. De vez em quando vinha à tona e dava um salto que maravilhava Zé Celso. O sol batia sobre sua pele e o peixe brilhava na sua cor vermelha e metálica.

Zé Celso ficou ali segurando a vara fincada no rio. Não podia soltar. Sabia que gritar aos amigos não adiantava. Longe demais. Esqueceu-se de avisar a eles onde

estaria e o acampamento ficava a mais de dois quilômetros de distância rio abaixo. Meio dia, uma hora, duas três. O peixe não se cansava. Corria para todo lado. Uma perna de Zé Celso começou a dar câimbra. Ele estoicamente não desistiu. Ficou ali. Era o seu maior peixe. Não iria perdê-lo nunca. Quatro horas, seis começou a escurecer. Agora sabia que já estavam o procurando. Em breve o achariam. Oito da noite, nove, uma hora da manhã. Nada. Um frio de doer. Zé Celso lá. Não largava o seu peixe de jeito nenhum. Seus lábios tremiam. Seus dentes batiam um no outro. Às quatro da manhã começou a se sentir cansado. Seu corpo não queria mais obedecer a sua mente. Fez o que nunca deveria ter feito.

Pegou o cabo da outra vara. Amarrou a vara do peixe em sua perna. Arrancou a vara e se deixou levar na correnteza. Nadava bem e sabia boiar. O dia amanhecendo. Zé Celso boiado rio afora. Pensou que quando passasse por baixo da ponte do Cavalo Doido alguém o veria. O dia já havia amanhecido. Um pescador o viu. Foi até ele com seu barco. O ajudou até margem. Quando retirou a vara o peixe era só esqueleto. Um enorme espinhaço. As piranhas quando desceu o rio comeram todo o peixe. Zé Celso chorou. Tanto trabalho por nada. A tropa o encontrou exausto próximo à ponte. Procuraram-no a noite toda.

Zé Celso não pegou seu maior peixe. Mas foi ovacionado por todos os escoteiros. Ficou conhecido pela sua tenacidade. A cidade em peso soube de sua história. Quando passava na rua era cumprimentado. Na sua sala de aula a professora fez um discurso para ele. – Disse: - Que Zé Celso seja o exemplo para vocês. Desistir nunca! Nunca mais Zé Celso pegou um peixe daquele tamanho. Não desistiu de pescar e a patrulha comeu bons guisados de peixe frito na brasa. Sei que levaram a espinha do Dourado e colocaram no coreto em praça pública. Ficou lá por muitos anos. Todos até hoje imaginaram se Zé Celso tivesse pegado seu peixe. Como se diz por aí, nem sempre temos aquilo que gostaríamos de ter.

Guardei esta história e até hoje conto para meus escoteiros. Uma lição de vida. Verdade ou não exemplos são feitos para serem seguidos e o de Zé Celso não pode ser olvidado nunca!

Escoteiro não durma. Se dormir você morre!

Ainda faltava uma hora e meia para chamar Meiasuja. Meu amigo de muitos anos e Escoteiro sênior como eu. Meus olhos queriam fechar. Um sono incrível. Não sei se aguentaria sem dormir por muito tempo. A noite estava gostosa. Uma brisa fresca, um céu estrelado e naquela clareira da Floresta da Jiboia nada dizia que seríamos incomodados por chuva ou outros “bichos” naquela noite. Meus olhos fecharam. Tentei

abrir. As pálpebras não obedeciam. Forcei novamente. O melhor era levantar beber um pouco de água, passar um pouco no rosto e tomar um café que estava quente no bule em cima das brasas do fogo, pois assim meu sono seria espantado. Por pouco tempo é claro. Já tinha feito aquela rotina por duas vezes. Abri os olhos. O que vi me matou de susto de uma só vez! Fiquei paralisado. Meiasuja tinha me prevenido. Melhor fazer uma guarda, cada um fica três horas e meia. Lembre-se não durma! O Seu Ptolomeu foi sincero em tudo que nos contou.

E daí? Adiantou? Consegui abrir o olho, mas não consegui me mexer. Era a visão da morte. Não dava um níquel pela minha vida. Os dois eram enormes. Seus olhos eram brasas vermelhas a brilharem no escuro. Seu Ptolomeu disse que não era comum Pumas daquele tamanho na região. Eles lá na roça os conheciam como Onça Pé de Boi. Matavam para viver e quando apareciam o gado ia aos poucos sendo sacrificado. Diziam continuou ele que eram animais fantásticos e que muitos caçadores e pescadores que conseguiram sobreviver juram que era uma Onça enorme, andando sempre aos pares com uma fêmea. Assim era difícil escapar. Encurralavam em algum lugar e enquanto matavam um e comia a fêmea esperava sua vez. Se vocês estiverem armados, matem primeiro o macho. Só assim poderão sobreviver, pois a fêmea vai fugir. Pescoço, você e Meiasuja tomem cuidado. A Suçarana que aqui chamam de puma podem matar vocês só com uma pata.

Não me mexia. O corpo tremia. Urinei na calça uma vez. Seriam varias naquela noite. Olhava aqueles olhos vermelhos que não piscavam. Os dois pumas estavam um ao lado do outro e a menos de três metros onde estava. Meiasuja estava atrás de mim dormindo nem imaginava o perigo que corria. Pensei em acordá-lo, mas estava tremendo. Se ele acordasse e gritasse já era! – O que fazíamos ali? Por Deus deveríamos ter voltado. Seu Ptolomeu foi enfático. Agora era tarde de mais. – Tudo começou no Conselho da Tropa Sênior. O Grande Acampamento Distrital Sênior que fazíamos a cada dois anos seria em nossa cidade e iria acontecer uma grande Olimpíada Técnica Escoteira. Precisávamos de um local para alojar mais de duzentos seniores de seis distritos Escoteiros. Não poderia ser um lugar qualquer. – Era condição mínima ter uma mata, um rio ou riacho mais largo, remansos para banho, se possível quedas d'água para pioneiras de grande porte e muita madeira. Todos nós conhecíamos uma infinidade de lugares, mas mesmo assim o Chefe Pantaleão no Conselho de Tropa Sênior deu sua opinião que prevaleceu.

Vocês são doze. Duas patrulhas. Tem muitas estradas vicinais que ainda não exploramos. Vamos nos dividir em duplas. Levar toda a patrulha não vai dar tempo de achar um local novo e desconhecido para todos. Vamos sair pela manhã do próximo sábado e voltar no domingo à tarde. Vamos sortear aonde cada um vai. Na semana seguinte nos reuniremos para ver o que vocês encontraram. Assim foi dito, assim foi feito. Nosso destino seria a Floresta da Jiboia. Nunca estive lá. Tinha ouvido falar. O Rio Taquari corria em suas entranhas mais fechadas. Até pescadores evitavam ir lá. Mas éramos seniores. Afinal o difícil para nós era fácil. Impossível? Nunca, dizíamos. O possível se faz agora e o impossível daqui a pouquinho.

Para ser sincero não dei muita bola para o que disse o Seu Ptolomeu. Já vi onças muitas vezes e a maioria se espantava e sumia no meio das matas. Portanto estas

tais pumas quando nos visse fariam a mesma coisa. Iriam fugir como o diabo foge da cruz. Ainda bem que o Meiasuja deu a ideia da sentinela. Mas não achei que adiantou muito. Estava petrificado olhando aqueles enormes pumas a minha frente. Como sênior aventureiro já tinha visto a morte de perto muitas vezes. Naquele buraco fedido no Espinheiro da Maloca, onde nunca tinha visto tantas surucucus reunidas em um só local. Ou mesmo na Garganta do Espantalho, onde caí dentro de um buraco de formigas gigantes. Safei-me de muitas e outras borrava de medo. Nunca fui valente. Mas gostava daquilo que fazia. Agora não. Sabia que não haveria escapatória. Atrás de mim, deitado em uma manta e com a cabeça na mochila Meiasuja dormia como um neném recém-nascido.

Um dos “monstros” sem pêlo deu mais um passo a frente. A fêmea fez o mesmo. Estava morto e não sabia. Olhavam-me dentro dos olhos. Não aguentei mais. A calça ficou toda molhada. Perdi os sentidos. Não tive sonhos e nem pesadelos. Acordei uma hora depois pensando estar no céu. Os dois pumas estavam deitados aos meus pés e dormiam como anjinhos. Acho que aproveitando o calor das brasas do fogo que já se extinguiu. Cutuquei Meia suja. Ele custou a acordar. Fiz o sinal de silêncio com o dedo à boca. Ele então viu os pumas. Saímos pé ante pé. Subimos na primeira árvore que encontramos. Cada um em um galho. Ficamos lá por um bom tempo. Pela manhã os pumas foram embora e nós também. Sempre a olhar na longa trilha da mata se eles resolvessem nos emboscar. Foi duro sabe muito duro. Não tinha levado roupa reserva. Todo molhado e vi que não era só isto, pois tinha mais coisa na roupa. Saímos da mata duas horas depois.

Passamos pela fazenda do Seu Ptolomeu. Ele abanou a mão. Estava dando um trato na sua vacada de leite. Não paramos para comentar. O medo era demais. No Conselho de Tropa Sênior todos deram boas risadas. Alguns não acreditaram em tudo que contamos. Que seja. O Acampamento Sênior Distrital foi realizado com muito êxito. Nossa patrulha não ganhou nada nas olimpíadas, mas eu e Meiasuja fomos batizados de “Escoteiros Melosos”. Bem não foi propriamente meloso, mas o nome próprio não deve ser colocado aqui. Um dia na Barbearia do Mico Preto, eu cortava o cabelo e o Seu Ptolomeu entrou. Quando me viu riu e disse – Sabe? Nunca mais vi os dois pumas. Não perdi mais nenhum boi. O que vocês fizeram para eles sumirem deste jeito? Falar o que? Será que eles aproveitaram o calor do fogo e o calor de dois meninos Escoteiros e em troca da amizade e hospitalidade oferecida foram embora?

Um dia chamei Meiasuja e disse – Acho que devemos voltar lá. – Nem pensar Pescoço, nem pensar! Mas no meu íntimo queria saber se os pumas ficaram meus amigos. Uma dúvida que persiste até hoje. Cresci e não voltei. Não soube de mais nada deles na Floresta da Jiboia. Soube sim que outras patrulhas acamparam lá e nem sinal dos pumas. Ainda bem. Histórias são histórias. Acreditem se quiser! Risos.

Nas terras bravias do Lago Dourado.

Foi uma noite calma. As estrelas não cintilavam no céu como no dia anterior. Algumas nuvens brancas as cobriam como se fossem um manto protetor. A lua se fora há tempos. Achei que ia chover. Não choveu. Meus olhos estavam fechados. Dormitava pela madrugada fria. Um pequeno tronco me serviu como travesseiro. Coisas de um "Velho" mateiro acostumado. Um pequeno fogo ao lado agora só brasas com pequenas fagulhas que se inibiam ao subir aos céus me davam um pouquinho de calor. Pela aba do meu chapéu de três bicos eu podia ver a escuridão da noite. Gostava dela. À noite. Era minha amiga de muitas e muitas jornadas.

Não ansiava pela madrugada. Que ela chegasse de mansinho. Não era um arbusto e quem sabe seria um pequeno arvoredo que encontrei perdido naquele vale dos sonhos onde dormia. Serviu-me de manto para a noite gostosa daquele inverno que não fora tão rigoroso como os anteriores. Minha mochila ao lado era minha companheira de anos e anos de caminhada. Sempre fora. Dentro dela com carinho estavam minhas "bugigangas" de mais uma jornada. Meu bornal pendurado no galho guardava minha "matutagem" caso tivesse fome. Abri um olho de mansinho. Avistei uma cigarra azul que cantava baixinho seus cantos noturnos. Gosto das cigarras. Fazem-se pródigas e só aparecem uma vez ao ano. E como são lindas. Amo-as!

Senti uma brisa leve no rosto. Soprava gostosamente. Gostosa mesmo. Afagante. A brisa. Sempre perdida por aí. Nas montanhas, nos vales nos rios caudalosos ou no pequeno riacho de águas turvas. Uma amiga. Não se esquece da gente. Os anos passam e lá está ela. A madrugada não iria demorar. Grilos falantes pareciam fantasmilhas na escuridão noturna. Melhor tentar dormir. Fora um dia e tanto. Uma grande jornada de um "Velho" Escoteiro sonhador. Um vagalume pousou no meu ombro. Sorri para ele. Enrosquei-me na Manta Negra que um dia a muitos e muitos anos meu Vô me deu com carinho. Não sentia frio. O corpo curtido pela idade já não era aquele de um passado que se foi.

Um pequeno lusco fusco. Sinal que ela a madrugada ia chegar. Eu gostava das madrugadas. Eram lindas. Não importava se com sol ou com chuva. Adorava as madrugadas nos campos perdidos deste mundo de Deus. O cheiro da relva, das flores silvestres. O cheiro da terra. Ah! Maravilhoso! Tive madrugadas que marcaram. Com brumas a cobrir o campo verdejante, com brumas sobre os lagos azuis, cinzentos e vermelhos com o sol cobrindo-os. As brumas. Ah! Adoro-as. São lindas, querem cobrir meus olhos. Não querem que você veja ninguém só elas. Mas choram. Choram porque o sol irá chegar e elas terão que ir para longe, aonde ele o "Senhor Sol" ainda não chegou.

Lá no horizonte um pequeno brilho. Pequeno mesmo. O sol. Ele estava chegando. Gostava de anunciar sua chegada. Era o rei. Não era um astro qualquer. Não aparecia assim do nada. Anunciava que se preparassem todos. Uma pequena claridade, um pequeno vermelho desbotado, raios brancos tingidos de amarelo ouro e eis que ele aparece. A montanha o reverencia. O dia nasceu. Eu estou acordado. Uma hora sagrada. Sempre gosto de ver o nascer do dia. É como se fosse uma criança chegando ao mundo.

As brumas cinzentas me disseram adeus. O orvalho se escondeu. A última gota d'água caiu de uma folha adormecida. A brisa insistente continuava lá a me acariciar o rosto. Não se afastava. Uma amiga de épocas e épocas passadas.

Hora de partir. Não disse adeus para todos eles que me acompanharam a noite e no lusco fusco da manhã. Não precisava. Eles sabiam que não era mais que um até logo, não era mais que um breve adeus. Eu voltaria. O "Velho" Escoteiro não para. Em sonhos ou pisantes nos meus pés hoje cansados. Ajeitei meu lenço, arrumei meu meião. Calcei meu velho coturno de guerra. Mochila as costas, pendurei meu bernal no ombro, o chapéu meu protetor do sol já posto. Minha forquilha de anos e anos e agradei o arbusto que me serviu de lar e parti. Meu rumo? O mesmo de sempre. Para onde o vento me levar. Sabia que em algum lugar iria encontrar o Lago Dourado. Diziam que não tinha peixes. Que uma bruma cinza o cobria por todo o tempo. Isto eu iria ver quando chegasse.

O sol a pino. Gosto disto. Os primeiros pingos do suor caem e somem na poeira da estrada que leva a rumos impossíveis. Meu chapéu de abas largas me protege. A forquilha me ajuda a andar e achar o caminho. Uma montanha verde cheia de árvores floridas avisto ao longe. Deve estar perto a minha busca incessante. Quem sabe na virada da curva da Raposa que Chora eu encontro o Lago Dourado? Acordo. Era um sonho. Sempre sonho com este lago. Um dia irei encontrar. A cada dia em meus sonhos mais me aproximo. Levanto. Dou um sorriso. Um novo dia. Na janela o sol. Não há brumas. Até o lusco fusco da manhã se foi. A brisa está ali de leve de mansinho nunca deixou de me acariciar o rosto. Mais um dia iniciando. Ele vai passar como tantos que passaram. E quando a noite chegar vou dormir, vou sonhar e quem sabe um dia eu vou encontrar o Lago Dourado. Não vou desistir dos meus sonhos. Eles fazem parte de mim. A cada dia eu digo, não desista "Velho" Escoteiro. Digo sempre – “Eu voltarei”. Quem sabe um dia eu poderei dizer que encontrei o meu querido Lago Dourado?

No mundo de fantasia entre bruxas, fadas, Duendes e Gnomos. O que eu sei que as Bruxas nos fazem apaixonar e cessar no tempo. As fadas nos ensinam a ser criança. Os duendes esconde de nós, o tesouro mais íntimo, assim como os Gnomos ficam rindo da nossa cara. Max Reygson

A incrível lenda do Guardião da Floresta da Bocaina.

“Conta uma lenda que toda vez que alguém desaparecia na Floresta da Bocaina as margens do Rio Vermelho, a sudoeste de Palo Verde e ao norte da capital do Pará, uma

densa neblina tomava conta para evitar que as buscas tivessem sucesso. Dizem que era uma floresta tão densa que a luz do sol raramente passava entre as copas das árvores e isto criava um cenário ideal para a existência de lobisomens, bruxas e gnomos”.

Prologo:

Quando me contaram esta história sorri de leve para não deixar Diógenes sem graça. Ele mesmo se jactava que em uma das suas reencarnações tinha o mesmo nome, e que era aquele que andava com um lampião aceso dizendo estar em busca de um homem honesto. Eu conhecia a lenda, ela aconteceu lá pelos idos do ano de 323 antes de cristo. Diógenes era chamado de Cínico e foi um filósofo da Grécia antiga. Se fora anedota ou não ele foi exilado de sua cidade, mudou para Atenas e depois virou um mendigo que perambulava pela rua carregando um lampião, durante o dia dizendo estar procurando um homem honesto. Ele acreditava que a virtude seria mais bem revelada se na ação e não na teoria. Mas o Diógenes de hoje não sei não. Ele não trabalhava e vivia também perambulando pela cidade, sem seu famoso lampião e diferente de muitos mendigos ele tinha uma casinha boa e vestia sempre roupas caras. Bem eu não era amigo dele e para dizer a verdade nem sabia quem eram seus amigos. Naquela tarde estava me preparando para uma difícil prova que iria realizar para ver se conseguia uma vaga de Auditor Fiscal da Secretaria da Fazenda quando ele sentou ao meu lado.

Eu gostava da Praça do Povo, um lugar simples sem movimento e que me deixava tranquilo para aclarar as ideias. – Eu já te contei esta? Ele falou. Não sabia que ele estava ao meu lado. Qual Diógenes? – A do Guardião da Floresta da Bocaina! Ele disse. Nunca tinha ouvido falar, mas dei corda a ele. Eu sei quanto vale uma história bem contada e quem sabe minha cabeça a mil ouvindo uma boa história até me ajudaria a entender melhor aquela matemática infernal que tentava entender para a prova do dia seguinte. – Olhe – Ele continuou – Não sei o seu nome, mas sei que você é um Escoteiro. Já vi você de calças curtas muitas vezes. Sei que vocês gostam de acampar, explorar novas florestas e montanhas enormes e sei também que adoram um curso de água doce à procura de sua nascente. Antes de morar aqui eu morava em Palo Verde, uma cidade a sudoeste do Rio Vermelho bem longe da Capital do Pará. Lá eu era bem conhecido e tinha até um Cinema que aos sábados e domingos uma fila enorme se fazia para assistir a um bom filme.

Uma história, apenas uma história.

Foi lá em Palo Verde que vi vocês a correrem pela cidade, a desfilar, a colocar uma mochila e ir para os campos a procura de aventuras. Eu até um dia pensei em ser um de vocês, mas depois desisti. Porque desisti? Tudo por causa do Jobson dos Santos. Um menino pequeno, magro, raquítico que só vendo. Quase não falava e quando dizia alguma coisa era de uma sabedoria tremenda. Ele era daqueles que nunca deixava nada sem fazer. Não levava desaforos para casa apesar de que bastava um empurrão e ele se esparramava pelo chão. Jobson resolveu ser Escoteiro. Foi aceito porque sua mãe era amiga de uma Chefe de lobinhos e isto porque não existiam vagas. O Grupo Escoteiro estava cheio. Na Patrulha Lagarto ninguém ligava para ele. No primeiro acampamento ele sumiu por horas. Apareceu depois sorrindo e mesmo com a “lavada” do Monitor e do Chefe ele continuou rindo e não disse nada.

Jobson era inteligente. Menos de cinco meses sabia tudo para fazer as provas de segunda e primeira classe. Só não fez porque o Monitor Maguilson lhe disse que precisava ter um tempo. Precisava também de algumas especialidades. Jobson não disse nada, ele não encrocava e nem retrucava. Aceitava tudo de bom grado. Um dia em um acampamento de fim de semana um fazendeiro amigo da tropa fez uma visita e a noitinha em uma Conversa ao Pé do Fogo contou uma história interessante. Claro que ninguém acreditou. – “Escoteiros” - ele disse – Se um dia vocês forem para os lados do Rio Vermelho, bem a sudoeste de Palo Verde nunca entrem na floresta Negra da Bocaina. É uma floresta tão densa que é difícil andar. Mesmo com um bom facão fazer uma trilha é difícil. À tardinha uma bruma cinzenta percorre toda a mata e quase nunca o sol consegue penetrar entre as árvores.

- Todo mundo prestava a máxima atenção ao senhor Zeferino o fazendeiro. Olhos arregalados, pois se tinham uma coisa que gostavam eram histórias incríveis e quem sabe um dia viver uma delas? – Continuou o Senhor Zeferino – Nesta floresta negra dizem que habitam “lobisomens, bruxas e gnomos”. Contaram-me que tem um enorme leopardo rajado de amarelo e negro que toma conta de tudo. Ninguém ousa entrar lá e o tal Leopardo com suas enormes garras mata quem se arrisca. Um empregado meu, de nome Zózimo riu quando soube da história. Pegou uma espingarda e um facão e alardeou a todos que ia entrar. Sumiu por dois meses. Encontraram-no quase morto as margens do Rio Vermelho e ficou internado na UTI de um hospital por dois anos. Quando saiu pegou o primeiro ônibus e sumiu da cidade. Os que ouviram sua história tremem até hoje em contar.

Lourenço muito amigo dele disse que ele encontrou o Leopardo. Horrível, não deu tempo de fugir. Mas o Leopardo o encurralou em uma gruta e ele deu vários tiros e só a fumaça saía pela arma. O Leopardo sumiu e a noite escura e sem luar, apareceu uma linda moça, com um vestido longo e branco e o chamou. Ele sorriu e pensou quem mais alguém habitava aquela floresta. Foi até ela e os dentes enormes e as unhas enormes logo o envolveram. A moça se transformou em um Leopardo e só não o matou porque ele conseguiu correr pulando nas águas escuras do Rio Vermelho. Ele disse que enquanto nadava para a outra margem avistou um enorme lobisomem e várias bruxas que voavam por cima da sua cabeça. Bem eu nunca acreditei na história completou o Senhor Severino, mas querem saber? Nunca fui para aqueles lados. Mais tarde, na barraca Jobson deitado pensava na história. Não saía de sua cabeça. – Vou ver onde fica, se ninguém quiser ir eu vou!

Dito e feito. Jobson convidou a todos da patrulha – Vocês não acreditam nesta história acreditam? Acreditando ou não ninguém quis ir. Ele tentou tudo e até o Chefe o proibiu de comentar mais com a tropa. – Jobson ele disse – Ninguém nunca foi lá e voltou vivo, porque esta insistência? Acredite ou não eu o proíbo de comentar novamente com sua patrulha. Jobson olhou o Chefe e não disse nada. Uma tarde Jobson sumiu. Seus pais preocupados o procuraram no grupo e com todos seus amigos. Nada. O delegado chamou diversos homens e correram por toda a vizinhança da cidade. Dona Matilde disse que o viu pela manhã de uniforme Escoteiro e chapéu, Uma mochila e um bernal rumo a nascente do Rio Vermelho. Os Escoteiros quando souberam pensaram logo que ele tinha ido para a Floresta Negra da Bocaina. Danado! Pensaram. No fundo todos o invejavam.

Jobson sumiu. Por anos ninguém mais ouviu falar dele. Nonato Castanheira era Sênior e tinha também o sangue aventureiro a correr em suas veias. Quando Jobson sumiu ele era lobinho. Agora como sênior vivia sonhando em ir também conhecer o mistério da Floresta Negra. Tinha um medo enorme e sabia que ninguém iria se arriscar a ir com ele. Sem mais nem menos Nonato Castanheira um sênior da Patrulha Pico da Neblina sumiu. Outro? Parecia uma epidemia, mas até então eram dois. Cinco meses depois Nonato Castanheira apareceu. Tinha um olhar diferente, não falava e nem sorria. Escreveu um bilhete aos seus pais pedindo desculpa por não ter dado notícias. Onde fora era difícil. Ele ia voltar e nunca mais iriam vê-lo novamente. No bilhete ele disse que apaixonou pela Fada Violeta, a mais linda mulher que o mundo conheceu. Ela a noite se transformava em fada e durante o dia era o temido Leopardo Guardião da Floresta.

Completo dizendo que a Princesa Violeta tinha muitos homens em sua volta. Formavam um enorme batalhão que a defendia contra tudo e contra todos. Sobre as bruxas e Lobisomens e Gnomos ele não escreveu nada. Parece que os homens que amavam a Princesa se transformavam a noite enquanto ela virava uma linda moça em monstros. A Floresta Negra maldita para uns cheia de amores por outros, cheia de fantasmas por muitos e muitos anos ficou intacta de visita de seres humanos. Eu soube que uma unidade da Marinha com mais de duzentos soldados entraram na floresta. Nunca mais voltaram. Ninguém mais se arrisca a entrar lá. Olhei para Diogenes e sua história mirabolante. Toda história eu sei que tem um fundo de verdade, mas aquela era demais. Quando voltei para casa procurei na internet todo que poderia contar no Google sobre a tal Floresta. Nada encontrei.

Pelo sim e pelo não um dia vou a Palo Verde, nem sei onde fica se é longe da Capital do Pará. Mas sou um Escoteiro aventureiro e não deixo nada sem investigar. Eu adoro histórias assim e breve muito em breve vou descobrir a verdadeira história da Floresta Negra da Bocaina. Vou tirar a limpo a história dos guardiões e da Princesa Violeta. Sei que eu não vou me enamorar. Adoro minha esposa e meus filhos e até já disse a eles o que vou fazer. Na próxima primavera irei de avião até Belém. De lá embarco em um navio em busca do Rio Vermelho. Se Palo Verde e a Floresta Negra existem, eu um Escoteiro vou encontrar sem sombra de dúvida. E quando voltar, se voltar vocês saberão toda a verdade!

**Era tudo tão perfeito
um tanto quanto surreal
bruxas e belas princesas
unicórnios no quintal**

**onde andavam de mão dadas
chapeuzinho e lobo mau
e então agente acorda**

**tudo volta ao seu normal
bruxas queimam na fogueira
princesas só no carnaval.
Felippe Moraes**

As aventuras do Escoteiro Chico Landi.

Aquele que superou os seus limites.

Faz tempo que eu conhecia Chico Landi. Confesso que não tivemos um contato muito próximo, pois eu com meus dezesseis anos e ele com doze havia uma distância muito grande para sermos íntimos. Mas depois que tudo aconteceu seus feitos e histórias foram de conhecimentos de todos. Ele mesmo quando entrou para o restrito Primeiro Grupo de Giwell um dia em um acampamento chamado de Gilwell Park, pois nosso Distrito fazia realizar uma vez por ano com os chefes Insígnias, tive a oportunidade de ouvir dele toda a história que era contada no grupo e que virou mito e lenda o que não era verdade. Ela a história em parte existiu. Disse-me que seu pai era um fã incondicional de Chico Landi, um famoso automobilista brasileiro além de vencer varias provas internacionais e o primeiro brasileiro a participar da Formula um. Este era o motivo de seu nome. Seu apelido de Centelha na Tropa nunca pegou.

Chico Landi era daqueles que sempre dizia – Escoteiro não corre, voa! Escoteiro que é Escoteiro não chora da risada! A chuva para o Escoteiro é como pétalas de rosas a cair em seu rosto! Não existe para o Escoteiro a palavra impossível. Sei que ele tinha um caderno onde colecionava estas frases e ele mesmo inventava na hora outras tantas. A Baguira Vera e o Balu Nonato não sabiam como a Akelá Rosinha tinha tanta paciência com Chico Landi. Bem, era um ótimo lobo, mas não parava de reclamar – Kelá! Tem dois meses que fomos ao acantonamento, vamos fazer outro! Kelá chega de reunião na sede. Vamos passear no campo! Chico Landi adorava a natureza. Quando passou para os Escoteiros tudo mudou. Era uma Tropa quase autônoma de chefia. Marcio o Chefe tinha pouco tempo para dedicar e sempre reunia os monitores e subs em sua casa. Trocavam ideias, muitas vezes acamparam juntos e a Tropa seguia sozinha sem adultos. Monty o Guia dizia sempre – Onde tem um Escoteiro tem uma Tropa e onde tem uma Tropa tem aventuras.

A vida de Chico Landi se transformou a ponto de Dona Laurinda mandar chamar seus pais para uma conversa. – Chico Landi deixou de estudar, Chico Landi só vive nas nuvens, Chico Landi não pode continuar assim, só fala em escotismo, escotismo e mais nada! Doutor Juvenal pai de Chico Landi era um pai compreensivo. Conversou longo tempo com o filho. Chico Landi adorava o pai. Seguia seus conselhos a risca. Mas Chico amava o campo. Adorava correr pelas campinas, espantar as borboletas coloridas misturando com as flores silvestres os raios de sol de um amanhecer maravilhoso. Ele cantava e como cantava. Sabia fazer qualquer tipo de nós. Reconhecia na natureza qualquer gorjeio, qualquer canto – Olhe! Ouçam! É o pássaro Preto do serrado perdido aqui nas campinas! Pegadas? Chico era um bam, bam. Nos acampamentos sua Patrulha Lobo era a primeira em dar o grito para o almoço, jantar, prontos para inspeção, formaturas e apesar de não ser o Monitor era um motivador sem igual.

- Monty, por quê? Monty ria, ora, ora Chico Landi, não podemos viver em um acampamento. A sede precisa de nós. Humm! Ele dizia se é assim então vamos fazer um Salcedo? Para quem não sabe Salcedo era um apelido que deram ao Comando Crow. Eles faziam diferente, um de cada lado, ao se encontrarem tinham de passar um pelo outro. Sempre um despencava no chão. A vida era bela para Chico Landi. Uma família que o amava, um grupo Escoteiro respeitado pela comunidade, uma Tropa de aventuras e uma Patrulha sem igual. Bem vamos dar os méritos a Dona Laurinda a professora e o Padre Gabriel. Eles também sem perceber faziam parte da família feliz de Chico Landi. A vida tem destas coisas, quanto menos se espera o destino bate na porta. Não tem jeito. Bateu levou. Desta vez foi uma pancada forte do destino na vida de Chico Landi.

Seis bandidos resolveram assaltar o Banco do Brasil. Único na cidade. Prenderam os quatro praças e o sargento Nonô na cadeia. Acharam que a cidade estava dominada. No banco Zé Pinta Cega um vaqueiro da fazenda Luvião não achou graça naquilo. Mandaram todo mundo deitar no chão e um dos bandidos dava chute nas costas e na cara dos clientes. Zé Pinga Cega não levava desaforos para casa. Seu 38 querido estava lá onde sempre esteve. Dentro do bolso comprido de seu paletó feito exclusivamente para carregar seu amigo de tanto tempo. Nenhum dos bandidos reparou nele. Pudera um anão não mais que um metro e cinquenta magro e um bigodinho a lá Charles Chaplin. Com três tiros Zé Pinga Cega matou três, mais um tiro e um caiu estrebuchando no chão, dois correram e Zé Pinga Cega correu atrás. Eles abriram fogo e o Zé Pinga Cega recebeu um balaço nos quadris, mesmo caído ainda atirou. Não acertou ninguém e desmaiou. Os bandidos fugiram sem levar nada.

Levaram Zé Pinga Fogo para o Hospital de Eldorado a vinte quilômetros dali. O povo alegre dançava na praça festejando o acontecido. Ninguém notou que atrás de um pé de Jabuticaba centenária Chico Landi gemia e cantava. Um canto triste. Ele cantava o Rataplã. Ninguém ouviu a principio. Dona Modesta foi quem viu. Deu um grito de susto. Chico Landi sangrava e muito. Seu rosto branco como cera. Mais um para o hospital de Eldorado. Ele tentou imitar o seu herói. Aquele que disse que um Escoteiro caminha com suas próprias pernas. Não deu nem um passo. Ainda estava vivo. Alguém o viu correr para a pracinha quando o tiroteio começou. Uma bala perdida. Chico Landi ficou entre a vida e a morte vinte dias. A escoteirada, a lobada e os chefes todos os dias pegavam o caminhão do seu Rangel e iam para Eldorado visitar Chico Landi. Dona Neném sua mãe dia e noite ao seu lado. Seu Pai o Doutor Juvenal fez tudo que podia. Chico não iria morrer, mas estava tetraplégico. Nunca mais iria andar. A notícia caiu como uma bomba na cidade. A lobada e a escoteirada chorava em todos os cantos. O Padre Gabriel convidou toda a cidade para uma grande missa e pedir a Deus por Chico Landi. Era o menino mais alegre da cidade. Vivaz, grande Escoteiro, amante da natureza, era uma infelicidade ele ficar assim.

A praça tomada, quase toda a cidade estava lá. Muitos Escoteiros eram coroinhas e estavam no altar a espera do início da missa. A maioria dos presentes tinham os olhos cheios de lágrimas, A Akelá Rosinha, a Baguira Vera e o Balu Nonato choravam como bebês. Monty o Guia da Tropa estava firme com seu bastão em pé ao lado do altar. Não chorava, mas seu coração estava sangrando. Ninguém podia acreditar no que estava acontecendo. O carro do Doutor Juvenal e dona Neném estava chegando à praça. Traziam Chico Landi em uma cadeira de rodas meio caído do lado. Todos olharam para ele com

uma pena enorme. Os soluços aumentaram. Alguém gritou – Uma palma para Chico landi! A praça ribombou de cima em baixo. Chico olhava aquilo sem acreditar. Ele não podia estar tetraplégico. Não podia. Deus não ia dar a ele este caminho.

Um grito enorme na multidão. Um silêncio sepulcral. Chico Landi se esforça e fica em pé. Impossível diziam os médicos que o assistiram. Chico sorria. Cambaleando foi até o altar. O padre Gabriel ajoelhou e gritou – Um milagre! Um milagre! Louvado seja Deus! Um coro de palmas durou bem uns vinte minutos. Sorrisos em profusão. Os seis patrulheiros da Lobo o carregaram dando uma volta pela praça. Chico Landi ria e chamava em alto e bom som – “Monty, Monty”! Eu quero acampar! Eu quero voltar ao campo nesta primavera, eu quero ver as flores no monte Sariel, eu quero beber a água da fonte do roncadour. Monty, Oh! Monty. Papai e mamãe estão sorrindo eles não vão dizer não!

Eu e Jota Maro um Chefe novato, mas já Insígnia escutávamos aquela história absurda, mas tão bem contada que a gente chorava. Um choro simples de alegria, de saber que o final foi feliz. Chico landi levantou do banquinho de madeira que ele mesmo tinha feito. Eu juro por Deus que é verdade. Eu juro por tudo neste mundo. Chico landi ficou em pé, atrás dele um enorme raio de sol, seria o sol da meia noite. O fogo que estava quase acabando se alastrou. As fagulhas da noite iluminaram aquela clareira onde estávamos. Uma brisa gostosa vindo do norte nos pegou de pronto. Olhei para Jota Maro, ele sorria. Olhamos de novo para Chico Landi, ele olhava para o céu. Uma grande estrela brilhante estava lá. A maior estrela que eu já vira até então. Parecia que ela e ele eram um só.

Paro por aqui. Para muitos seria uma história impossível. Para mim a verdadeira história de um Escoteiro que acreditou. Ele era o protetor da natureza. Viveu sua vida em função dela. Como dizia meu amigo Chico Xavier - Em minhas preces de todo dia, sempre peço coragem e paciência. Coragem para continuar superando as dificuldades do caminho naqueles que não me compreendem. E paciência, para não me entregar ao desânimo diante das minhas fraquezas!... “E guardemos a certeza pelas próprias dificuldades já superadas que não há mal que dure para sempre.”.

Leia vale a pena. Um conto de um grande Escoteiro e um dos maiores jogadores de futebol! Não acreditam? Risos.

A difícil decisão do Escoteiro Andrezinho.

Não o conheci pessoalmente e olhe daria tudo para ter conhecido. Tornou-se uma lenda não só pelo seu passado Escoteiro como pela escolha que um dia teve de fazer. Contaram-me que ele morava na Rua Santo Antonio bem lá no fim da rua. Família simples, pai carroceiro trabalhava de sol a sol levando areia do Rio Mimoso para as

construções na cidade. Sua mãe fazia faxina em casas de madame todos os dias. Ele chegava da escola e só à noite eles chegavam. Sei que eram uma família unida. Um amor enorme entre eles. Andrezinho nunca exigiu nada. Chorava calado quando precisava de alguma coisa e sabia que não poderiam comprar. Ainda bem que Andrezinho tinha um grande amor em sua vida. Ou melhor, dois. Os Escoteiros. Amava sua patrulha. Quando lobinho seu problema maior não apareceu. Idade pequena, poucos observadores e ele passou incólumes os três anos que ficou lá. Tudo complicou quando passou para os Escoteiros.

Andrezinho era considerado como uns dos fundadores do Grupo Escoteiro. Entrou como lobo quando a Alcateia Flor Vermelha estava iniciando. Com o tempo foi amando mais e mais aquela turma que ele considerava irmãos. Mas nem tudo é como a gente quer. Claro, Andrezinho era um grande Escoteiro, mas também era um grande jogador de futebol. Era considerado o canhotinha de ouro e onde colocava o olho ele colocava uma bola. Seu Trancoso técnico do Clube Jardim de Alá foi quem notou que ali estava surgindo um dos maiores mitos do futebol. Quem sabe superior a Pelé. Quando ele olhava Andrezinho jogando seus olhos saltavam e ele via não só um grande jogador, mas também o seu benfeitor. Iria ganhar rios de dinheiro com ele. A principio era muito novo e ele deixou o tempo passar. Belizário o técnico dos meninos se encantava com Andrezinho. Seu pupilo quando jogava ai do time contrário. Não perdiam, ou melhor, eram considerado o melhor time infantil da região.

Ele não gostava de perder as reuniões escoteiras. Disse para seu Belizário. Este não gostou. Tentou demovê-lo e não adiantou. Pensou em colocar ele na parede e dizer – Ou os Escoteiros ou o futebol, mas achou que não estava na hora. Procurou o pai e a mãe de Andrezinho. – Explicou tim tim por tim tim e a resposta deles foi à mesma quando esteve lá na última vez – Seu Belizário, a escolha é dele. – Mas veja – Belizário dizia – Ele tem tudo para ganhar um bom dinheiro. Vocês iriam para a capital e quem sabe um time do exterior iria contratá-lo? – Nem assim. – Quem decide é ele repetiu o pai de Andrezinho. Soube que quando Andrezinho ficava sabendo das investidas do seu Belizário ele ficava triste. Tinha noites que chorava em seu quarto porque sempre sonhou em ser alguém e dar aos pais o que eles mereciam.

Procurou o Chefe Lanfon. – Chefe o que eu devo fazer? – O Chefe olhava para ele e não sabia o que dizer. De um lado um futuro enorme e financeiramente o sonho de todo jovem do outro lado um escotismo puro, sincero, amigo, honrado e cheio de aventuras, mas que dariam a ele uma formação de vida de alguém que pudesse confiar. Claro ele poderia estudar, arrumar um bom emprego e ser alguém de outra forma. Mas dizer isto para Andrezinho? Afinal ele não amava a seu modo o futebol? Resolveu procurar o seu Belizário para trocarem ideias. Quem sabe não chegariam a um meio termo? Nem tanto mar nem tanto terra. Mas arrependeu-se. Seu Belizário não era um homem compreensivo. Só enxergava seus problemas seus sonhos e o dos outros que se dane. Chegou a declarar na cara do Chefe Lanfon que Andrezinho era seus ovos de ouro. Ele não iria repartir nunca com ninguém.

Para piorar as coisas seu Belizário começou a fazer treinos sábados a tarde. Eram realizados sempre as terças e quintas e domingos os jogos. Seu Belizário ficava possesso quando ele não ia a um jogo aos domingos. Não era sempre, mas Andrezinho

não perdia um acampamento, uma excursão ou uma atividade aventureira. Isto não ele dizia. Seu Belizário ameaçou cortá-lo do time. Andrezinho abaixou a cabeça e falando baixinho quase chorando disse – Escotismo é minha vida. Nunca vou deixá-lo. Mas as flores que brotam na primavera não escondem o medo que elas tem do outono. Claro que a ameaça do seu Belizário nunca cumpriu, mas o time sem Andrezinho ficou em quarto lugar na tabela. O povo gritava o nome dele e ele não aparecia. Estaca acampando. Um a um, dois a um e cinco a um. Foi à gota. Perder de cinco para o Odeon da cidade de Pedra Branca era duro de engolir.

Uma comissão da diretoria do clube foi à casa do seu pai. Outra vez a mesma resposta. Ameaçaram de não comprar nada dele dali em diante se ele não obrigasse o filho a cumprir suas responsabilidades no time. E agora? Como explicar para Andrezinho? O Chefe Lanfon não sabia o que fazer e dizer. Ninguém sabia. Quem devia decidir era Andrezinho e pronto. Mas uma responsabilidade desta para um menino de treze anos? – No jogo da semana seguinte na cidade de Pedra Branca era uma festa só. O povo gritando – cinco a um, cinco a um! O time da cidade de Mimoso quando chegou foi vaiado. O povo quer sangue pensou o técnico e o Presidente do clube. - Andrezinho veio? Não! – Maldito moleque. Escoteiro sem honra. Sabia que precisava defender sua cidade. Início do jogo os dois times entram em campo. Andrezinho chega correndo espavorido. O Chefe Lanfon o levou no seu Velho Jipe willys até Pedra Branca. Estavam acampados a cem quilômetros dali. O jogo terminou em sete a três para Mimoso. Carregaram Andrezinho por todo o campo. Ele havia marcado seis gols do sete.

Quer saber? Nem sei o que aconteceu daí para frente. Lembrei-me de Andrezinho, pois soube que o Cruzeiro Esporte Clube, meu time do coração tinha contrato a maior revelação de todos os tempos. No primeiro jogo contra o Corinthians ele fez cinco gols. (risos). Mas sabe como é o time querendo fazer caixa o vendeu para o Roma da Itália. Precisavam ver a mansão que mora. Seus pais estão junto com eles e quando vi as fotos assustei – No pátio gramado da mansão uma Tropa Escoteira formada para a bandeira. Grande Andrezinho. Seu amor ao escotismo não foi perdido. Li na página de esportes do jornal o Corriere dela Sera que os Escoteiros Italianos o idolatram. Estava escrito também que ele sempre que possível ia acampar com os Escoteiros de lá. E você já ouviu falar no maior jogador de todos os tempos, um Escoteiro que marcou para sempre a cidade de Mimoso e hoje mora em uma mansão em Roma? É Andrezinho soube escolher bem. Em suas andanças nas folgas não esquece nunca sua cidade. O Grupo Escoteiro Redenção tem tudo que um grupo precisa. E quando ele aparece é festa na certa!

Sempre Alerta Andrezinho. Que os sonhos que teve e se realizaram façam de você um dos maiores Escoteiros de todos os tempos!

Joe Colosso, um papai coruja.

“Este é meu garoto”!

Dona Naná quando o viu cochichou para Dona Sinhá – Ele veio! Se soubesse não tinha vindo. Sempre foi assim, em qualquer reunião de pais no Colégio dom Bosco Joe Colosso estava lá. Até que podia se entender, pois sua esposa faleceu há anos e ele como pai tinha que estar presente. O que ninguém gostava era da sua superproteção do Quinzinho seu filho. Ele achava que a escola devia tudo a ele e ele não devia nada para ela. Não adiantou as dezenas de vezes que Dona Dora a Diretora o chamara em particular – Seu Joe, o Quinzinho não obedece mais ninguém. Diz que se entendam com “seu Pai”. Ele veio aqui para aprender e com sete anos já quer dar ordens a todo mundo! – Mas e daí? Joe Colosso fingia que concordava e sempre no final dava razão ao seu filho. Afinal desde que Soninha sua mãe faleceu que ele sempre foi um pai protetor. Sabia que o menino não tinha mais ninguém.

Um dia Quinzinho “ordenou” ao seu pai: - Pai me leve nos Escoteiros. Eu gostei da farda deles. Era sempre assim, quinzinho não pedia, ordenava. No sábado eis que Joe Colosso e Quinzinho adentram ao grupo. Ele de uniforme de lobinho com distintivos e seu pai colocou dez estrelas de atividade em sua camisa – Isto é para mostrar a eles que você é o melhor! – Chefe Mattos olhou e não criticou – Seu Joe, ele disse – O Senhor tem de fazer um pequeno curso e então seu filho poderá começar. Foi à conta – Quinzinho começou um berreiro que assustou todo mundo na sede. Seu pai custou para acalmá-lo. Em casa sentou seu filho no colo e disse a ele que aguardasse, aqueles Escoteiros iriam receber uma lição oportunamente. Mesmo assim Quinzinho ficou emburrado por uma semana. Descontou suas contrariedades em Dona Nice sua professora.

Na data prevista correu para o Grupo Escoteiro. O Chefe já havia avisado para não ir de uniforme, mas ele iria mostrar ao Chefe quem mandava ali. Chegou todo posudo e voltou para a casa em seguida. Sem uniforme disse o Chefe. Pisou com força no chão, gritou, pegou manha, mas o Chefe foi irredutível. Voltou no sábado seguinte sem ele. Não tinha jeito. Explicaram que tinha provas a fazer para a promessa e vestir o uniforme. Reclamou com seu pai que reclamou com o Chefe que levou o caso de Quinzinho ao Conselho de Chefes do Grupo. Chegaram a uma conclusão que ele podia mudar. A Akelá ficou cismada. Na matilha Verde o Primo não aguentava mais. Ele gritava que ia ser o primo, pois tinha mais qualidades. Terrível o Quinzinho. No primeiro acantonamento Joe Colosso pediu para ir. - É o primeiro do meu filho disse. E se ele quiser um biscoito? Um chocolate? E se sentir frio? E se quiser rezar? – Mas ele reza? Perguntou a Akelá Candinha. Todos em volta riram. Joe Colosso não gostou.

Foram de manhã e a tarde Joe Colosso chegou de carro. - Só passando, só passando! Já estou de volta! – Ficou lá mais de cinco horas. Sempre ao lado do filho perguntando se ele queria alguma coisa. Interessante que Quinzinho se enturmou e esqueceu o pai. Claro até a hora de dormir, pois não queria fazer sua cama. Sempre foi seu pai quem fez. Quinzinho voltou feliz do acampamento e disse ao seu pai que aprendeu a ser homem. Joe Colosso riu. Homem? – Você é um pirralho meu filho. Cresça e apareça. – Disse aquilo e se arrependeu. Foi ciúme dos chefes da Alcateia que fez com que eles o esquecessem. Mesmo assim ao dormir disse para si – “Este é o meu garoto”!

Joe Colosso já estava enchendo a paciência de todos no grupo. Ninguém aguentava quando ele chegava. Era meu filho prá cá, meu filho prá lá e falando mil maravilhas. Chegou a dizer ao Chefe Mattos que estava na hora de darem uma medalha ao seu filho. O Chefe Mattos um homem calmo e ponderado teve uma ideia. Quem sabe se ele ficasse cinco dias acampados com os Escoteiros ele não pudesse ver que os meninos aprendem a fazer fazendo, aprendem a se virar, aprender a não ser dependentes e este é um dos objetivos do escotismo? Afinal um dia não saímos de nossa casa, não vamos viver sozinhos, não vamos ter de tomar decisões? – Falou com o Chefe Naldo. Naldo se assustou - Tás brincando Chefe! Não teve jeito. Foi difícil convencer Joe Colosso. Onde deixar seu filho? Alguém pensou que cinco dias na casa de correção de menores até que seria bom. Pagou uma fábula a Dona Inês sua tia para ficar com ele.

Olhe, foi a maior lição que Joe Colosso teve na vida. Assustou com os meninos viverem em patrulha, a dormirem sós em barracas, a cozinharem eles mesmos. Aquelas construções maravilhosas, e o tal fogo do conselho? Só de meninos eles mesmos se dirigindo e o Chefe Naldo os deixando fazer fazendo. Que lição aprendeu. Quando um Monitor se apresentava ele pensava na vez de Quinzinho quando fosse eleito. Assimilou o Sistema de Patrulhas no seu todo. Acreditou mais ainda no escotismo e nos resultados que trariam para seu filho. Explicar a ele? Não. Ele deveria aprender por si só. Joe Colosso mudou. E para melhor. Quinzinho se revoltou com aquela mudança. – Pai vou sair dos Escoteiros – Vai não disse – Vais ficar lá até poder assumir sua própria vida! – Mas pai, lá eu sou mandado e não mando nada – Filho, ele disse, tens de aprender a ser mandado para depois mandar. Só é um verdadeiro líder aquele que lidera e sabe ser liderado. Mandar qualquer um manda, obedecer é mais difícil.

Hoje eu sei que Quinzinho se transformou em um verdadeiro homem. Graças ao escotismo e a um programa bem feito. Ainda bem que Quinzinho teve sorte em entrar em um grupo bem estruturado. Um grupo que se orgulha por ser democrático. Onde todos são consultados. Onde no Conselho de Chefes todos tem voz e voto. Onde existe uma bela de uma Corte de Honra e onde seus monitores fazem de uma patrulha seu aprendizado pessoal junto ao Chefe da tropa. Quando visito o grupo sinto-me orgulhoso em ver quinzinho com seu Lis de Ouro. E melhor, ver que seu pai Joe Colosso agora é um Insígnia da Madeira sem pretensão de cargos maiores. Sua luta é na tropa pensando sempre nos meninos como um todo. Seu filho? Faz parte, mas no grupo é igual aos demais. Em casa ele aprendeu a exigir, a solicitar suas notas, a cobrar sua educação e respeito com as professoras. Sei que um dia no colégio Dona Naná quando o viu cochichou para Dona Sinhá – Ele veio! Maravilha amigo. Adoro a presença dele aqui.

É quem te viu e quem te vê!

***A lenda dos milagres de Aimée uma
escoteira da patrulha Leão.***

Não conheci a escoteira Aimée. Se não tivesse participado do desfile do Sete de Setembro naquele ano a história dela nunca seria conhecida por grande parte do movimento escoteiro. Sei que muitos sabiam, mas tudo era contado à boca pequena sem chances de até mesmo o Arcebispo Joshua pensar que um dia ela poderia ser canonizada. Ele ficou impressionado com o relato do vigário Honório. - Verdade mesmo Honório? – Eminência, são mais de vinte meninos e meninas que assistiram tudo no acampamento que fizeram Na Lagoa do Adeus. Ela pegava peixes com a mão, curou doentes, acendeu um fogo sem fósforos ou isqueiro em segundos. E não foram só estes foram vários! – E adultos tinha algum? Perguntou o Arcebispo. – Não eminência, só uma vez Dona Filó e o Chefe Gafanhoto assistiram um milagre dela. Foi o mais simples. - Eles viram-na se elevar no ar e beijar um periquito no ninho de uma árvore há mais de oito metros de altura!

Sei que o Vigário Honório ficou mais de cinco horas a narrar para sua Eminência o Arcebispo Joshua tudo o que viu e tudo que lhe contaram. Saiu do Palácio Episcopal mais de meia noite. Deixou o Arcebispo com a pulga atrás da orelha. Ele já tinha lido e conversado com muitos sobre o tema mediunidade. Quem sabe esta escoteira não era assim? Mas se elevar no ar? Isto não é mediunidade. Mais parecia que era sensitiva. Ver os mortos, visualizar o futuro e ter visões extraordinárias. Agora se elevar no ar? Isto não saía da mente do Arcebispo. No dia seguinte ligou para o vigário. Pediu a ele se podia trazer a escoteira até o palácio. Ele queria conhecê-la. Dona Fabíola mãe de Aimée não se opôs. Partiram em uma manhã de sábado. Daria prazo para ela participar da reunião escoteira da tarde, pois isto era condição sine qua non para ela ir. O Arcebispo ficou maravilhado e abobalhado. Ela na sua presença conversa como gente grande. Inteligentíssima. Conversou com ele em inglês, francês e italiano e ate abusou do latim.

Mas vamos voltar ao início se não vocês não vão conhecer Aimée e sua história. Monossilabo era sênior da Antares, uma patrulha sênior. Cansado de uma manhã do desfile sentei no banco da praça e ele sentou ao meu lado. – Sabe Chefe, se Aimée a escoteira tivesse vindo este desfile seria inesquecível. – Fiquei encucado. – Quem é a escoteira Aimée? – Chefe! O senhor ainda não ouviu falar dela? – Claro que não Monossilabo, se não eu não teria perguntado. – Bem Chefe, ela está conosco há dois anos. Quando chegou à sede ninguém deu nada por ela. Mas no primeiro dia de reunião Loquinho o Monitor da Águia ficou boquiaberto com ela. Em uma base de nós, com os olhos fechados ele fez mais de vinte nós escoteiros e de marinheiro. Ninguém acreditava no que via. Precisava ver no acampamento. Cortava um galho em segundos. Parecia que o facão era mágico.

Monossilabo ficou me contando por horas. A princípio não acreditei nele. Havia muito floreio em tudo. Mas me lembrei de um fato ocorrido há alguns anos e só não lembrava se ela havia participado. Ela e sua mãe chegaram correndo a delegacia, mais de duas da manhã dizendo que um acidente grave aconteceu na estrada 45. Na curva da onça um ônibus despencou por sobre a ponte. Mais de vinte mortos. Pinduca o Sargento da guarda não acreditou. Foi preciso chamar o prefeito que relutante em acordar acompanhou todos até a ponte fatídica. Gemidos, gritos de socorro e o trabalho de ajuda começou. Um menino de três anos ensanguentado foi colocado por sobre uma manta e o enfermeiro disse que estava morto. Não estava, pois Aimée deu a mão a ele e ele se levantou. Dizem

que lá ela deu vida a mais oito pessoas. As demais não, pois conforme disse era desígnio de Deus. Teria que ser assim.

Aimée não era linda, nada disto. Tinha o rosto fino, nariz comprido, uma boca pequena e cabelos crespos que ela insistia em não pentear. Ficava diferente e ela gostava. Falava fanhoso no início e não se sabe como um dia falou com uma rainha. Na patrulha era bem quista e ninguém via nela alguém diferente. Nas atividades que o Chefe Gafanhoto e a Chefe Malena faziam na maioria das vezes a patrulha dela não se evidenciava. Só uns meses atrás que tudo mudou. Ela parava durante alguma corrida dizendo estar vendo pessoas mortas. Garantiu ao Chefe Gafanhoto durante uma cerimônia de bandeira que o Chefe Tonon estava presente. Chefe Tonon foi o fundador do grupo a mais de setenta anos. Morrerá há quinze anos. Aimée começou a ser procurada por doentes, cadeirantes e a cidade começou a ter turistas de todos os lugares por causa dela. Quando ia para o Grupo Escoteiro a sede ficava superlotada de pessoas querendo falar com ela ou ser abençoadas.

O vigário Honório correu a falar com o Arcebispo. Esqueceu-se de Don Antonio um Velho morador da cidade e Presidente do Centro Espirita Boa Vontade. Ele ria quieto em seu canto. Sabia que Aimée era um espírito superior e que os terrenos nunca podia imaginar quem ela fora no passado. Ele sabia que ela iria desencarnar aos quinze anos. Morte natural. Falar isto para o padre? Nem pensar. Comentou superficialmente com o Chefe Gafanhoto. Um bom Chefe. Era evangélico e ficou incrédulo com tudo aquilo, mas o que vira em Aimée até que poderia ser verdade. Cinco meses depois chegou à cidade monsenhor Giuseppe a mando da cúria papal. Era para averiguar e comprovar os milagres de Aimée. Não ficou dois dias. Quando conheceu Aimée ela disse para ele – Senhor Monsenhor, daqui a dois anos o Papa Lozano III vai falecer e o senhor será eleito o novo papa!

Ninguém soube do fato e eu mesmo não sabia como Monossílabo sabia. Bem o final da história é que a Cúria Romana até hoje discute se Aimée era possuidora de receber o título de santa. Mesmo após sua morte ocorrida na aventura Sênior distrital que a tropa participou na Serra dos Órgãos eles continuaram investigando. Ainda investigam. Quem sabe teremos a primeira santa escoteira? Vai ser o máximo. O escotismo terá dado um enorme salto para o sucesso de marketing. Procurei saber como foi à morte de Aimée. Sua Patrulha jura de pé junto que ela se despediu de um por um e disse para não se preocuparem. Sua mãe já sabia que era hora dela ir. Ninguém acreditou quando uma forte luz a levou. Seu corpo sumiu e até hoje não foi encontrado. A polícia fez de tudo para ver se não havia outra história, mas teve que se contentar com a fantástica explicação dos seniores que estavam com ela. O delegado já saiba de seus poderes sobrenaturais e deu o caso como encerrado.

Monossílabo me jurou que nas noites de acampamento, quando os seniores se reúnem em volta de um fogo para jogar conversa fora ela aparece e fica com eles por horas contando como são os escoteiros que moram no céu. Don Antonio o espírito tem boas relações com dona Fabiola mãe de Aimée. Conversam muito. A cidade não sabe o que conversam. Se Aimée é mesmo um espírito cheio de luz eu não sei. Se isto é coisa do diabo eu também não sei. Dizem que Deus sabe o que faz e como eu acredito nele a história de Aimée para mim é verdadeira. Afinal temos ou não uma só palavra?

Era uma vez... São Pedro lá do céu!

Não me lembro do seu nome. Pudera ele nunca disse, pois assim como chegou ele partiu. A gente o chamava de São Pedro, aquele que mora no céu. Uma barba branca que de tão branca ao ficar ao sol se tornava azulada. Era magro e quem o olhasse bem de perto diria que suas carnes pelo corpo não existiam. Deveria ser formado de osso puro. Usava uma roupa simples, calça caqui curta bem puída e uma camisa verde com alguns rasgos no ombro. Usava um cinto. Era o nosso conhecido. Sem sombra de dúvida era um cinto escoteiro. Esquecemos até que em sua cabeça também morava um chapéu de abas largas, mas que agora estava decaído, pois se mostrava velho, com pequenos furos. No banco que estava sentado havia uma pequena mochila, diferente das que nos conhecíamos. Nunca vimos o que tinha dentro dela. Sua figura chamava a atenção, tinha os dentes perfeitos e quando sorria maravilhava a todos. Falava como se estivesse declamando poesias tipo aquelas que nosso professor de português declamava sem sorrir e querendo ser o que ele nunca foi. Um poeta.

Não lembro quem o viu pela primeira vez, sentado no banco da Praça da Estação. Praça nova, árvores recém-plantadas. Hoje lindas enormes e as palmeiras? Bem não estou aqui para falar dela e sim do velhinho de barbas brancas azuladas, ou melhor, São Pedro lá do Céu. Quando lá cheguei outros lá estavam. Pudera gente estranha na cidade e se fosse Escoteiro era motivo de jubilo por parte de todos. Mas o cinto e o chapéu identificavam alguém que poderia ter sido ou poderia não ser. Em volta daquele simpático velhinho nós pequeninos Escoteiros agachados em sua frente de olhinhos arregalados queríamos saber de tudo. Ele tinha um leve sorriso e de vez em quando seus olhos fechavam parecendo que iria dormir. Sonhador chegou correndo. Era e sempre foi o nosso porta voz. As patrulhas confiavam nele. Sabia falar como ninguém, um proseador que não perdia nunca o fio da meada.

Todos nós esperávamos que nosso acólito trouxesse a tona e desvendasse o segredo do Chapéu e do cinto que acintosamente aquele velhinho, ou melhor, São Pedro lá do céu portava. Ao menos a fivela estava limpa. Não brilhava, mas ainda tinha a cor da originalidade quando produzida. O chapéu mesmo limpo não tinha as abas retas e planas. Tinha um semblante que encantava. Sonhador disse que o ouviu falar que estava com fome. Nós não ouvimos nada. – façam uma vaquinha! Conseguimos doze paus. Perna Seca e Orelhudo foram correndo ao bar do Zé Moreno. Voltaram com quatro coxinhas e seis bolinhos de carne. São Pedro lá do Céu comeu com gosto. Educadamente. Mastigava como se estivesse contando cada mordida. Beleleu levou Narigudo até sua casa na bicicleta. Voltaram em dez minutos com um cantil cheio de água e uma garrafinha de groselha. Ele sorria e falava baixinho com Sonhador.

Lá pelas tantas discutimos onde ele iria dormir. Velho assim era difícil levar para a casa dos dezoitos meninos Escoteiros que se ajuntaram em sua frente na Praça da Estação. Seus pais poderiam estranhar. Bororó Monitor da Onça Parda sugeriu trazer a barraca de duas lonas da chefia e um cobertor do exército que ganhamos. Na grama atrás do banco a barraca foi armada. Sonhador disse para ele que podia dormir tranquilo. O Guarda Noturno era o Zé Biroasca, antigo Escoteiro. Ele estava em casa. Ficamos lá até por volta de nove da noite. Fui embora pensativo. De onde era? Como chegou? Seria um antigo Escoteiro ou um Chefe? Dormi pensando e durante todo tempo de escola nem vi o que os professores disseram. Queria que as aulas terminassem para correr até a Praça da Estação.

Encontrei Bico Doce e Orelhudo conversando. Ele se foi me disseram. A barraca estava desarmada e bem dobrada nos moldes Escoteiros. Os espeques limpos e enrolados em um jornal. Se ele dormiu ali levantou cedo. Antes do alvorecer. Zé Biroasca o Guarda Noturno disse que não o viu ir embora. Seu Nonô Fogueteiro Chefe da estação disse que o maquinista Zé Be Deu o levou como carona no trem de carga das cinco da matina. Fiquei decepcionado. Se ele fosse um dos nossos quantas novidades para nos contar? Sabíamos que nossa fraternidade era enorme, mas só umas fotos apagadas de uma revista que um viajante nos presenteou nós vimos Escoteiros de outros países. Será que eles seriam iguais a nós?

Na semana seguinte eu e Orelhudo encontramos Zé Be Deu o maquinista. – Desceu em Crenaque. Disse que iria atravessar o Rio Doce em uma jangada que ele guardava na Caverna do Morcego. Falou baixinho que iria rever seu amigo o Cacique Abaeté dos Aimorés do outro lado do rio. Eram amigos de séculos e séculos. Séculos? Pensamos no que disse o maquinista. Perguntamos mais e ele não disse mais nada. Olhei para Orelhudo que balançou a cabeça. Imortal? Seria ele realmente São Pedro lá do Céu? Meninos Escoteiros a filosofar. Durante muitos anos nos Fogos de Conselho e em Conversas ao Pé do Fogo nós levantávamos a história de São Pedro lá do Céu. Falou-se tanto que agora para os novos ele era um Santo. Santo Escoteiro?

**A minha vida fechou-se duas vezes antes de se fechar –
Mas fica por saber
Se a imortalidade me revela
Um evento maior**

**Tão largo, tão incrível de pensar
Como estes que sobre ela duas vezes tombaram.
Partir é tudo o que sabemos do céu,
Tudo o que do inferno se pode precisar.
Emily Dickinson**

A rebelião dos bichos.

Nota – Eu conto esta história sempre. Aqui duas vezes. Por quê? Porque estamos perdendo nossa identidade. Leiam e depois comentem se é certo ou errado.

Tudo aconteceu na primavera daquele ano. Foi uma surpresa, para mim e confesso que fiquei surpreso. Muito. Vi que a sede Escoteira sem ninguém saber ou ser informado, se tornou uma selva de tantos bichos, aves e peixes. Como eles respiravam não me pergunte. Vieram de todas as partes do Brasil. Claro um representante de cada espécie. Desculpe. Nada de Arca de Noé não. O motivo era outro. Em cada grupo da fauna brasileira foi escolhido o mais douto, o mais sábio e o mais educado. Afinal entre eles a ética e o respeito existe. Eles pretendiam mostrar sua civilidade aos escoteiros de todo país. Era uma revolta surda, mas educada, ficaram calados por muito tempo, mas tinham de tomar uma providência. Não me deixaram entrar. – Aqui humanos não entram. Tudo bem eu pensei. Fiquei na janela assistindo. Que organização eles tinham. Chegavam papagaios, corujas, cisnes de todas as cores, gavião-carijó, águias, sem contar as duas onças, uma pintada e a outra parda. Eram centenas deles. O salão nobre ficou lotado.

A Coruja-buraqueira foi escolhida para presidir os trabalhos. Pedindo a palavra ela começou: – Meus amigos, vocês sabem que aqui foram convidados somente às espécies da fauna brasileira. Ainda ontem o Quatipuru veio reclamar para mim que nunca o escolheram como nome de Patrulha. O mesmo aconteceu com o Tucunaré, O Sagui de tufo branco e outras centenas deles. Resolvi fazer uma pesquisa. Para mim é fácil. Sei que é difícil para os dirigentes escoteiros, mas deu para ver que os jovens hoje só querem nomes pomposos, se possíveis retirados da fauna americana ou europeia. Não vou citar aqui os nomes esquisitos em inglês que eles colocam. Até astronautas eu já vi. Um absurdo. E olhem meus amigos, tenho conhecidos nestes países e me disseram que lá ninguém liga para nossa fauna. Eles são autênticos. Uma palma estrondosa repicou no salão nobre.

- Continuou a Coruja Buraqueira. Temos que tomar uma providência. Afinal se os escoteiros e seniores não nos escolhem, é melhor que façamos uma revolução e quando eles forem acampar, iremos gritar infernizar a vida deles. As tais patrulhas de nomes esquisitos não terão mais nosso apoio. – Uma cobra venenosa, a Surucucu estava presente – Riu baixinho – Deixa comigo dona Coruja. Eu e a Cascavel do chocalho negro, damos umas mordidas e resolvemos logo este problema. Todos riram. – Não! Não é assim que vamos resolver. Precisamos estudar uma fórmula de mostrar o que somos, mas educadamente. Olhem, só para ter uma ideia, vou convidar para um desfile aqui no palco alguns animais, aves e peixes que nunca foram lembrados pelos escoteiros. Que façam uma fila e vão passando em minha frente dizendo seu nome:

Começou o desfile. Ali estavam o Veado Catingueiro, o Quatipuru, a Cotia, O Touro Nelore. O desfile era longo. Logo veio a raposa verde, a Jaguatirica, a Doninha amazônica, O Zorrilho, a Baleia Azul, O Golfinho, o Boto cor de Rosa, o Ouriço Preto, o Puma do Pantanal e o Macaco Preggo. Cantando veio o Macuco, a Codorna Amarela, o Aracuã do Pantanal, o Mergulhão Caçador, o Maçarico, o peixe Tucunaré, a Traíra, O Piau, a Jacupemba, o Sagui de Tufo Branco e o Príncipe Negro. Não faltaram o Bugio, A Ema, a Iguana, a Garça Branca, o Boto Vermelho, o Tracajá, o Canário da Terra, o Tatu

Peba, o Gaivotão, o Mutum de Penacho, o Cervo do Pantanal, o Jacaré Açu, o Mocó, o Tuiuiú, o Tucano, o Quati, O Beija Flor, o Tamanduá Bandeira, o Martim Pescador, O Lobo Guará, a Ariranha, a Arara Azul... Um desfile enorme. Todos tristes. Atrás deles tinham mais de cem animais e aves para desfilar. Uma tristeza enorme no salão.

Foi o Beija Flor dourado quem tomou da palavra – Amigos e Amigas pretendo nunca mais beber do caldo açucarado que eles põem para mim nos campos de patrulhas. A Coruja Buraqueira concordou e disse: Eles não me verão mais nos galhos próximos aos Fogos de Conselho. O Canário Belga falou lá no fundo do salão: - Eles nunca mais me verão cantar nas madrugadas. Era uma choradeira só. – Vamos tomar uma posição rosou alto a Onça Pintada. Vamos dar uma surra neles quando forem acampar! – Nada disto, replicou a Coruja Buraqueira. Vamos fazer um abaixo assinado. Quando o próximo sábado chegar, entregaremos uma copia a cada Patrulha que for a reunião. Cada um de nós que tem asas fica responsável. E assim foi feito. Levaram para as patrulhas, o abaixo assinado por mais de 5.000 membros da fauna Brasileira. Lá escreveram suas insatisfações com a escolha de nomes estrangeiros para as patrulhas e porque não se lembraram deles.

Fui embora e eles nem notaram. Estava triste. Era uma verdade. Não só nos nomes de patrulhas, mas também nas tropas e nos grupos. Chegaram ao ponto de copiar uniformes e chapéus esquisitos. Deu-me uma sensação de vazio por dentro. Que sabe daqui para frente, muitas Patrulhas novas irão pesquisar mais a Flora e a Fauna Brasileira? Seria verdade? Não sei. Seria bom se elas pudessem dar valor ao que é nosso, pois se não fizermos isto desde criança, ninguém lá fora vai fazer por nós. E olhe, não participaram desta reunião nossos heróis, nossos poetas, nossos homens que um dia fizeram desta nação um país hoje respeitado. Quem sabe um dia eles irão também se reunir e dizer o que pensam?

O passo do elefantinho.

**“O circo chegou na cidade,
É tempo de pensar no que se viu
Montaram uma tenda bem grande,
“Uma tenda do tamanho do Brasil”!**

Interessante. A vida da gente é sempre cheia de surpresas e quando nos lembramos das boas damos um enorme sorriso. Estava eu absorto e escrevendo quando começou a tocar “O Passo do Elefantinho” com a orquestra de Henry Mancini (Baby Elephant Walk, escrito em 1961 por este compositor para o filme Hatari). Adoro esta música principalmente porque ela me faz lembrar-se de Rafaella, uma lobinha morena, sete anos, miudinha e sempre de fisionomia séria. Dificilmente sorria para alguém. Nunca

faltou uma reunião e mesmo doente chorava para ir. Uma vez chorou tanto que seus pais com sua charrete (não tinham carro) a levaram agasalhada e enrolada em uma manta para a sede. E quem disse que adiantou a Akelá, o Balu ou a Kaa falar com ela? Necas! Ficou lá sentada em uma cadeira só olhando e sem sorrir!

O Circo dos Palhaços Impossíveis estava na cidade. Naquela época onde armavam sua tenda eles faziam questão do desfile apoteótico. Eles sempre se instalavam as margens da Estrada do Fim do Mundo. Chamava-se assim porque era esburacada, pontes caídas, assaltantes enfim, era mesmo um fim de mundo. Não se chegava a lugar algum. Nem bem o circo chegou e um carro de som saiu às ruas anunciando as atrações. Depois vinha atrás palhaços, equilibristas, artistas e animais exóticos. A rua enchia de gente e nas janelas apinhavam-se todos. A meninada vibrava correndo atrás e muitos davam plantão junto ao circo na sua montagem para ver o movimento. A maioria dos jovens do Grupo Escoteiro Olavo Bilac estavam lá. Boquiabertos. Vendo aquela parafernália sendo montada. Os pais sorriam de contentes, pois pelos menos os filhos tinham aonde ir e os sonhos das molecagens agora tinham uma pausa.

Rafaella viu o desfile. Não sorriu, mas quando o elefante passou com a Rainha de Sabá sentada em seu dorso seus olhos brilharam. Sua mãe e seu pai não notaram seu súbito interesse. Eles mesmos achavam estranho dela não sorrir. Pessoas humildes sem posses consultas a médicos especialistas estava fora de cogitação. Chefe Noravinio em reunião dos chefes do grupo sugeriu que o grupo todo fosse em um espetáculo. Época de férias poderiam combinar com o dono do Circo e quem sabe seria mais barato? Dito e feito. O Senhor Wiener Neustadt proprietário do circo exigiu que fosse chamado de Arquiduque Maximiliano, pois era trineto do próprio. Discutir para que? – Sexta, às dezesseis horas. O circo vai apresentar um espetáculo especial para os Escoteiros falou. Uma gentileza de Arquiduque Maximiliano, lembrem-se disto! Não irão pagar nada!

Uma festa. Mais de cento e quarenta membros. Grupo grande. Junto outros tantos de familiares e penetras aproveitando a “boca livre”. Duas horas todos na porta. Uniformizados é claro. Rafaella rondava o circo. Viu a jaula dos animais e próximo o elefante. Tentou aproximar. Não deixaram. O espetáculo começou. Uma bandinha, o apresentador – Respeitável publico! Seguiu os artistas, equilibristas, mágicos, saltimbancos e os animais. O brilho, a beleza e o colorido dava asas a imaginação e a fantasia dos escoteiros. Eram levados para um mundo diferente. Um mundo de sonhos, das alegrias e os palhaços? Incríveis! A escoteirada pulava de alegria. Mas Rafaella só olhava. Não sorria. Um elefante adentrou na arena. Junto um menino vestido de indiano com um turbante azul. O elefante o seguia. Rafaella ficou de pé. Sorriu! Rafaella sorria! Ninguém a viu sorrindo, acho que só eu.

Ninguém prestava atenção em ninguém. Naquela hora só a arena e os espetáculos de sonhos, de azuis, amarelos, vermelhos e de mil cores que estavam sendo visto pelos escoteiros. Só viram Rafaella na Arena. Susto! Gritaram – Rafaella volte! Ela não ouvia ninguém. Foi até o elefante. O tocou na tromba. O elefante olhou para ela. Ajoelhou-se e sentou. A pegou com a tromba e bramindo a jogou no ar pegando-a novamente. Rafaella dava gargalhadas e a escoteirada acompanhou. Seu Arquiduque Maximiliano veio correndo. Mas o elefante levantando a colocou em seu dorso e ficava em pé sempre segurando Rafaella com a trompa.

O adestrador de animais conseguiu retirar Rafaella de lá, mas ela gritava para não sair. Na arquibancada ela parou de rir. Ninguém entendeu nada. Rafaella sorrateiramente pulou por baixo da arquibancada, passou por baixo da lona e quando procuraram por ela foram encontrar junto ao elefante atrás do circo e dando risadas. Interessante que o elefante gostava dela. O circo ficou na cidade nove dias. Embarcaram em um trem da Leopoldina rumo à outra cidade. Rafaella sumiu. Cidade pasmada! Impossível diziam. Aqui não tem disso. Procuras mil. Rafaella tinha entrado no vagão do elefante como clandestina. Descobriram quando chegaram a Nuvem Azul. Seu Arquiduque Maximiliano passou um telegrama para buscá-la. Interessante. Rafaella voltou a sorrir. Quando voltou a Alcatéia foi recebida como a heroína de aventuras. Palmas e abraços. Valeu Rafaella. Um dia não há vi mais. Soube que seus pais foram morar em uma fazenda de um parente que morreu. Quem sabe lá junto à natureza ela não esteja sorrindo junto a um Lobo Guará cinzento e brincando pelas campinas verdejantes? Rafaella, um sonho de menina. Uma lobinha que soube fazer sua própria aventura.

A Corte de Honra está em seção!

No escotismo sempre encontramos situações que nos fazem analisar e pensar se o caminho percorrido seria este mesmo. Algumas vezes tomamos decisões que poderemos nos arrepender depois. Outras vezes deixamos para o amanhã e quando ele chega à conclusão é que teria sido melhor se tivéssemos resolvido ontem. Sou um Chefe Escoteiro da II Tropa do Grupo Ventos do Norte. Não sei se sou um bom Chefe, dizem que sou meio mole, sempre tomo decisões baseadas em relações humanas que estão dentro do coração. Nunca prejudiquei ninguém Fui convidado pelo Comissário Distrital para uma troca de ideias. Pedeu para passar na casa dele. Assim feito e conversa em dia retornei, pois queria participar da Corte de Honra marcada neste dia na tropa. Sabia que os dois Assistentes estavam preparados, mas eu gostava de ver a atuação dos Monitores e subs Monitores. Ao passar em frente ao Grupo Escoteiro Sol Nascente resolvi dar uma parada para cumprimentar um Chefe amigo.

Não o vi, e depois soube que tinha se afastado por motivos profissionais e um Assistente assumiu a tropa. Os escoteiros estavam à vontade no pátio jogando uma “gostosa pelada”. Estranho. Nunca foi assim. Perguntei a um dos jovens onde estava o Chefe. – Estão em Seção! Seção? Perguntei. – Isto mesmo Chefe. A Corte de Honra está em seção. Estão resolvendo se expulsam o Juan Melchior. Fiquei pensativo. Uma Corte de Honra decidindo a vida de um menino? Resolvi ficar ali e esperar o desfecho da Corte de Honra. Meia hora depois um Monitor saiu correndo da sede e gritando: - Conseguimos! O Juan Melchior foi expulso! Alguns da tropa que jogavam sua bola nada disseram outros apenas levantaram a cabeça. Seria isto mesmo? Eu pensei. Aguardei o Chefe da tropa. Queria conhecer a história e os erros do jovem.

Logo ele apareceu e com três apitos formou a tropa em ferradura. Já o tinha visto em uma reunião distrital. Com a tropa formada ele leu a ata da Corte de Honra. Deu um sorriso quando disse que dos sete presentes, quatro foram a favor da expulsão. Nesta hora ele me viu e abanou a mão de longe. Esperei. As patrulhas foram preparar uma atividade e me aproximei. - Chefe! Eu disse. Que crime cometeu o garoto para ser expulso assim? Ele ficou sério e respondeu - Faltar às reuniões, não respeita o Monitor, agora deu para falar palavrão. - Mas porque ele não estava presente para se defender? - Porque não quis disse. Mande para ele uma convocação com A.R. e ele não deu satisfações. Ele falta muito? - Claro, só para ter uma ideia tem mais de dois meses que não aparece!

Não tinha mais nada a dizer. Deu um até logo, um sempre alerta e fui embora. Pelo que vi na tropa deveria ter outros também para ser "expulsos". Só uma Patrulha com seis, as demais com três ou quatro patrulheiros. Os Monitores presentes gritavam alto davam ordens e dificilmente conversavam calmamente. Fui para o Grupo Escoteiro pensando. Eu não tinha nenhuma autoridade para agir ou conversar com ele. Pensei até em dialogar, mas com seu estilo arrogante não iria me ouvir. Eu sabia que nestes casos a culpa não é do menino e sim do Chefe. Chegou-se a este ponto foi porque ele não tomou as providencias necessárias com antecedência. Se o menino há três meses não aparecia era porque já havia se desligado. Neste caso seu julgamento e expulsão não passou de um teatro e uma maneira vulgar de se vingarem.

Não se concebe uma Corte de Honra julgando um jovem e decidindo como se estivessem preparados para aquilo. A Corte de Honra é parte importante do Sistema de Patrulhas. É uma comissão permanente que resolve os negócios da tropa. Existem casos que o Chefe assiste, opina, mas não vota, no entanto é dele a decisão final. Eu sei que ela toma decisões sobre programas, acampamentos, recompensas e muitos relativos à administração da tropa. Ali o segredo é absoluto. Neste caso mesmo sem ter a autoridade para tal, a Corte de Honra poderia ter sugerido ao Chefe que tomasse as providencias cabíveis pelas faltas. Esqueceram-se dos pais do menino que um dia o levaram ao grupo e nem comunicado foram. Agora expulsar? Porque o Chefe não o procurou pessoalmente em sua casa, conversou com seus pais, tentou ver o que pudesse ajudar e até quem sabe em ultimo caso dar a ele uma licença para decidir se voltava ou não, mas com a disciplina Escoteira em primeiro lugar?

Afinal era um menino de doze anos. Seus amigos iam comentar sobre sua expulsão. Isto seria benéfico para o Grupo Escoteiro? E o Monitor a gritar que ele foi expulso, estaria certo? Claro que não. Muitos chefes esquecem que o escotismo tem seu método baseado na colaboração para a formação. Se pretendêssemos ter somente jovens de caráter ilibado, boa educação, formação exemplar não sei se aí caberia o método Escoteiro. Temos que trabalhar com aqueles que precisam de uma correção de rumo. É nossa obrigação e nosso dever. Gritar com jovens, ameaçar, suspender e expulsar são medidas que nunca deveriam ser colocadas em prática com jovens. Claro que todos são aceitos sem exceção. E cá prá nós, nada é mais difícil e por isso mais precioso do que ser capaz de decidir honestamente. Dizia Drummond que fácil é julgar pessoas que estão sendo expostas pelas circunstâncias. Difícil é encontrar e refletir sobre seus erros, ou tentar fazer diferente algo que já fez muito errado. É assim que perdemos pessoas especiais.

Somos um movimento de educação e formação do caráter. Trabalhamos para isto. Acredito que muitos chefes perdem jovens frequentemente por tomarem decisões sem conhecimento de causa. BP nos deu um manancial. Estão aí diversas literaturas escoteiras que falam do assunto. Se soubermos trabalhar bem nossos Monitores, se procurarmos ver o indivíduo e não o todo aí sim o sucesso será garantido. Quem mais precisa do escotismo são os jovens rebeldes e cuja sociedade não dão a eles nenhum valor ou oportunidade. Não vamos confundir com uma instituição de menores, nada disto. Vivemos em nossa vida julgando pessoas. Julgamos os atos e até as motivações como se soubéssemos quais eram. Julgamos tudo, seu modo de falar, andar e vestir.

O escotismo não é assim. Muitos caminham pelo lado errado, e estes é que deveriam ser julgados. As palavras do Cristo me vinha à mente enquanto dirigia, pensando que a Corte de Honra deveria ser valorizada pela sua possibilidade em melhorar os padrões da tropa e não para decidir a vida de um menino. E que foi que o Cristo disse? "Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?"

O destino de Lomanto Zarilson Mendes.

Desci da barcaça em Pedra Azul no porto da esperança e o vi na beira do Rio Amarelo. A principio tive dúvidas, mas depois a certeza era única. Era sim, tinha agora certeza absoluta. Ali estava o meu amigo Lomanto Zarilson Mendes. O homem mais procurado do mundo! Mudou muito nestes últimos vinte anos. Mais curtido e com aquele chapéu de palha e sua barba branca ninguém diria que era ele. Enchia a caçamba de uma carroça com as famosas areias brancas do Rio Amarelo. – Ei Lomanto! Gritei. Ele me olhou, pensou e depois viu que era eu – Chefe Osvaldo! Que prazer! Fui até lá. Abraçamos. Quanto tempo eim amigo? – É Chefe, faz tempo. – Mas olhe meu amigo Lomanto, não estou entendendo você aqui neste serviço braçal? – Quer tomar um café comigo? Ele disse. Com a carroça cheia e um descanso, então posso explicar. Lá fomos nós até a Praça de Pedra Azul em um barzinho onde ele tinha amigos e fomos muito bem atendidos.

Sentamos em uma mesinha embaixo de um Jacarandá enorme, com uma sombra linda e agradável. Uma sombra para ninguém botar defeito naquele dia ensolarado com calor acima dos trinta graus. Olhamos um para o outro. Ele sorria. Um sorriso de alguém que encontrou a felicidade. Mas ele também não era feliz antes? – Minha mente voltou em segundos ao passado em Figueira do Rio Mimoso. Cidade onde nasci e cresci. Lomanto, quem não conheceu Lomanto? A cidade inteira sabia dos seus passos. Aos

quatro anos diziam que tinha lido todos os livros da biblioteca. Uma mente privilegiada. No maternal as professoras não sabiam o que fazer com uma inteligência de um adulto doutor. Aos seis o colocaram no Grupo Escolar na oitava série. Não deu certo. Ele estava acima disto. O doutor Pilatos emprestou a ele seus livros de medicina. Era comum vê-los discutindo temas médicos na praça da cidade. O mesmo aconteceu com o Doutor Leimon um grande advogado e o Engenheiro Lamartine.

Seus pais nos procuraram no Grupo Escoteiro. Ninguém sabia o que fazer, mas recusar nunca. Os chefes de alcateia quebravam a cuca para moderar seus conhecimentos assim como quando passou para a tropa com oito anos. Errado? Não conheciam Lomanto para dizer isto. Se aos nove o vissem em um acampamento ficariam embasbacados. Lomanto era um mestre em tudo. Suas pioneiras tinham o acabamento dos melhores marceneiros do mundo. Fogões fechados e a vácuo, fornos de barro, escadas giratórias, amarras impossíveis de fazer assim como costuras de arremate que ele inventou com cipós. Aos onze insistiu em ir para os seniores. Com menos de seis meses tudo perdeu a graça para ele. Fez uma grande pesquisa sobre o escotismo. Estudou tudo que era publicado pela direção nacional. Aos quinze foi ao seu primeiro Congresso Nacional. Deixou todos embasbacados. Todos o procuravam para tirar dúvidas. Sabia de cor todas as publicações escoteiras no Brasil e no mundo. Sugeriram fazer dele aos quinze anos o novo Diretor Nacional de Formação de Adultos.

Foi uma discussão e tanto quando deram a ele aos dezesseis anos o certificado de DCIM. Foi convidado para palestras no mundo inteiro. No Grupo Escoteiro Manto Sagrado onde eu era o Chefe passei o cargo para ele. Foi bom, eu viajava muito. Convidado para cargos políticos recusou todos. Na cidade romarias de cientistas de todo o mundo era comum. Lomanto nunca cobrou nada de ninguém. Conseguiu um emprego nos Correios e lá recebia seus minguados salários. Jornais, revistas, TVs estavam sempre lá em busca de notícias. Lomanto ficou famoso. A WOSM ou OMME insistiram para ele ser o seu Diretor Geral. Não aceitou. Fazia palestras em vários países a convite e com passagens pagas. Foi agraciado com medalhas de diversas organizações escoteiras mundiais. Mas não ficava só nisto. Laboratórios farmacêuticos, grandes empresas de engenharia, outras de advocacia os procuravam sempre para pedir sugestões ou tirar dúvidas.

Todos nós que ficamos amigos dele estávamos preocupados. Isto não podia continuar. Seus cabelos aos dezoito anos estava quase todo branco. Seus olhos vermelhos pareciam não dormir nas últimas semanas. Um dia um helicóptero desceu sem nenhum aviso em Figueira do Rio Mimoso. Era a da Polícia Federal. O levaram para Brasília. Ministros queriam falar com ele. Os presidentes do Congresso Nacional o intimaram para uma homenagem. O presidente do Banco Central exigiu sua presença. Queriam opinião se subiam ou baixavam os juros. O Presidente da República o homenageou no Palácio da Alvorada. O novo Papa mandou um recado para ele ir a Roma. O pentágono ficou cismado. Nações do mundo inteiro mandavam espões. Figueira do Rio Mimoso começou a ficar insuportável. Surgiram centenas de hotéis pousadas e campings. Restaurantes internacionais, livrarias e até uma TV se instalou ali. Um dia Lomanto sumiu. Ninguém conseguiu achá-lo. A Polícia Federal e a Interpol fizeram tudo para encontrá-lo. Seus pais riam quando perguntavam. - Ele agora resolveu ir morar em um templo budista no Tibet. Quer ser um monge e descansar.

Aos poucos foram esquecendo-se de Lomanto. A cidade tomou enorme prejuízo com a estrutura hoteleira e outros que se formaram por causa dele. Quinze anos depois acharam que ele tinha morrido. – Pois é Chefe Osvaldo, dizia ele – Achei melhor assim e olhe hoje sou feliz. Conheci Noêmia, minha companheira com quem tivemos três filhos. Ela coitada nem ler sabe. Mas eu a amo demais. Não a trocaria por nada neste mundo. Fingi para ela ser um iletrado. Precisa ver como ela tenta me explicar às notícias que ouvimos no rádio. Mudei de nome. Aqui sou conhecido como Arlindo Landiscap. Ela nunca poderia saber o que eu era. Não esqueci nada e minha mente é a mesma. Apreendi a não pensar mais nisto. Aqui comprei esta carroça e faço carretos o que me dá o sustento que preciso. Levantei e me despedi de Lomanto. O trem da Central do Brasil que me levaria a Santos Dumont partiria dali à uma hora. Se não fosse só no outro dia.

Lomanto me pediu que não contasse a ninguém. Segredo de escoteiros. Dei minha palavra escoteira. Ele me conhecia e sabia que podia acreditar. Fui embora pensando o que é a vida. As escolhas que fizemos. Cada um sabe onde o sapato aperta. Lomanto poderia ter tido uma vida de rei. Seria mesmo um vida de rei? Entender suas escolhas só se estivéssemos em seu lugar. Escolheu ser um carroceiro, profissão digna, mas humilde. A maior inteligência de todos os tempos estava ali, apagada em um lar de quatro pessoas. Uma mulher e três filhos. Um lar de privilegiados. Mas quem disse que eu escolho a minha felicidade? Nunca. Você, só você sabe o que fazer para ser feliz. Que Lomanto com seu destino alcance o que quer. Que ele seja feliz para sempre!

Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz.

A chuva vai chegando mansamente.

Estava esperando por ela. Uma espera inolvidável. Quanta espera. Quando vai chegar? Eu me perguntava. Se vier que seja aquela que chega mansinha, pois dizem que é das boas. daquelas que chegam sem barulho. “Se tens vento e depois água, deixa andar que não faz mágoa”. Duram horas, dias e tem casos de semana. Adoro a chuva e sinto falta dela. Não importa onde caia. Pode ser em casa, viajando de trem nem posso falar. Pela janela do trem ver a chuva cair é um espetáculo inesquecível. Ali vai ele, o trem. A correr pelas campinas sempre ao lado de um rio caudaloso ou não e a chuva caindo. Que saudades!

Estava eu na varanda sentindo o vento forte que soprava. Devagar ele foi se acalmando. Agora apenas um vento simpático. E eis que ela chega. Como nos velhos

tempos trás uma gostosa brisa. Fresca. Espanta um pouco o calor de trinta e sete graus. Gostosa. Doce. Lembrei-me de acampamentos. Quantas e quantas vezes a chuva chegou. Às vezes brava, gritante, valente se sentindo importante. Raios enormes e trovões que ribombavam o céu. Outras mais calmas mais simples. São aquelas que não faziam barulho. Eu lembro-me de todas elas. Começavam a cair e diziam: - Calma não se assuste Escoteiro. Só vim molhar a terra. Estava seca. Precisava de mim.

Como era agradável na barraca, ouvir os pingos na lona caindo devagar ou aos borbotões. O som vibrante. Era como ouvir uma música suave, gostosa, como um cantar da mamãe nas noites de chuva para me fazer dormir: - “Vagarinho, vagarinho, fecha o olho no seu ninho, e o sono vai chegar. É o sono no escurinho, vagarinho vagarinho. Põe o mundo pra sonhar”... Tempos que já se foram. Lindas as madrugadas quando a chuva não parava. Era gostoso abrir a porta da barraca, sentir o cheiro da terra, o farfalhar das árvores molhadas, a floresta falando baixinho chove chuva. Maravilhoso! Chove chuva. Quantas melodias me vêm a memória. Prefiro uma só. Saudades de tantas, e quando ela chegar deixa chover!

Chuva

O céu está fechado escuro me parece vai chover no meu jardim
Depois que você me deixou nunca mais choveu em mim
Como esquecer todas as noites que a gente se amava sem pensar
Não tinha luz fazia frio e a chuva nos molhava.
Chove chuva, chove vem lavar esta saudade.
Leva do meu peito as lembranças que me invadem
Chove chuva, chove vem lavar esta saudade.
Lava do meu peito as lembranças que me invadem
Por favor.
João Bosco e Vinícius

O inesquecível Chefe Gafanhoto.

(história baseada em fatos reais)

Gente boa. Educado. Sabia ouvir, sabia cantar, era um grande mateiro, sempre sorrindo e com uma tropa Escoteira maravilhosa. Tinha um sonho. Um sonho maluco – Chefe Osvaldo, se Deus quiser um dia eu vou me alistar na Legião Estrangeira. – Você sabe o que é isto? Perguntei. - Claro, sei que quando se alista são cinco anos sem poder sair. Bem cada um com seus sonhos. Eu o conheci em um curso Escoteiro. Foram oito dias na mesma Patrulha. Chefe gafanhoto praticamente liderou a patrulha. Surpresa foi quando me disse que morava em Barra das Vertentes. Menos de cento e cinquenta quilômetros de onde eu morava. Em Luz do Amanhã. Tinha sido promovido a Chefe da Tropa há poucos meses. O curso me deu um novo caminho a seguir.

Chefe! Que tal acamparmos juntos? Minha tropa e a sua. – Grande ideia Chefe Gafanhoto. Quando? Vamos aproveitar janeiro do próximo ano. Falta menos de seis meses. Ficamos combinados. O local ainda iríamos decidir. Em fins de outubro recebi uma carta dele. – Chefe, o Senhor Molixto, pai de um Escoteiro tem uma fazenda próxima a Três Estrelas. Metade do caminho para mim e você. Acho que uns noventa quilômetros de sua cidade. Você passa Três Estrelas e marca mais cinco quilômetros. Verás uma bifurcação. Ali será o ponto de encontro. Até a fazenda são mais oito. Senhor Molixto me garantiu que lá tem um excelente local, próximo de uma cascata para banho e muitos bambus. Ele irá nos ceder dois carros de bois para transporte do material do entroncamento até o local. Garantiu também que será por conta dele a carne de porco, de boi, gordura, arroz, feijão, batata e verduras e frutas. Ele tem isto na fazenda!

Beleza! Mandeí outra carta confirmando o horário de encontro. A tropa vibrou quando contei do acampamento. Consegui na prefeitura um caminhão lonado, Chefe João o Chefe do Grupo conseguiu o que precisávamos de alimentos no Armazém do seu Amadeus. Iríamos com quatro patrulhas. Fizemos dois Conselhos de Patrulha e duas Cortes de Honra. Metade do programa nosso e a outra do Chefe Gafanhoto. Seriam seis dias acampados. Partimos em uma manhã chuvosa. O caminhão estava lonado. Rio Bahia, estrada de terra ainda sem asfalto. Noventa quilômetros. Chegamos às nove e meia da manhã. Corre daqui, corre dali, tralha nas costas, chuvinha intermitente e pegamos a bifurcação. Vimos à tropa do chefe Gafanhoto do outro lado do pontilhão de madeira. O córrego cheio. Imenso. Passava por cima da ponte. Não dava para atravessar. Um barulhão tremendo das corredeiras.

A Patrulha Raposa montou rápido um posto de transmissão de semáforas. Entendemo-nos. Armamos barraca debaixo de chuva e combinamos esperar a enchente diminuir. As patrulhas improvisaram um toldo e um fogão tropeiro. Saiu uma sopa com pão fresco. À noite as patrulhas resolveram conversar por Morse. A turma do Chefe Gafanhoto era boa na sinalização. Dormimos cedo. De manhã sem chuva, mas cinzento o céu. A enchente diminuiu. Rogério Monitor me procurou. Chefe, as barracas estão cheias de escorpiões. Ensinei o que deveria ser feito para empacotar o material de campo e individual. Graças a Deus ninguém foi mordido. Resolvemos atravessar sem a ponte, pois se não iríamos perder alguns dias o que não estava no plano. Cada Patrulha fez uma pequena jangada. Uma festa. A outra tropa gritando e ajudando. Às onze da manhã estávamos do outro lado.

Abraços, saudações, apertos de mão, uma festa. Partimos. Os carros de boi lotados. Rangendo. Cantando como sempre. Adorava isso. Chefe Gafanhoto brincando com todos, animando, todos rindo. Oito quilômetros tirados de letra. Uma hora da tarde chegamos. Seu Molixto gente boa. Comemos goiabas e bananas. Ele tinha uma carne de porco frita. Mas iríamos fazer o almoço. Fomos para o campo. Lindo local. A cascata era linda. Tem nome? Perguntei. Não. Eu te batizo como Cascata da Fraternidade. E assim foi dito, e assim foi feito e assim lavrado em ata. Seis dias maravilhosos. Parecia que os sessenta jovens ali presentes se conheciam a longo tempo. Mais que irmãos. Seu Molixto um gentleman. Dois meninos filhos de um meeiro (mora nas terras da fazenda, planta e dá uma parte para o dono) se encantaram. Chefe Gafanhoto os colocou cada um em uma Patrulha.

Tiana filho do Seu Molixto uma bela morena dos seus dezessete anos não tirava os olhos de mim. Infelizmente estava noivo e comprometido. Fiquei triste quando partimos e ela chorou. Lagrimas e lágrimas em seus olhos. No acampamento teve de tudo. Bois que invadiram o campo à noite acordando todo mundo. Ricardinho pegou uma traíra de quatro quilos. Só vendo para acreditar. A luta do bastão no remanso da Cascata da Fraternidade valeu por um acampamento. A jornada na Caverna do Vento outro. Começava em um lado da montanha e saía do outro lado. Mais de dois quilômetros na escuridão. E os pistoleiros? Sempre escorados no tronco da macaxeira a nos espiar. Seu Molixto dizia que eram de paz. Norbertinho em um jogo noturno caiu de uma árvore. Quebrou a perna. Foi levado a cidade e voltou para o acampamento enfaixado. Ele mesmo fez uma espécie de muleta para ele. Nunca chorou. Aproveitou tudo do acampamento.

A falsa baiana em cima do remanso a mais de quinze metros de altura deu o que falar. A ponte pênsil que a Patrulha do Morcego fez durou dois dias com um belo tombo do Japirim. O ninho de águia da Patrulha Coruja dizem está lá até hoje. Risos. A “desandeira” que deu em todos por comerem muita goiaba deu para rir a beça. Sempre um correndo para o WC que logo encheu! Final de campo. Meninos da fazenda chorando. Seu Molixto emocionado fez o juramento e recebeu os dois lenços um de cada grupo. Os dois pistoleiros vieram nos cumprimentar. Vi eu seus olhos a chama da esperança que não tiveram. Tiana me procurou dizendo que me amava e nunca mais ia me esquecer. Nunca mais a vi. Retorno triste, Chefe Gafanhoto tentando animar. Partida chorosa, nosso caminhão lotado. Dando adeus. Edinho com sua bandeirola de semáfora dizendo e repetindo um até logo até o caminhão virar a curva da estrada. Meninos se acenando dizendo adeus. Promessas de um novo reencontro. Amizades que se formaram e duraram por uma eternidade. Janeiro de mil novecentos e cinquenta e nove que entrou para a história.

Cinco anos depois recebi uma carta do Chefe Gafanhoto – Chefe Osvaldo, estou partindo para a França. Vou me alistar na Legião Estrangeira. Nunca mais o vi. Acho que seu sonho de ser um legionário foi realizado. Ainda deve estar lutando nas montanhas ao norte da Argélia. Sonhos são sonhos. Cada um faz o seu. Belo acampamento. Grande amigo o Chefe Gafanhoto. Nunca mais o vi e nunca mais o esqueci. Ficou marcado para sempre em meu coração.

Libachy, o lobo Vermelho do Vale da Coruja.

Ele sentou sob suas duas patas, pois estava cansado demais. Suas orelhas levantaram. A respiração ofegante terminara e agora seu sentido de observação estava em ação. Libachy o Lobo Vermelho não sabia o que fazer. Passou todo o dia correndo no vale da Coruja para encontrar alguma caça. Quase se afogou na Vertente do Rio Pucumé. Com muito custo conseguiu pegar sua presa. Um quati raquítico e magro e ele quase desistiu. Mas sabia que seu pai Inûnpiac precisava comer. Dois dias sem nada no

estomago Libachy sabia que dia menos dia ele iria partir para a Região Dos ventos Amigos, onde diziam os lobos viveriam felizes para sempre. Agora precisava tomar uma decisão. Nascera há muitos anos ali na Caverna do Morcego e toda a sua vida ele viveu no Vale da Coruja. Sua história poderia já ter terminado. Ele era o último da estirpe dos Lobos Vermelhos. Antes eram centenas deles. Lembrava ainda quando nasceu e sua Alcateia era forte, respeitada entre os demais lobos do Vale da Coruja.

Libachy olhava espantado para sua trilha que estava toda tomada por jovenzinhos humanos, com chapéus esquisitos e montando barracas bem onde devia passar. Ele lembrava que a muitas luas uma turma deles havia tentado atravessar o vale e desistiu. Pensou que nunca mais voltariam e ali estavam de volta. Nunca fez mal a eles. Libachy era um lobo amigo e não desejava mal a ninguém. Diferente de Sangue nos Olhos, A Onça Negra de mais de três metros e que também era a única a afugentar todos os bichos do Vale do Morcego. Ele sabia que ela era a única culpada por todos os seus infortúnios. A muitas luas todos viviam felizes e até mesmo Sangue nos Olhos não fazia mal a ninguém. Mas um dia resolveu ir para outras paragens e matou um bezerro recém-nascido. Foi à conta. Os fazendeiros em grupo foram à caça. Mataram quase todos os animais que acharam ser ferozes e sobrou somente ele e Sangue nos Olhos. Seu pai não conta, pois desde a lua nova que ficou manco das pernas traseiras não podendo mais andar. O Vale da Coruja não era mais o mesmo. Todos tinham medo de todos. O espírito sempre alerta para não ser morto por um tiro ou um animal mais forte esfomeado.

Libachy olhou de novo para a menina que vinha em sua direção. Ele sabia que não ia lhe fazer nenhum mal, mas e ela? Iria gritar e ele tinha de fugir deixando sua caça para trás. – Viu “quando ela riu e disse – Olá lobinho, eu também já fui uma lobinha” – Libachy assustou. Ele entendia tudo que ela falava. Como? Nenhum humano jamais conversou com eles. Pensou em sair correndo, mas viu a paz nos olhos da menina. – Eu preciso passar ele disse. Ela sorriu e replicou – Pode passar sim, ninguém vai proibir você. Como? Libachy criou coragem, pegou sua presa e correu como nunca. Chegou esbaforido na Caverna do Morcego onde estava seu pai. Pensou em não dizer nada para não assustar, mas Libachy sempre dizia a verdade. Seu pai o ouviu calado e no final disse – Um dia tudo vai terminar Libachy, enquanto os humanos não matarem Sangue nos Olhos e você, eles não ficaram felizes. Você está pagando um crime que não cometeu.

Libachy não dormiu bem à noite. Um medo enorme dos caçadores. A menina pode ter comentado com outros e eles não ficariam satisfeitos enquanto não exterminassem o último lobo vermelho e a última Onça Negra do Vale da Coruja. Mas ninguém veio. Pela manhã foi ver se já tinham ido embora. Eram muitos e divididos em turma. Em uma delas havia três meninas e cinco meninos. Educados, não gritavam, sorriam muito e cantavam canções que maravilhou Libachy. Seu medo agora era se Sangue nos Olhos não iria fazer mal a eles. Resolveu ficar ali e esperar. Se Sangue nos Olhos aparecesse ele os defenderia. Sabia que não podia enfrentar a Onça Negra, mas não iria deixar que ela fizesse mal aos meninos e meninas.

Sentiu que alguém acariciava sua pelagem ainda espessa. Olhou e viu a menina de ontem. Olá meu amigo, ela disse. Sou Olhos Brilhantes, monitora da Patrulha Águia, e você tem nome? – Libachy falou de uma só vez. Vocês não devem ficar aqui. – Por quê? Ela disse. Se Sangue nos Olhos ficar com fome será um perigo para todos. Ela

ficou pensativa. – Olhe porque não vem à noite? Teremos fogo de Conselho e vou apresentar você à tropa. Assim poderá contar porque corremos perigo. Libachy aceitou o convite. Seu pai disse para ele tomar cuidado. Nunca confiou muito nos humanos. Ao descer a trilha avistou dois automóveis. Um perigo. Sempre eram caçadores. Pensou em voltar, mas seguiu em frente. Encontrou todos em volta de uma grande fogueira. Olhos Brilhantes a escoteirinha correu para ele dizendo - Bem vindo meu amigo! Fique ao meu lado, vou apresentar você a todos. Foi bem recebido por uma palma escoteira.

Lá pelas tantas convidaram a ele para falar. Falou pouco. Que era um dos últimos dos lobos vermelhos. Todos seus irmãos foram mortos por caçadores. Agora era difícil viver ali. Ele não podia ir muito longe à procura da caça, poderia levar um tiro. Contou sobre Sangue nos Olhos a Onça Negra da Caverna do Urso. Que ela era como ele, não tinha mais amigos, só vivia fugindo. Nisto ouviram um barulho – era Sangue nos Olhos, uma enorme onça negra. Entrou no círculo dos Escoteiros sem medo. Pediu a palavra – Os fazendeiros me condenaram. Um dia um bezerrinho fugiu da sua mãe e entrou na grotta do quati, se perdeu e acabou morrendo lá no alto da cascata do Véu da Noiva. Eu estava com fome. Os abutres iriam comer o bezerro e porque não eu? Porque não podia aproveitar também? Mas me condenaram. Disseram que fui eu. Minha linhagem desapareceu. Todos que moravam junto comigo foram mortos por caçadores. É certo isto?

Seu Normando um fazendeiro amigo dos Escoteiros que foi convidado para a cerimonia pediu a palavra. – Escoteiros e animais, ele disse – Não sabia disto. Achei que eram muitos. Eu mesmo matei muitos lobos e onças negras. Confesso que estou arrependido. O Vale da Coruja são terras minhas. A partir de hoje nenhum caçador vai entrar aqui. Todos os animais poderão viver como sempre viveram. Em paz. Uma estrondosa palma ecoou por todo o vale. Olhos Brilhantes a escoteirinha veio abraçar Libachy, abraçou também Sangue nos Olhos. A partir daquele instante ficaram irmãos de sangue. Como na história da Jângal fizeram um juramento que iria valer por toda a vida. Escoteiros, lobos e onças seriam felizes e irmãos para sempre.

Contaram-me que quatro anos depois já se avistava matilhas de lobos vermelhos a correr pelo vale. Muitas vezes acompanhados por grande quantidade de onças negras que vagam pelo vale e nunca mais ninguém soube de mortes ou mesmo de brigas entre eles. Dizem ainda que Sangue nos Olhos e Libachy sempre andam juntos e que se alguém atacar um tem de atacar os dois. O pai de Libachy senhor Inûnpiac morreu alguns anos depois. Morreu sorrindo, pois seu vale agora era só de paz e felicidade.

As pessoas viajam para se maravilharem com a altura das montanhas, com as grandes ondas do mar, o longo curso dos rios, os vastos espaços do oceano, o movimento circular das estrelas; e passam por si próprias, sem ficarem curiosas. *Santo Agostinho*

A Árvore dos esquecidos.

Ela sempre esteve ali, na curva do Gavião Vermelho bem próximo as corredeiras do riacho Alegre onde sempre íamos acampar. Era uma linda árvore, pena que não a identifiquei. Eu me esquecia dela sempre, pois muitas vezes só valorizamos os que estão ao nosso lado e esquecemo-nos dos outros que um dia fizeram tudo por nós. De vez em quando ela me vinha à mente. Não me pergunte seu nome. Não sei. Sabia que era frondosa, pois em sua volta sempre havia uma enorme sombra e nós escoteiros ali nos deliciávamos com o frescor que ele produzia para aqueles que se deliciavam como nós. Da cidade até a Porteira do Rancho Estrela Verde era mais de seis quilômetros. Interessante, nunca fiquei sabendo o nome do dono do rancho.

A porteira era sempre esperada na jornada ou nas caminhadas. Grande, enorme, parecia nova e o vai e vem sensacional. Passávamos para o outro lado com a carrocinha e lá a deixávamos. Todos voltavam e se encarapitavam na porteira. Um de nós a levava até o barranco e soltava. Ela saía a toda velocidade passava pelos dois troncos centrais, ia ao outro lado, voltava e ficava assim quatro ou cinco vezes em um delicioso movimento de vai e vem. Nunca apareceu ninguém para nos chamar a atenção. Quando o sol ia a pino era hora de partir. Na volta sairíamos mais cedo para nos divertir na Porteira do Racho Estrela Verde. A partida era sempre triste, todos olhavam para ela com saudades.

Era hora da subida. Deus do céu! Era o pior da jornada. Quando da primeira curva já avistávamos a Arvore dos Esquecidos. Porque este nome? Quem batizou? Ninguém sabia. Meia hora depois lá estávamos. Ainda bem. O suor escorrendo no pescoço e na testa. Agora era hora de tirar uma soneca e aproveitar a brisa gostosa que a Árvore dos Esquecidos fazia questão de nos presentear. Era a única naquela subida. Claro havia alguns arbustos, mas ela era sensacional. Meia hora de cochilo. Acordamos com o barulho dos trovões. Olhamos para o céu e vimos nuvens negras bem no rumo do nosso destino. Pé na taboa e Deus que nos ajude. Nem despedimos da Árvore dos Esquecidos. Deveríamos, mas que ia adivinhar?

Não foi difícil montar o acampamento debaixo do temporal. Estávamos acostumados. O local era ótimo. Centenas de coqueiros anões. As folhas serviam como toldo e até a noite duas barracas montadas, mesa, toldo, bancos e quase terminado o fogão suspenso. Alguns já rachavam lenha, pois sabíamos que no meio estavam secas. A sopa esquentou o estomago e o corpo. Melhor não fazer fogueira. Tínhamos pouca lenha rachada e seca. Fomos dormir naquele primeiro dia mais cedo. Foram três dias acampados, sempre com uma chuva miúda. Algum programa não deu para fazer. No domingo levantamos acampamento às duas da tarde. Sem dificuldade. Três e meia à bandeira descia do mastro. Uma oração e lá fomos nós estrada acima.

A subida da volta não era tão íngreme. Ao dar a volta no morro não vimos ao longe a Arvore dos Esquecidos. Árvore? Não existia nenhuma árvore. O que houve? Ficamos preocupados. Mais meia hora e chegamos. Uma cena dantesca. A Árvore jazia a seis metros de onde deveria estar. Caída, parecendo morta! Um raio a cortou no tronco

bem próximo ao chão. Ela ainda estava verde, as folhas balançavam, mas estava agonizante. Não havia retorno. Não podíamos fazer nada. Ficamos em volta dela. Muitos choravam. E agora? Como tirar aquela soneca gostosa da subida até a curva do Gavião Vermelho? Ficamos ali por muito tempo. Em silêncio. Prestando a nossa homenagem a uma Arvore que agora sabíamos que era dos esquecidos. Todos nós um dia iríamos nos esquecer de sua beleza, de sua sombra do seu orvalho.

A tarde chegou, hora de partir. O ultimo adeus. O sol inclemente dos dias que virão iria fazer com que ela possa dar seu último suspiro. As folhas vão secar os troncos também. Agora nós sabíamos que algum mateiro a passar por ali, iria se servir de troncos e galhos para fogo. Triste destino de uma arvore que nos deu tudo. Partimos em silêncio sem olhar para trás. Era triste demais ver aquela que um dia foi amiga fiel do sol inclemente. Na Porteira do Rancho da Estrela Verde não nos divertimos como fazíamos sempre. Passamos direto. Não havia ânimo. Estávamos cabisbaixos, tristes, perdemos uma amiga que nem sequer nos lembrávamos sempre. Mas ela eu sei que ficou marcada para sempre no coração de todos.

Nunca mais voltamos lá. Nunca mais acampamos no Rancho da Estrela Verde. Nunca mais vimos à porteira da felicidade. Seria difícil muito difícil suportar a subida até a curva do Gavião Vermelho. Onde sempre avistamos com alegria e agora não mais existia, aquela que ficou na lembrança para sempre. A Árvore dos Esquecidos!

O último voo do Falcão.

O horizonte desaparecia no infinito. Quem o visse ali com as asas entreabertas naqueles penhascos longínquos do Pico das Mil Vidas nunca imaginaria que um Falcão estava vivendo seu últimos dias de grandes jornadas. Sua vida estava se esvaindo. No seu pensamento lembrou-se de um poema que seus ancestrais lhe ensinaram – “Combati o bom combate, completei a carreira e guardei a fé. Não espero o prêmio da vitória, pois mesmo tendo levado uma vida correta nunca me senti um vencedor”. Ele sabia que seu fim se aproximava. Estava ali há vários dias. As forças já não existiam mais. Diziam que ele era a ave mais rápida do mundo. Suas asas pontiagudas e finas o ajudavam na caça em espaços abertos. Quanto tempo se passou quando lá pelos lados do Vale dos Sonhos coloridos, ele e Abbat voavam pelos céus, quem sabe para se mostrarem belos, majestosos e admirados pelas outras aves que nunca poderiam fazer o que eles faziam.

Abbat, onde estará ela? Ainda no ninho do Sol Nascente? Mas suas duas proles não estavam crescidos e tinham ido procurar viver suas vidas em outras plagas? Abbat,

sua eterna companheira. Lembrava que todas as manhãs ele via a gazela acordar, ele sabia que ela precisava correr lépida para sobreviver às sanhas dos leões. Não importa se você é leão, gazela ou um falcão. Quando o sol nascer era hora dos voos em busca do vento, olhar o firmamento e pensar que precisava se alimentar para sobreviver. Viu do outro lado do Vale da Felicidade um Jaguar. Enorme. Parecia um gato manchado de preto e amarelo. Estava firme com seu olhar tentando saber como chegar até ele. Tudo mudou. De caçador agora era a caça.

Sabia que mais cedo ou mais tarde o Jaguar das Terras Altas chegaria onde ele estava. Sabia também que não podia voar, não podia reagir, a morte seria o fim da vida? Sua mente voava pelos campos floridos. Nunca esqueceu Abaat. Quantas vezes ele voou para levar a sua companheira e sua prole a refeição do dia? Lembrou-se dos mundos coloridos que conheceu. Voou para todos os lugares e conhecia o caminho do sol, das estrelas, era um falcão valente e que agora estava no fim da vida. Olhou para baixo e viu no Vale da Esperança vários meninos e meninas de azuis e lenços rindo e brincando. Já os tinha visto antes. Todos iguais com uma espécie de coroa azul na cabeça que chamavam de boné de lobo e um lindo lenço amarrado no pescoço.

Olhou novamente. O Jaguar havia desaparecido. Ele sabia seu destino. Ele sabia que o Jaguar o encontraria. Pensou em seu Deus. Ele também acreditava num ser supremo. Deus! Ó Deus! Onde estás que não responde? Em que mundo em que estrela tu te escondes? Ele pensava e ria. Ele morreria com honra. A morte estava enganada. Eu vou viver depois dela! Olhou para o vale novamente. Os meninos de azuis montaram barracas, corriam satisfeitos, saltitantes, cantantes como o regato que com suas águas mansas corria lentamente pelo Vale da Esperança. Olhou sua plumagem. Considerava-se belo. Suas patas amarelas se tornaram lendas para quem as enfrentou. Seus olhos negros com anel amarelo eram enormes. Podiam ver o infinito. Amava suas asas, enormes. Com elas correu mundo.

Sentiu um toque em suas asas. Assustou-se. Tão rápido o Jaguar o encontrou? Fechou os olhos. Não podia reagir. Não tinha forças. O Valente Falcão Peregrino agora era uma sombra do passado. Morrerei com honra pensou. Sentiu o toque novamente. Olhou. Não era o Jaguar. Era uma menina. Linda de olhos azuis. Com seu lencinho verde e amarelo no pescoço ela sorria. Ele queria falar, sabia que não seria entendido. Mesmo assim ele crocitava, piava e a menina entendeu! Tirou do seu bernal um farnel que seria seu lanche do dia e deu para ele. Sabia que a Akelá iria compreender. O Falcão sorriu. Ele precisava. Estava fraco. Cinco dias sem comer e beber água. Comeu tudo! Sentiu suas forças voltarem. Agora estaria pronto para enfrentar o Jaguar. Um apito ecoou ao longe. A menina de olhos azuis se levantou e disse – Adeus meu amigo Falcão! Ele não entendeu.

Em um esforço sobre humano ele deu três passos para frente e alçou voo. Iria fazer o ultimo voo do Falcão no espaço para ela. Para a menina lobinha. Queria que ela soubesse do seu agradecimento. Ela lhe devolveu a vida. Alçou voo rumo ao infinito e voltou célere. Fez uma virada lateral como fazia no passado. Viu que ela batia palmas. Partiu rumo ao Vale do Sol Nascente. Um voo que nunca na vida ele tinha feito com aquela velocidade. A menina sorria lhe acenou com os bracinhos como a dizer adeus. Ele partiu. Sabia aonde ia. Seguiria o sol no seu caminho para o oeste. Precisava encontrar

Abbat. Viu o Jaguar próximo da escarpa onde estava olhando para ele. Sorriu. Não foi desta vez meu amigo. Quem olhasse para o céu, veria um Grande Falcão Peregrino com suas asas enormes, voando junto ao sol e que aos poucos desaparecia no horizonte.

Não sei se ele encontrou Abbat. Deve ter encontrado. Ele sabia que sua linhagem não iria desaparecer no tempo. Suas duas proles velejavam pelos céus a mostrar sua raça, a mostrar sua força e coragem. Em sua mente eu sei que ele dizia para si próprio: - “Às vezes eu falo com a vida, às vezes é ela quem diz – Qual a paz que eu não quero conservar para tentar ser feliz”?

O grande amor de Lourenço Malenkaia.

Ele era o Escoteiro mais querido no Grupo Escoteiro Mar de Espanha. Era admirado e todos sabiam dos seus feitos nos grandes acampamentos e nas jornadas intermináveis que fazia e deixava saudades por aqueles que tiveram a honra de participarem junto a ele. Estou falando de Lourenço Malenkaia. Não foi da minha Patrulha, era da Leão. Mas ser seu amigo era motivo de orgulho. Alto, magro, cabelos louros encaracolados e sempre com um sorriso nos lábios, Lourenço Malenkaia sabia como fazer amigos. Com quinze anos pediu ao Chefe se podia ficar até os dezesseis. Queria terminar sua Primeira Classe com chave de ouro. Pediu e o Chefe aceitou que fizesse a jornada sozinho. Queria ficar três dias, só ele, uma faca, um facão, uma manta, sal e óleo e mais nada. Seria seu desafio. Precisava provar a si mesmo que sobreviveria. As outras patrulhas assustaram. Como? – Isto é possível? De Lourenço Malenkaia nada era impossível.

Partiu sozinho em uma sexta pela manhã, garboso um sorriso enorme, atraindo olhares rumo a Mata do Roncador. Todos o olharam com orgulho. Mochila nas costas, um bastão a tiracolo e cantando “Avançam as Patrulhas” em marcha de estrada lá foi ele rumo à trilha do Cardim para atravessar o Rio Jambreiro na parte alta da fazenda Santa Cecília. Todos escoteiros ficaram ansiosos com sua volta. Era um fato inédito. Uma jornada sozinho? Nunca aconteceu. No domingo a tarde ele apareceu na curva do Urubu Rei, próximo à porteira do seu Nonato. Cantando, sorrindo, chapéu jogado para trás, mechas de cabelos louros caindo na testa uma passada que dava inveja lá foi ele para a sede onde se apresentou ao Chefe Jessé garbosamente – Pronto Chefe! Jornada realizada. Para dizer a verdade e pelo que eu saiba ninguém mais repetiu o feito de Lourenço Malenkaia. Dizem eu não sei bem que até hoje a Patrulha Leão é procurada por muitos para ler no Livro de Ata tudo que Lourenço Malenkaia fez e ali foi escrito.

Lourenço Malenkaia era filho do médico Doutor Arthur Malenkaia e de Dona Arminda Malenkaia, que trabalhava no Escritório do Advogado Pedreira. Não era um aluno brilhante, mas no Colégio Dom Pedro era muito querido. Que o diga o Padre Bento Solano diretor e o terror dos demais alunos. Eu e Lourenço Malenkaia não éramos íntimos. Nunca fomos. Até hoje não entendi porque ele me procurou naquela manhã de domingo. Pelo que me constava devia ter ido com sua Patrulha acampar nas margens do Rio Barão Vermelho em um acampamento de cinco dias. Eram férias de julho. Eu não tinha ido junto a minha Patrulha. Meu pai adoecera e precisava de mim para abrir sua sapataria, pois além de arreios para cavalos ele também fabricava sob encomenda sapatos na medida. Qualquer venda valia o almoço da família. Ele adentrou na sapataria com os olhos tristes e chorosos. Eu estava sozinho engraxando alguns pares de sapato, que me daria uns trocados e o seu Sempre Alerta foi dado sem nenhuma alegria.

Preciso falar com você – disse. Fiquei calado. – Você conhece a Dorita Moscano? – Assustei. Claro que sim eu disse. – Estou perdidamente apaixonado por ela, disse de supetão. Não sei o que fazer de minha vida. – Falar o que? Dorita Moscano era a moça mais linda da cidade. Muito conhecida como a mais traquina e sapeca era o dodói da garotada sedenta de amor. Sua fama de namoradeira e outras “cositas más” corria longe. Muitos diziam que era a única que deixa se beijar com beijos de “língua”. Eu mesmo nem sabia o que era isto. Famosa na cidade principalmente pelos filhos dos bem aquinhoados. Vi que Lourenço Malenkaia estava de cabeça baixa. Soluçava. – Não sei o que fazer! Não quero conselhos. Acho que estou louco. Nunca pensei em ficar assim. Amor para mim sempre foi uma bobagem que em escoteiros como nós nunca vai e não pode acontecer. Quer saber? – Se amar pode nos deixar loucos então estou louco. – Deus do céu! O que estava acontecendo com Lourenço Malenkaia?

Eu sempre fui bom ouvinte. Acho que foi por isto que ele me procurou. Ficamos horas debaixo da aroeira frondosa da Praça São Joaquim jogando conversa fora naquela noite. Nada demovia seu intento. – Disse que ela o beijou sem ele esperar no muro atrás do Colégio das Irmãs Caritas. – Fui pego de surpresa – Mas que beijo! Senti sua língua na minha boca. Sensação incrível! Nunca imaginei que isto pudesse acontecer. Não sei meu amigo, acredite virei seu escravo na hora! – Meu Deus! Lourenço Malenkaia não estava em seu estado normal. Não podia ser aquele Escoteiro Primeira Classe que era admirado por todos. – Porque não procura o Chefe? Falei. – Não, ele não vai me ajudar. Vai ficar falando, falando dando conselhos e acho que ele nem sabe o que é um amor de verdade. – Mas você só tem quinze anos! – Ainda nem sabe o que é a vida! – Sei sim disse, sei que agora minha paixão por ela é única. Sei ainda que ela ri de mim, fala de mim como se fosse um bobão, mas eu sei que a amo. Meu amor é a essência de minha alma. Nunca vou deixar de amar Dorita Moscano.

Não estava entendendo nada. Meus quinze anos era de menino sonhador. Sonhador de aventuras escoteiras é claro. Tinha namorada, ainda no "Velho" estilo de só por olhar de longe, vê-la balançar os cabelos, um piscar de olhos, um sorriso inocente e mais nada. Beijo? Nem pensar. De língua então me assustava. Olhe, tudo complicou na vida de Lourenço Malenkaia. Seu pai o deixou preso em casa. Não quis estudar mais. Um desastre na família. Ele fugia. Encontrava-se furtivamente com Dorita Moscano. Ela ria dele. Mas não sei sentia algum por ele. O tempo foi passando. Lourenço Malenkaia foi definhando. Cresceu mas era um trapo de homem. Quem viu aquele belo Escoteiro não

acreditava no que via agora. Soube que o internaram no famoso Hospício de Barbacena. Hoje considerado um padrão no histórico centro Hospitalar Psiquiátrico um dos melhores do Brasil.

Para dizer a verdade eu esqueci completamente do acontecido. Tantas coisas aconteceram em minha vida que Lourenço Malenkaia foi como uma página virada que não mais me dizia respeito. A vida de cada um tem um sentido e o destino não pode ser mudado. Li muito romances sobre grandes amores. O de Lourenço Malenkaia e Dorita Moscano não tinha igual. Acho que foi um amor impossível de acontecer. Ainda mais de garotos. Imberbes. Sem nenhum conhecimento da vida. Sabia que não haveria nunca um futuro na união dos dois. Mas a vida nos reserva surpresas enormes. Muitos anos depois estava em Capistrano Ferreira onde tentava vender uma colheitadeira para o fazendeiro Don Antonio Leismael e a noite ele insistiu cervejinha gelada no “Vale das Flores” Cidade pequena sem o que fazer só iria viajar na manhã seguinte aceitei. De lá até a Boate da Rosinha foi um pulo. Até estranhei o luxo. Sentei em uma mesa do canto e logo uma morena linda me rodeou. “Minina” eu disse, só uma cerveja, não me leve a mal, mas sem companhia.

Bebericava calmamente ouvindo o barulho do Xaxado tocando por uma bandinha e eis que aparece nada mais nada menos que Lourenço Malenkaia! Em pé me olhou e disse: - Vado! O Escoteiro engraxate da Patrulha Lobo? – Sorri. Eu mesmo Lourenço Malenkaia. Nunca pensei em encontrá-lo ainda mais aqui. Ele sentou. Sorrindo me contou em poucas palavras sua vida. – Olhe amigo, repito para você que foi o único que soube me ouvir. Eu amo e sempre amei Dorita Valverde. Amo com amor. Não conheço nenhuma outra razão para amar assim. Que queres que te diga, além de que a amo demais. Nunca a deixei. Sou até hoje seu escravo. Dizem meu amigo que o amor é como o vento. Não podemos ver, mas podemos sentir. Internaram-me em Barbacena. Fugí de lá. Vaguei por terras desconhecidas e ao chegar aqui encontrei de novo minha amada.

Ela é dona desta boate. Pouco liga para mim. De vez em quando me dá um pouco de seu carinho. Aprendi a aceitar as migalhas que ela me dá. Sou louco mesmo. Louco de amor. Fiz da minha vida um sonho imperfeito. Só vivo a me arrastar por esta mulher. Nem digo se é uma doce paixão. Se amar é um afeto pode ser uma ilusão. Acho mais que é uma loucura. Ele sorria docemente. Pediu um guaraná. Uma mulher meio gorducha, toda “embonecada”, mas com feições belas se aproximou. Deu para reconhecer. Era Dorita Moscano. Deu um beijo na testa de Lourenço Malenkaia. E lá se foi entre as dezenas de clientes da boate que pediam sua companhia. Nem me olhou. Claro não me conhecia - E o escotismo? Perguntei. - Nunca mais. Era um amor que tinha no peito e foi substituído por esta paixão avassaladora. Não disse mais nada. Tomei o último copo e parti. Nunca mais o vi. Vida é vida, história é história. Destino é destino. Escolhas são escolhas e o livro arbítrio de cada um não pode ser alterado ou ignorado.

O sonho de um menino Escoteiro fugiu em uma nuvem que se espalhou no céu. Não dá para segurar a brisa e o orvalho da manhã. O melhor é esperar o vermelho do sol nascente. Ele pode trazer alegrias para uns e tristezas para outros. São recordações que sumiram como o vento forte que pegou de jeito uma Patrulha em uma ravina qualquer. Nem deu tempo de alertar para fincar os chapéus. Afinal escoteiros também amam? Amor é uma palavra que poucos ainda souberam explicar com exatidão. Mas a

felicidade não é a minha. A felicidade é a de quem achou um dia ter encontrado uma razão para viver. Lourenço Malenkaia e Dorita Moscano encontraram seu verdadeiro amor. Diferente do que muitos acham que vale a pena. Que eles sejam felizes. É meu desejo sincero!

FIM



